



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

EPITÁCIO SILVA LOPES

**ENSINO DE SINTAXE NO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: USO DA
TEORIA DOS GRAFOS**

**CAJAZEIRAS -PB
2016**

EPITÁCIO SILVA LOPES

**ENSINO DE SINTAXE NO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: USO DA
TEORIA DOS GRAFOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG, Campus de Cajazeiras, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador(a): Dr. Onireves Monteiro de Castro

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

L864e Lopes, Epitácio Silva.
Ensino de sintaxe no 8º ano do ensino Fundamental: uso da teoria dos grafos / Epitácio Silva Lopes. - Cajazeiras, 2016.
105p. : il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Onireves Monteiro de Castro.
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) UFCG/CFP, 2016.

1. Sintaxe–ensino. 2. Língua portuguesa-ensino fundamental. 3. Teoria dos grafos. I. Castro, Onireves Monteiro de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 81'367

EPITÁCIO SILVA LOPES

**ENSINO DE SINTAXE NO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: USO DA
TEORIA DOS GRAFOS**

Trabalho dissertativo apresentado no dia 17/11/2016, pelo mestrando Epitácio Silva Lopes e avaliado pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Onireves Monteiro de Castro – UFCG/CFP
Orientador

Profa. Dra. Maria Vanice Lacerda de Melo Barbosa – UFERSA

Profa. Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais – UFCG/CFP

E a sintaxe se fez vida
E a vida mais amor

Enquanto estrutura,
Produziu sentido

Sentidos capazes de registrar na história
Seu processo evolutivo

Por muitos temidos,
Por outros admirados,

A sintaxe merece o seu destaque
No seu requinte de criar

Possibilita comunicar,
As palavras combinar

Enfrentando barreiras na sua forma de aprender,
Quando muitos não sabem a ensinar
Para que ensinar

Sintaxe das psicologias, das estruturas, das transformações
Sintaxe dos humildes, simples, dos cultos, elitistas
Sintaxe dos linguistas

Sintaxe da comunicação, sintaxe das angústias
Sintaxe da coragem

Sintaxe da vida, conhecimento singular.

À sintaxe, minha língua, minha vida, dedico!

AGRADECIMENTOS

Em tempos de individualismo, é preciso perceber que sem o outro não estamos completos, pois mesmo no egoísmo, faceta presente na humanidade, ninguém cresce sozinho, ninguém aprende sozinho, logo, nada mais justo que reconhecer e saber o momento certo de agradecer. Agradeço:

A Deus, pela sua infinita bondade, pela proteção diante dos perigos que cercam a vida, pela capacidade de fazer com que eu não aceite as minhas limitações, e mesmo reconhecendo as minhas falhas, sinto que não desiste de mim. Obrigado, meu Senhor, pela companhia constante em minha vida, nos momentos de dúvida, a Sua presença faz-se presente, permitindo compreender que cada um tem uma missão, e a minha só inicia.

Aos meus pais, pela presença constante, confiança, apoio, preocupação e proteção.

Ao meu irmão Sócrates, por sair do descanso e da tranquilidade de sua casa, para me apoiar nos momentos que antecederam a minha viagem a Cajazeiras bem como o aguardar nessas estradas da vida para que eu retornasse mais cedo ao lar.

Aos meus sobrinhos, Juan Pablo e Ana Letícia, que me inspiram ir à procura de novos caminhos.

Aos amigos e amigas, que depositam uma fé na minha pessoa, que estão nos meus melhores sorrisos.

Aos professores, colegas de trabalho, à escola, núcleo gestor, pela compreensão e por total apoio.

Aos meus alunos, razão maior para que eu possa aprofundar no mundo vasto do conhecimento e melhorar minhas práticas pedagógicas para que eles possam sentir confiantes para enfrentar os desafios da vida.

Ao amigo Sérgio e às amigas Maria e Socorro, por caminharem ao meu lado, dispostos a me ensinar, a aprender juntos, e não me fazer sentir sozinho.

À cidade de Cajazeiras (PB), que cheguei com receio, mas fiz dela minha segunda casa, meu cansaço descansado, meu riso aliviado, minha peregrinação para definir meus passos.

Aos professores do Profletras, pela sapiência nos embates, discussões ocorridas na sala de aula e disposição pós-sala.

Ao meu orientador, professor doutor Onireves Monteiro de Castro, pelas sábias inferências e interferências ao longo do trabalho. Ratifico que sem a disposição, o cuidado, a atenção, não conseguiria caminhar diante das teorias aqui estudadas. Quando digo “meu” orientador, esse pronome adjetivo, possessivo, indica o respeito e a admiração, banhado em um mar de subjetividades. Com ele aprendi não só sobre a sintaxe, aspecto linguístico, mas sobre a sintaxe da vida. Um exemplo de profissional, possuidor de uma sabedoria admirável. Uma estrela, na constelação brasileira.

O assassino era o escriba

Meu professor de análise sintática era o tipo do sujeito inexistente.

Um pleonasma, o principal predicado da sua vida,

regular como um paradigma da 1ª conjugação.

Entre uma oração subordinada e um adjunto adverbial,

ele não tinha dúvidas: sempre achava um jeito assindético de nos torturar com um aposto.

Casou com uma regência.

Foi infeliz.

Era possessivo como um pronome.

E ela era bitransitiva.

Tentou ir para os EUA.

Não deu.

Acharam um artigo indefinido em sua bagagem.

A interjeição do bigode declinava partículas expletivas,

conectivos e agentes da passiva, o tempo todo.

Um dia, matei-o com um objeto direto na cabeça.

RESUMO

A sintaxe constitui um campo de estudo que diz respeito à combinação entre as palavras para a construção da frase. O ensino de sintaxe da língua portuguesa é inerente à capacidade de compreensão e elaboração de textos orais e escritos, embora encontre dificuldades no ensino atual. A partir disso, foi realizada uma pesquisa sobre as principais correntes da sintaxe, a disposição dos componentes sintáticos nos livros didáticos com o objetivo geral de propor estratégias de utilização de múltiplos usos da Teoria dos Grafos no ensino de sintaxe com o período simples no 8º ano do Ensino Fundamental. Alguns estudiosos vêm apresentando propostas para a melhoria desse estudo a partir dessa modalidade de ensino. Para compreender o ensino de sintaxe, de acordo com as diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a teoria em voga sobre os tipos de sintaxe e a forma como esta está presente nas escolas, observa-se um distanciamento entre o que se propõe pelas teorias e o que é vivenciado nas salas de aula através do livro didático, disseminando a ideia de que aprender sintaxe é difícil. A Teoria dos Grafos, método que permite ao aluno visualizar a estrutura da frase, compreender a sua organização e auxiliar como um facilitador para a sua produção, melhorando o processo comunicativo tanto no aspecto da escrita como da oralidade, colabora para melhor assimilação do conteúdo ensinado. Trata-se de uma pesquisa baseada em estudos bibliográficos com fins de reflexão sobre o ensino do componente sintático presente no livro didático adotado pela escola, visto de forma fragmentada e isolada, o que justifica propor meios para melhoria do ensino e compreensão da sintaxe, fundamentada, principalmente, nas produções de Borba (1979), Franchi (2013), Borgatto (2012), Cereja (2015), para construção de um guia didático que aborda o ensino de sintaxe com a Teoria dos Grafos.

Palavras-chave: Ensino. Sintaxe. Teoria dos Grafos.

RESUMEN

La sintaxis es un campo Lingüística Área de estudio que está relacionada con la combinación de las palabras para la construcción de la frase. La sintaxis de la educación de la lengua portuguesa es inherente a lo que se dice a la capacidad de comprensión y la preparación de textos orales y escritos, aunque tienen dificultades en los problemas educativos actuales. De esto, se realizó un estudio de las principales corrientes de la sintaxis, con el objetivo general de la propuesta de los múltiples usos de la Teoría de Grafos en la sintaxis simplemente periodo en el octavo grado de la escuela primaria la enseñanza. Algunos estudiosos han presentado propuestas para la mejora de este estudio de este tipo de educación. Para entender la sintaxis de la educación, de acuerdo con las directrices de los Parámetros Curriculares Nacionales (PCN) y la teoría en boga en los tipos de sintaxis y la forma en que esto está presente en las escuelas, hay una brecha entre lo que se propone teorías y lo que se vive en las aulas a través de los libros de texto, la difusión de la idea de que es difícil aprender la sintaxis. La teoría de grafos, método que permite a los estudiantes a visualizar la estructura de la oración, para comprender su organización y ayudar como facilitador para su producción, mejorando el proceso de comunicación, tanto en el aspecto de la escritura como la oralidad, contribuye a una mejor asimilación de los contenidos impartidos. Esta es una encuesta sobre la base de los estudios publicados con fines de reflexión sobre la enseñanza de componente sintáctico presente en el libro de texto adoptado por la escuela, como una forma fragmentada y aislada, lo que explica proponer formas de mejorar la enseñanza y la comprensión de la sintaxis, basadas, principalmente, en Borba productions (1979), Franchi (2013), Borgatto (2012), Cereja (2015), para la construcción de una guía didáctica que se ocupa de la sintaxis de la enseñanza con la Teoría de Grafos.

Palabras clave: Educación. Sintaxis. Teoría de Grafos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema de pontes	38
Figura 2 – Grafo das Pontes de Königsberg	38
Figura 3 – Grafo regular	39
Figura 4 – Grafo completo	40
Figura 5 – Grafo bipartido	40
Figura 6 – Cadeia	40
Figura 7 – Arborescência	40

LISTA DE IMAGEM

Foto 1	47
Foto 2	50
Foto 3	52

LISTA DE SÍMBOLOS E ABREVIATURAS

Adj. Adn. – Ajunto Adnominal

Adj. Adv. – Ajunto Adverbial

CV – Complemento verbal

Det. – Determinante

Predet. – Predeterminante

Pós-det. – Pós-determinante

TG – Teoria dos Grafos

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

SN – Sintagma Nominal

S - Sujeito

V – Verbo

P – Preposição

SV – Sintagma Verbal

Aux – Auxiliar

PP – Principal Particípio

M – Modificador

N – Nome

SPrep – Sintagma Preposicional

Se – pronome reflexivo

∅ - Vazio, nulo, inexistente

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE GRAMÁTICA: SINTAXE	20
2.1 CONCEITOS DE SINTAXE	23
2.2 OS VÁRIOS TIPOS DE SINTAXE	25
2.2.1 Sintaxe Psicológica	26
2.2.2 Sintaxe Estrutural	27
2.2.3 Sintaxe Transformacional	31
2.3. OUTROS TIPOS DE SINTAXE	32
2.3.1 Sintaxe Minimalista	33
2.3.2 Sintaxe Experimental	33
2.3.3 Sintaxe Lexical	34
2.3.4 Sintaxe Computacional	35
2.3.5 Sintaxe Funcional	35
2.3.6 Sintaxe Descritiva	36
2.3.7 Sintaxe Normativa Tradicional	37
2.4 TEORIA DOS GRAFOS	37
3 PROPOSTA PARA O ENSINO DE SINTAXE COM A TEORIA DOS GRAFOS	45
3.1 Da escolha do livro didático	45
3.2 O livro didático escolhido	47
3.3 Da proposta de intervenção	52
3.4 O guia didático	55
GUIA DIDÁTICO	56
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	102

1 INTRODUÇÃO

Vive-se em um novo tempo. Mudanças no campo social, político, econômico, cultural e tecnológico impulsionam transformações nas instituições sociais, como a família e a escola. Essas mudanças ocorridas, especialmente ao que compete ao ensino, mesmo revestidas por uma nova roupagem, ainda apresentam práticas um tanto conservadoras, ou até mesmo inovadoras, mas sem a eficiência e a praticidade necessárias para assegurar a aprendizagem de maneira mais significativa dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

É diante dessa nova escola, impulsionada pela presença de teorias sobre o ensino de língua materna, ainda cercada de problemas de outrora, em que se percebe um distanciamento entre as práticas de ensino e a forma de como é formulado e transmitido o conhecimento. Essa situação presente na sala de aula afeta de forma negativa o ensino e, conseqüentemente, um dos resultados, a aprendizagem, processo contínuo, gradual, mas dinâmico, feito através de estudos e de reflexões que se propõem mostrar possibilidades de realizar mudanças pertinentes na maneira de ensinar e aprender, diminuindo distâncias entre a língua, abstrata e coletiva, e os seus usufrutuários.

Dessa forma, ensinar gramática tornou-se um momento de reflexão para a escola, pois o aluno não se sente motivado para aprender os componentes gramaticais trabalhados em sala de aula, quer seja pela complexidade na apresentação dos conteúdos e de sua compreensão, quer seja na sua relevância no cotidiano. Embora, o uso do livro didático contribua com a sistematização dos conteúdos, metodologias, propostas de exercícios, sugestão de outras atividades, ele pode também ser uma maneira de restringir a prática do professor, ficando limitado a conceitos, exemplos e atividades no livro, como se fosse a melhor forma de aprendizagem de um determinado conteúdo.

Orlandi (2009, p. 39) ressignifica o papel do estudo da língua a partir da visão de Noam Chomsky, ao definir

a língua como um conjunto infinito de frases. Esse "infinito" dá à definição de língua um caráter aberto, dinâmico, criativo. Não se trata, entretanto, de qualquer criatividade, mas de uma criatividade governada por regras. A língua não se define só pelas frases existentes, mas também pelas possíveis, aquelas que se pode criar a partir das regras. Os falantes interiorizam um sistema de regras que os torna aptos a produzir frases, mesmo as que nunca foram ouvidas, mas que são possíveis na língua. A tarefa do linguista é explicitar essa capacidade do falante, é mostrar sua gramática.

É mostrar que os falantes necessitam reconhecer a língua que utiliza através de sua própria gramática. Este termo é

usado de forma dupla: é o sistema de regras possuído pelo falante e, ao mesmo tempo, é o artefato que o linguista constrói para caracterizar esse sistema. Em outras palavras, a gramática é ao mesmo tempo um modelo psicológico da atividade do falante e uma máquina que produz frases (ORLANDI, 2009, p. 39).

Sendo assim, Chomsky defende que todo ser humano tem uma capacidade inata para o desenvolvimento da linguagem, apresentando uma gramática internalizada. Essa gramática universal é inerente ao homem em que se observa se a frase está bem estruturada ou não, aceitável gramaticalmente ou não, apresentando em sua gramática a criatividade do falante e sua capacidade de produzir novas frases. Cabe ao produtor realizar as escolhas das palavras para criar suas frases, formas de estabelecer comunicação, o que justifica a necessidade de conhecer a gramática e estudá-la.

No entanto, em muitas situações de ensino de língua, há uma ausência dessa valorização da gramática, refletindo, muitas vezes, no posicionamento do professor perante as dificuldades advindas da sistematização do estudo dos componentes linguísticos e, repercutindo num fracasso escolar quando o aluno não consegue interpretar frases nem mesmo organizá-las. Nesses casos, fundamentam-se em ideias defendidas por teóricos de que não há necessidade de ensinar gramática de uma língua, principalmente no Ensino Fundamental, quando o aluno não possui uma maturidade para assimilação desses conceitos, considerados por muitos muito teóricos da Linguística como retóricos, clássicos e tradicionais.

Exemplo desse pensamento, o autor Bagno, constantemente, em suas obras, defende um distanciamento dessa prática, considerada ultrapassada, uma forma de punição e valorização da realização de uma linguagem prestigiada socialmente, o que convém chamar de gramática tradicional, difundida nas escolas, contribuindo para que a sintaxe passe a ser tratada não com o valor que, de fato, tem para a melhor organização do pensamento em estruturas possíveis de produzir sentidos.

Antunes (2007) apresenta a ideia de que as escolas continuam preocupadas em ensinar um tipo de gramática como uma forma eficaz para melhor desenvolvimento da leitura e da escrita, e que, ao fazer essa escolha, o aluno passa a ser alvo de um extenso número de informações que se perdem ao longo do processo educativo, ou que, nem de fato, foi assimilado pelo mesmo, ou até mesmo por ser considerado desnecessário para o seu

aprendizado, corroborando para problemas de compreensão e uso da língua na ação comunicativa. O que poderia facilitar a aprendizagem, torna-se complexo e cansativo.

Em consonância com essa visão de ensino de gramática, o estudo de sintaxe tornou-se, então, um assunto de difícil compreensão por parte dos alunos e, complexo, na visão de alguns teóricos que argumentam a não necessidade de ensinar sintaxe e suas relações na construção das sentenças, bem como sua classificação, nas séries do Ensino Fundamental, uma vez que nem a escola está apta a ensinar e muito menos o aluno a aprender, ficando apenas no nível do uso da língua, leitura e sua adequação no processo comunicativo bem como a produção de texto, direcionando para outros níveis de ensino essa responsabilidade de nomear e compreender as relações sintáticas, ou seja, o papel da palavra na estruturação da oração.

Perini (1985), Travaglia (2009), Neves (1997) e Possenti (2011) consideram a gramática tradicional desatualizada quanto à acepção teórica e aos procedimentos de análise, bem como não é a única forma de fazer com que os alunos trabalhem com a linguagem, tratando, muitas vezes, da norma (o que considera apropriado) e da estrutura da língua, provocando, assim, a elaboração de contrassensos em suas definições. Os autores não negam a sua importância e muito menos defendem a retirada do ensino de gramática, propõem outras formas de trabalho com a mesma, propiciando o enfrentamento dos problemas que configuram o seu ensino. Em relação às barreiras encontradas no ensino de gramática bem como no ensino de sintaxe, os PCN (1997, p. 31), diretrizes para o ensino de língua materna no Ensino Fundamental, afirmam que

o ensino de Língua Portuguesa, pelo que se pode observar em suas práticas habituais, tende a tratar essa fala da e sobre a linguagem como se fosse um conteúdo em si, não como um meio para melhorar a qualidade da produção linguística. É o caso, por exemplo, da gramática que, ensinada de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano — uma prática pedagógica que vai da metalíngua para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de nomenclatura. Em função disso, tem-se discutido se há ou não necessidade de ensinar gramática. Mas essa é uma falsa questão: a questão verdadeira é para que e como ensiná-la.

Para tentar assimilar essa relação sintática, através dos constituintes da oração bem como procurar formas para melhorar a compreensão da sintaxe e recuperar o papel da gramática na sala de aula, não como repressora do pensamento, mas com a autonomia necessária diante do uso dos recursos da língua a partir do estudo de sintaxe, atribui-se relevância ao trabalho aqui proposto, uma vez que parte de uma situação não desconhecida

por parte dos professores, mas não utilizada por esses no momento de explanação do conteúdo e das atividades propostas pelo livro didático bem como outras ocasiões que podem surgir no espaço escolar ou em sua comunidade, pois ensinar sintaxe está relacionada com a tentativa de facilitar o manuseio da língua em suas operacionalidades, constituindo ferramentas eficazes para a realização de uma comunicação real, compreensível.

Partindo dessa perspectiva, é pertinente apresentar um questionamento de ordem pessoal, mas abrangente, no que se diz respeito às teorias difundidas no meio acadêmico por autores consagrados em relação ao papel do professor e no ensino de sintaxe no cotidiano da sala de aula: Para que ensinar gramática e, em especial, o componente sintático no Ensino Fundamental?

Para responder a essa inquietação, é preciso remeter-se às práticas pedagógicas vivenciadas em sala de aula, ao propósito de sistematizar o saber gramática no seu nível de construção sintático difundido nas séries finais do Ensino Fundamental, por meio do livro didático adotado pela escola e a utilização deste, por parte do professor, como o único responsável pela formação do aluno diante das práticas de leitura, interpretação e produções textuais orais e escritas.

Mas, será que cabe à escola, a partir do Ensino Fundamental, ensinar Sintaxe? A escola, especificamente o professor de língua portuguesa, está agindo como um facilitador desse processo, ou continua no equívoco de que entender sintaxe ficou para poucos, sendo o seu ensino algo entediante, necessário, mas sem resultados?

Essas questões norteadoras conduzem à reflexão de que há muitas discussões a serem observadas, teorias sobre a sintaxe para serem revisitadas, num intuito de apresentar atalhos numa perspectiva de que o professor seja um agente facilitador para aprendizagem de sintaxe por parte do aluno, pois é preciso permitir o contato da sintaxe com o aluno, para que este conheça e reconheça o papel daquela na formulação de frases, orações. Quando uso a palavra atalho, não me refiro à ideia de escolher o caminho mais simplista e vazio, mas o mais prático e necessário para compreensão do papel da sintaxe na produção de textos orais e escritos que vêm sendo minimizado nos livros didáticos e, conseqüentemente, nas salas de aulas, chegando ao aluno em situações de pouca análise e menos visualização de seu processo construtivo de comunicação.

Para Ferrarezi Junior (2012, p. 26)

É preciso compreender que a educação básica não é um curso avançado de Linguística. Deve haver bom-senso em relação a isso também. As crianças e juvenis que estão ali estudando precisam ter um conhecimento de base de sua língua que os

permita reconhecer o valor de sua forma de falar, mas que permita a eles, também, fazer uso da forma padronizada da escrita que é exigida na sociedade. Isso não se consegue ensinando apenas as variações da fala. É preciso adentrar pela escrita e ver como ela se organiza. E é justamente aí que eu afirmo que o bom-senso deve imperar nos estudos sintáticos.

É preciso refletir para direcionar os princípios que poderão, assim, dinamizar a prática do professor para a simbiose das partes do conhecimento linguístico em prol da relação das realizações entre fala e escrita, associadas à capacidade de estruturação do pensamento em frases compreensíveis, capazes de análises e interpretações.

O desafio, aqui apresentado, é ensinar sintaxe com um método já muito utilizado por outras áreas do conhecimento, até mesmo por estudiosos da Linguística, mas não presente nos livros didáticos, principalmente, no livro adotado pela escola em estudo. O método para facilitar a compreensão do componente sintático na estruturação e organização da oração consiste na Teoria dos Grafos doravante (TG), teoria advinda da Matemática, presente em outras áreas do conhecimento, como a Física e a Informática, para mostrar e propor a utilização dos grafos, através de sua relação simbólica, possibilitando o entendimento das relações sintáticas no período simples, ao permitir visualizar o comportamento da palavra e suas relações de dependência ou não na estrutura da frase.

A justificativa para escolha da temática desse trabalho consiste em estudar uma forma para facilitar o ensino de sintaxe através de um método modificador que complementa a maneira em que a análise sintática é abordada no livro didático adotado pela escola, ao compreender a estrutura da língua, as relações sintáticas presentes no período simples, realizando uma comunicação real, ideal, entre os interlocutores. Dessa forma, a TG tende a assumir o papel de ser o processo mediador entre o ensino e a aprendizagem de sintaxe.

A motivação para realização dessa pesquisa vem de uma constante preocupação de como o ensino de sintaxe está sendo trabalhado em sala de aula, ou seja, a relação professor – componente sintático – aluno, assim como as dificuldades de ensino e aprendizagem dos aspectos linguísticos. Além disso, as teorias revisitadas no curso de Mestrado Profissional, Proletras, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campus de Cajazeiras, em que as discussões suscitadas, instigou um olhar mais crítico e reflexivo para a prática docente, numa perspectiva de elaborar propostas para problemas do cotidiano escolar.

A revisão literária necessária para construção da proposta de intervenção parte de autores, estudiosos sobre o ensino de gramática, em especial o componente sintático e a Teoria dos Grafos, tendo como representantes Borba (1979), Sacconi (1999), Azeredo (1990),

Castilho (2012), Luft (1987), Perini (1998), Franchi (2003), Ferrarezi Júnior (2012), Koch (1998).

A proposta de inserção da TG no ensino de sintaxe no período simples está direcionada diretamente na Unidade Escolar Maria de Carvalho, escola pública estadual, localizada na cidade de Santo Antônio de Lisboa – Piauí, constituindo, assim, como objetivo geral, propor estratégias de uso da Teoria dos Grafos para o ensino de sintaxe do período simples no 8º ano do Ensino Fundamental, a partir do uso do livro didático atualmente adotado (Projeto Teláris – Português, cujas autoras são Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Pertin e Vera Marchezi, da Editora Ática) e do recém-escolhido para o triênio 2017, 2018 e 2019, Português linguagens, de autoria de William Cereja e Thereza Cochar, Editora Saraiva, já utilizado em outros anos pela escola.

Os referidos livros não utilizam esse método, que facilitaria através da construção visual, as relações sintáticas presentes na estrutura da frase.

O público-alvo desta pesquisa envolve professores de língua materna e alunos da referida unidade escolar, uma vez que aqueles serão os semeadores em sala de aula do ensino de sintaxe com a utilização da Teoria dos Grafos.

A Unidade Escolar Maria de Carvalho está situada na zona urbana do município de Santo Antônio de Lisboa, Piauí, a 42 km (quarenta e dois quilômetros) da cidade de Picos, no Estado do Piauí, a 352 km (trezentos e cinquenta e dois quilômetros) da capital Teresina. Pertence à Rede Pública Estadual de Educação do Piauí e oferta os níveis de ensino Fundamental e Médio da Educação Básica, sendo jurisdicionada à 9ª Gerência Regional de Educação de Picos. Considerada referência no ensino de qualidade pela comunidade local e também a nível estadual devido a suas colocações nas avaliações externas de que participa, ainda existem problemas que vão desde a sua estrutura física bem como a falta de professores em determinadas áreas do conhecimento.

Mesmo com a obtenção de bons resultados nas avaliações externas, às quais a escola tem sido submetida, percebe-se que há deficiências quando se remete ao ensino de algumas disciplinas, no entanto, ao que compete ao ensino de Língua Portuguesa, quando se trata de conhecimentos gramaticais, principalmente, na área de sintaxe, há uma dificuldade de aprendizagem que pode estar ligada à capacidade de assimilar e de utilizar o conhecimento necessário no processo comunicativo que pode se dar por meio de processo escrito ou de construções orais.

A partir de então, para construção dessa proposta de intervenção, constituem os objetivos específicos: observar a estruturação do estudo do período simples no livro didático

adotado pela Unidade Escolar Maria de Carvalho, em Santo Antônio de Lisboa, Piauí; visualizar as relações de construção da oração através da aplicação da Teoria dos Grafos, como mostrada nos manuais de ensino de sintaxe; identificar e reconhecer as funções sintáticas dos termos presentes na oração, relacionando com a morfologia; exercitar reconstrução de orações, utilizando a teoria dos grafos; confeccionar material de apoio pedagógico, um manual de sintaxe a partir da teoria dos grafos para o estudo de sintaxe no Ensino Fundamental.

Como proposta para amenizar e diminuir os problemas de aprendizagem na parte da gramática em estudo, é necessária uma reflexão sobre a forma de ensinar gramática, especificamente a sintaxe, a prática do professor de língua materna, e a utilização da Teoria dos Grafos como um instrumento facilitador para compreensão dos mecanismos sintáticos do português presentes nos livros didáticos, um estudo sobre as teorias que norteiam esse conhecimento linguístico, através de uma verificação de como o aluno é colocado e se coloca diante da aprendizagem.

Para concretização dos objetivos aqui apresentados, e preocupados com o ensino de sintaxe numa perspectiva mais dinâmica por parte do professor, realizando mudanças na postura do aluno como usuário e pesquisador da língua, para que este possa perceber o papel do componente sintático no processo comunicativo, seguindo as diretrizes propostas pelos PCN, em consonância com a proposta político-pedagógica da escola que, no 8º ano do Ensino Fundamental, propõe estudar a estrutura frásica do período simples, à medida que o aluno tenha a autonomia de construir novas estruturas gramaticais para realização do processo comunicativo na oralidade e na escrita.

O trabalho está dividido em cinco partes. Muito embora esteja redigido em forma de texto corrido, a primeira parte constitui um capítulo, a contar da presente introdução, em que estão elencados pontos importantes que refletem sobre o ensino de gramática nas escolas, questões que discordam da sistematização dos componentes gramaticais, o ensino de sintaxe e seus problemas, bem como a sua autoridade, a justificativa e relevância dessa pesquisa, os objetivos a serem alcançados, a caracterização da escola, os livros didáticos, *corpus* da pesquisa, a serem trabalhados. E ainda, como a mola-mestra dessa pesquisa, a utilização da Teoria dos Grafos como elemento facilitador para compreensão de sintaxe do período simples no 8º ano do Ensino Fundamental.

Na segunda parte, inicia-se com uma revisão bibliográfica acerca do ensino de gramática, de sintaxe (conceitos e tipos), em que apresenta a organização no processo de construção de frases, assim como em que consiste a Teoria dos Grafos e o uso como

metodologia para assegurar a aprendizagem de sintaxe do período simples, explicando a presença dessa teoria na utilização do estudo da análise sintática.

Na terceira parte, apresenta-se a proposta de intervenção. Nela se propõe uma maneira de o professor trabalhar com Teoria dos Grafos para o ensino de sintaxe, evidenciando o papel importante desse método para facilitar a aprendizagem do componente sintático no Ensino Fundamental, a partir da construção de um guia didático para o professor utilizar como ferramenta de apoio para as aulas de sintaxe, com exemplos extraídos do livro didático em uma perspectiva tradicional, gerativa e funcional, e apresentando a utilização da Caixa de Hockett e do diagrama arbóreo como um método eficaz para a realização da análise sintática da língua portuguesa do período simples.

Por fim, na quarta parte, as considerações finais, seguida da última parte, as referências bibliográficas.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE GRAMÁTICA: SINTAXE

No que compete ao ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, ao estudo de gramática e, principalmente, à análise sintática, as escolas insistem e persistem em problematizar o ensino e o aprendizado, contrariando o seu propósito como espaço de desenvolver competências e habilidades, pois o aluno de hoje traz consigo novas informações que duelam com aquele pragmatismo disciplinar e didático das instituições de ensino. Essa forma de ministrar aulas de língua materna conduz o estudante a questionamentos de necessidade ou não daquilo que se difunde no âmbito escolar, ao desviar a atenção e a curiosidade do conhecimento ali repassado, para ideias de inferioridade, como “não consigo aprender”, “esse conteúdo não entra em minha cabeça”, “matéria complicada”, “para que serve esse conteúdo?” “Língua portuguesa é difícil”.

Para Franchi (2013, p. 51-52)

A crítica aos estudos gramaticais em nossas escolas só tem razão porque é crítica a um certo modo de conceber a gramática e de praticá-la com os nossos alunos. Ou melhor, porque na verdade não existe propriamente uma só concepção servindo de base às noções, conceitos, relações e funções com que se opera nas análises feitas na escola e em nossos livros didáticos. Trata-se de uma tradição (num sentido quase mecânico de tradição) que foi acumulando e catalogando questões, problemas, soluções específicas, em definições: um baú de guardados. Alguns trazem marcas de um tempo que vai lá longe aos Aristóteles ou Platão; outros lembram Port-Royal ou Jespersen ou Martinet ou Sapir ou Saussure ou Soares Barbosa.

Assim, a inquietação de outrora surge novamente, pois é notório que o ensino de gramática está perdendo o espaço que ocupou em razão a modismos no campo de língua portuguesa. A importância do ensino de gramática e de sintaxe corrobora para tornar o aluno um leitor reflexivo, interpretador e produtor de textos orais e escritos, uma vez que se compreender a estruturação da frase e as relações internas entre as palavras no intuito de combiná-las em determinadas funções em prol da construção do sentido de um texto, faz com que o aluno tenha autonomia para elaborar e construir estruturas frasais simples e complexas.

Na verdade, esse impasse surge porque as aulas de sintaxe estão direcionadas à memorização de regras, às exceções dessas regras, a nomenclaturas e a classificações um tanto questionadas devido a uma normatização da língua. Contra essas práticas de ensino, Franchi (2013, p.100) afirma que

a crítica às atividades gramaticais nas escolas somente é válida para quem continua concebendo a gramática de um modo estreito e restrito ou para quem a pratica em exercícios escolares em que estão em jogo somente questões de segmentação, descoberta de traços categoriais, classificações e nomenclatura. Baseando-se quase exclusivamente em sua própria intuição e sensibilidade, pode o professor explorar em cada texto ou discurso, até nas mais simples orações, as inúmeras possibilidades de um exercício gramatical diretamente relacionado com as condições linguísticas de produção dos enunciados, com o desenvolvimento dos recursos expressivos de seus alunos, com a arte de selecionar entre eles os que mais lhe pareçam adequados a suas intenções e ao estilo com que se quer caracterizar.

Partindo dessa perspectiva, o estudo de sintaxe ocupa um espaço importante para o reconhecimento da língua como fenômeno autônomo, preenchendo as lacunas diante desse tempo de ensino, mediante a parceria entre a escola, o professor e o aluno em prol da aquisição dessa condição de saber e produzir linguagem.

Ainda de acordo com os PCN (1998, p.29), o ensino de gramática e sua análise devem estar direcionados a

uma prática que parte da reflexão produzida pelos alunos mediante a utilização de uma terminologia simples e se aproxima, progressivamente, pela mediação do professor, do conhecimento gramatical produzido. Isso implica, muitas vezes, chegar a resultados diferentes daqueles obtidos pela gramática tradicional, cuja descrição, em muitos aspectos, não corresponde aos usos atuais da linguagem, o que coloca a necessidade de busca de apoio em outros materiais e fontes.

A dificuldade ora apresentada consiste na atual sistematização do ensino, a ausência de metodologias condizentes à realidade e aos anseios do aluno, fazendo com que a desmotivação se instaure nas salas de aula, esquecendo-se da premissa que é a partir da Sintaxe, combinação dos elementos constituintes da oração em que se mantém relações de independência ou dependência associados à construção de um sentido, componente da língua, que se configura a estrutura responsável pela criação da sentença.

É nessa perspectiva que Travaglia (2009, p. 101) afirma

o ensino de gramática em nossas escolas tem sido primordialmente prescritivo, apegando-se a regras de gramática normativa que, como vimos, são estabelecidas de acordo com a tradição literária clássica, da qual é tirada a maioria dos exemplos. Tais regras e exemplos são repetidos anos a fio como formas “corretas” e “boas” a serem imitadas na expressão do pensamento.

As atividades repetitivas fariam do aluno apenas um decodificador da estrutura da frase, sem permitir que ele mesmo possa conseguir um desempenho linguístico melhor. Para

reverter essa situação comum e presente nas salas de aula, Travaglia (2009, p. 107) propõe para o ensino de gramática, a partir do Ensino Fundamental:

- 1) que o objetivo de ensino de língua materna é prioritariamente desenvolver a competência comunicativa;
- 2) que, em decorrência dessa opção em termos de objetivos, o que se deve fazer é essencialmente um ensino produtivo, para a aquisição de novas habilidades linguísticas, embora o ensino descritivo e o ensino prescritivo possam ter também um lugar nas atividades de sala de aula, mas um lugar redimensionado em comparação com aquele que têm habitualmente tido no ensino de língua materna;
- 3) que a linguagem é uma forma de interação;
- 4) que o texto é um conjunto de marcas, de pistas que funcionam como instruções para o estabelecimento de efeito(s) de sentido numa interação comunicativa;
- 5) que o domínio da linguagem exige alguma forma de reflexão.

É notória a preocupação em desenvolver habilidades que direcionam para o desenvolvimento e aperfeiçoamento da competência comunicativa. Essa competência comunicativa defendida pelos teóricos da língua, evidencia a necessidade do espaço escolar reinventar-se para que o aluno se habilite a situações diversas do uso da língua, quer seja na capacidade interpretativa, quer seja na capacidade produtora de textos organizados e coerentes, ao interagir com o próprio texto ou com seus interlocutores.

O professor e a escola são responsáveis por propiciar momentos de reflexão sobre a língua e o seu uso, reconstruindo as próprias práticas pedagógicas a partir do uso de atividades didáticas que contribuam para a potencialização da capacidade comunicativa do aluno.

Foltran (2013, p. 164-165), “não saberia dizer em que momento e em que medida o contato dos alunos com uma descrição gramatical poderia ou deveria aparecer no decurso dos agora 12 anos da educação básica. Mas que essa descrição deve aparecer, não tenho dúvidas”. Essa afirmativa só confirma que o estudo de gramática, mesmo diante dos desafios enfrentados ao longo da Educação Básica, deve se fazer presente para assegurar a competência comunicativa do aluno ao longo de sua formação escolar.

Nessa mesma perspectiva, Foltran (2013), sobre a reflexão gramatical, assegura que o pensar sobre a própria língua e as atividades descritiva e reflexiva permitem o falante, em qualquer situação de uso, acessar o conhecimento gramatical, deixando de ser um campo limitador do conhecimento para a possibilidade de multiplicação das condições de uso, ou seja, enriquece a possibilidade dos significados linguísticos.

Essa preocupação constante em encontrar formas diferentes de ensinar gramática é evidente em muitos estudiosos que refletem as dificuldades de aprendizagem do aluno muito relacionadas aos problemas de ensino por parte das escolas. Para Kleiman e Sepulveda (2014,

p. 9), “o ensino de gramática no Brasil ainda é um dos grandes entraves para a formação do cidadão quanto à sistematização da leitura, escrita e estudo da língua”, esse sentimento de inoperância quanto ao ensino de língua, de suas relações de autonomia diante do texto nas perspectivas de leitura e escrita afetam a compreensão da estruturação e análise da oração, ou a ausência de compreensão da oração em sua estrutura, dificultam a aquisição da capacidade de ler e produzir textos, interpretá-los, e não apenas decodificá-los. Ainda sobre esse dilema, as autoras supracitadas afirmam que

nossa opção é pelo ensino de gramática, porém, por uma vertente que assimile o que há de positivo nas práticas tradicionais e nas modernas, sem posicionarmos radicalmente por uma ou por outra. O resultado esperado é o desenvolvimento do potencial comunicativo do aluno, e o consequente fortalecimento de sua capacidade cidadã na sociedade moderna, essencialmente letrada (KLEIMAN e SEPULVEDA, 2014, p.11).

Esse anseio de potencializar a capacidade produtora do aluno e, ao mesmo tempo, de inseri-lo no meio social, como agente transformador, deve ser o carro-chefe dos professores não só de língua, mas principalmente desses profissionais que, embora a formação acadêmica não tenha contemplado o conhecimento necessário para a prática docente, é necessário compromisso e dedicação para desenvolver o trato com o ensino e uso da língua nas suas variadas manifestações, desmitificando a ideia de que a sintaxe é algo fácil ou complexo, mas que possam caminhar de maneira prazerosa e produtiva, ao utilizar formas que facilitem o entendimento desse componente linguístico.

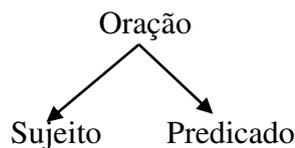
Para melhor compreender sobre o que seja sintaxe, aqui, trataremos os conceitos mais gerais aplicados e reclamados para a disciplina Sintaxe, advindos de diferentes correntes para, então, chegar a um conceito mais aceitável e pertinente ao seu estudo atual.

Essas abordagens distintas sobre o conceito de sintaxe corroboram para a sistematização do conhecimento acerca desse componente linguístico, reconhecendo os sentidos que constituem o seu conceito a fim de melhor aplicar na análise da construção da frase propostos aqui no trabalho.

2.1 CONCEITOS DE SINTAXE

A concepção de sintaxe, componente linguístico prestigiado por estudiosos que defendem como objeto importante para a construção da concepção de língua e linguagem, está associada ao poder da comunicação. Segundo Luft (1987, p. 122), “a sintaxe trata das relações de concordância e subordinação entre as palavras, e de sua colocação na frase.” É a parte da gramática que se ocupa das relações que as palavras contraem na frase. Apresenta uma teoria da frase e de sua estrutura, estudando a adaptação e dependência que existe entre os termos, bem como a sua ordem ou disposição na frase.

Quanto à análise sintática, Luft (1987) descreve a estrutura do período e das orações, fazendo a decomposição de um período em orações e de cada oração em seus elementos (termos), à medida que se identifica as funções em jogo. Essa estrutura, estabelecida por suas respectivas funções, pode ser representada pelo esquema a seguir que divide a oração em dois termos fundamentais:



No entanto, vale ressaltar que a estrutura acima apresentada nem sempre condiz com a construção da frase, pois a ideia de que o sujeito é um termo essencial vem sendo questionada por estudiosos que defendem que o predicado é o termo essencial para a compreensão do sentido da frase, uma vez que há construções em que o sujeito está implícito, indeterminado ou até mesmo inexistente na estrutura frásica.

Azeredo (1990, p. 10), sobre a sintaxe, conceitua-a como “parte de um sistema em que se agrupam, sons, palavras, afixos, acentos, que permite criar e interpretar frases a partir de regras que as combinam”, em uma visão da língua como sistema, estrutura capaz de criar e interpretar sentidos aferidos às frases.

Para a compreensão desse sistema em que se combinam os elementos constituintes da frase, é preciso reconhecer a função atribuída ao professor, o papel de mediador do conhecimento para que tais pressupostos estejam acessíveis aos alunos.

Importante componente da gramática, Sacconi (1999, p. 329) conceitua a sintaxe como “mais ou menos uma ordem linguística que devemos seguir na elaboração de uma frase ou de uma oração.” Uma concepção vaga, sem explicações de cunho estrutural e funcional.

Na visão de Proença Filho (2003, p. 99-100), a sintaxe “é o arranjo das palavras na frase. Palavras que funcionam em conjunto, na direção de um sentido, arranjos de palavras:

isso caracteriza a dimensão sintática”. Com esse conceito, é possível realizar uma analogia a uma orquestra, em que, neste caso, cada palavra possui um papel decisivo e significativo para a construção do sentido da frase, como os músicos, notas musicais e instrumentos compõem uma música a qual permite estabelecer comunicação e sentido entre os interlocutores.

Para Castilho (2012, p. 144), a sintaxe “é o estudo das estruturas sintagmáticas e sentenciais”. A sintaticização corresponde ao processo de criação dessas estruturas, uma vez que na organização da sentença, o estabelecimento de fronteiras é fundamental.

Quanto ao ensino de sintaxe, ainda se configura um destaque às normas, às nomenclaturas e ao reconhecimento de funções em que o sintagma pode exercer na oração, induzindo o aluno a concluir, muitas vezes, de maneira equivocada, a dificuldade em se aprender sintaxe.

Nos manuais didáticos já se percebem pois avanços, timidamente, mas com passos significativos, pois vê-se uma necessidade de apresentar pontos de vista de determinados autores sobre problemas conceituais e análises de ordem da gramática, fazendo com que surja momentos de discussão para refletir que o estudo da língua não consiste em algo unilateral, mas em um campo de possibilidades em que a palavra é a principal ferramenta de uso para a comunicação verbal, oral ou escrita.

2.2 OS VÁRIOS TIPOS DE SINTAXE

Aqui trataremos dos vários tipos de sintaxe. Inicialmente, o enfoque será dado aos três conceitos recorrentes quando se propõe esclarecer a composição do componente sintático na produção do sentido da frase, bem como a sua influência na construção dos manuais didáticos, que estarão em contato com o professor e aluno na escola.

Considerado o pioneiro no estudo dos conceitos de Sintaxe, Borba (1979) apresenta três conceitos básicos (a psicológica, a estrutural e a transformacional), abordando que ela têm em comum o fato de sempre se ocuparem com uma combinatória de unidades que parte de dois princípios fundamentais: a sucessão e a linearidade do discurso. Por outro lado, as três sintaxes se distinguem entre si pela concepção da linguagem e de língua adotada, pelos objetivos, pelos métodos e procedimentos analíticos empregados.

2.2.1 Sintaxe Psicológica

A Sintaxe Psicológica tem como ponto de partida fornecer uma teoria da oração sempre haja uma necessidade do ponto de vista para explicar a intenção do falante que pode ou não interferir no comportamento do interlocutor.

Para Borba (1979, p. 14), a sintaxe psicológica está diante de uma relação de dependência ou não entre a gramática e a Lógica e a Psicologia e

volta-se para uma teoria da oração tentando compreender sua natureza e composição para chegar a uma taxonomia das partes do discurso. Partindo de concepção mentalista da linguagem, tem caráter psicológico justamente para apoiar-se nas *intenções de comunicação* do falante, fator exterior ao sistema linguístico em si. Por esse motivo, preocupa-se com a estrutura lógica da oração, que também é definida em termos lógicos e/ou psicológicos. O método utilizado é de natureza introspectiva e, ainda que se ocupe muito de orações particulares, seu objetivo principal é chegar à estrutura lógica e, portanto, universal, da linguagem humana.

Nessa perspectiva, a linguagem é considerada independente, soberana, entretanto estabelece uma relação com o pensamento, uma vez que, para se estruturar a expressão da fala, é preciso associar a capacidade do pensamento. No que se diz respeito à análise sintática, uma palavra exercerá uma outra função, dependendo do seu posicionamento na frase, bem como do contexto, ou seja, para uma palavra exercer a função de sujeito, é preciso que esteja relacionada com outras que compartilhem de características como concordância em número e pessoa, assim como para exercer a função de objeto esteja diante da regência de verbos, desbancando a classificação tradicional (substantivo, adjetivo, advérbio) ao apresentar a possibilidade de uma mesma palavra poder variar de classificação em uma determinada situação comunicativa.

O sintagma é o elemento fundamental na análise sintática, sendo a responsável pela combinação para estruturar uma oração e assim estabelecer sentido para compreensão da sentença. Dessa forma, deduz que toda teoria gramatical se cria a partir da teoria psicológica.

A sintaxe cuida da organização da oração (e seu sentido plano), é vista como o agrupamento de palavras em unidades de pensamento, corroborando com a Fonologia e a Morfologia a elaboração e constituição de sentido para fornecer uma teoria da oração. A oração seria, então, uma parte significativa da fala, formada a partir de aspectos gramaticais, vinculando-se à capacidade de relacionar com a realidade do conteúdo que expressa,

apresentando a forma gramatical: S (sujeito) e P (predicado), constituída na fala pela ação verbal. O sujeito, coisa significada fundamental, estímulo (essência); e o predicado, coisa significada aproximada, reação (acidente).

A partir dessa concepção de oração, Gardiner (1963) introduz o princípio de congruência associado à relação entre forma e função, isto é, coincidem os sujeitos gramaticais e psicológicos na estrutura da oração. O falante já tem em mente o que precisa para construir, estabelecendo as possíveis diferenças entre as palavras e as funções que irão desempenhar na sentença. Cada termo, no encadeamento da fala, relaciona-se com o precedente e com o seguinte. Quando uma ideia é assim apresentada, constitui um predicado lógico.

Observe os seguintes exemplos extraídos de Borba (1979, p.35):

No caso seguinte existe congruência:

- Os compadres / ficara a bordo. (J. Amado, T.B., p 19)
Forma e função, sujeitos psicológicos e gramaticais os mesmos.
- No pote tem mel.

No pote tem função de sujeito, mesmo iniciando com a preposição, diante do pensamento em que o sujeito sempre deve aparecer no início, e nesse contexto aparece numa ordem inversa. *No pote* – sujeito psicológico, mas não gramatical).

O estudo das relações entre formas que se combinam para efeito de comunicação se constitui uma das tarefas da sintaxe. Não existe língua sem sintaxe.

Quanto à organização dos tipos oracionais, Borba (1979, p.51) assegura que existem duas sintaxes: a regular, procura explicar a estrutura da oração a partir de exigências do pensamento e segundo a luz do juízo, e a irregular, procura determinar todos os fatores psicológicos que alteram a organização lógica e normal da frase.

A gramática lógica desenvolveu a análise sintática, estando presente nas escolas atuais bem como configurando como um importante instrumento de aprendizagem dos conhecimentos gramaticais.

2.2.2 Sintaxe Estrutural

O estruturalismo, que tem como notório representante Saussure, defende a língua como uma estrutura, cada língua possui sua forma, suas categorias, que estabelecem relações entre as unidades no interior de cada sistema.

Quanto à sintaxe estrutural, Borba (1979, p. 14-15) afirma que esta

procura compreender a natureza das relações sintáticas a partir da estrutura interna da oração. Tem caráter sintagmático por focalizar a combinatória de morfemas. Considera a língua com uma entidade imanente cuja estrutura é passível de uma descrição minuciosa em vários níveis. Interessa-se por fornecer modelos de descrição a partir de generalizações indutivas. Sua preocupação maior é descobrir técnicas precisas de segmentação do enunciado, pois seu princípio fundamental é o da *análise ou segmentação*.

Partindo de suas relações internas e com o objetivo de descrever as possibilidades de composição do enunciado, a sintaxe estrutural está relacionada com a dicotomia saussuriana – língua e fala – em que a primeira é compreendida com uma entidade coletiva e abstrata, e a segunda, como a sua realização individual e concreta, uma vez que a língua é vista como uma estrutura que se encontra relacionada com outros elementos, através de suas propriedades.

Borba (1979) diz que língua em si apresenta três características básicas: totalidade (elementos interdependentes e tiram suas funções das leis do conjunto), transformação (dinâmica, capaz de transformação por si mesma com o intuito de conquistar o seu equilíbrio) e autorregulação (apresenta leis próprias que se conservam dentro de determinados limites). Quando se propõe estudar a língua, os envolvidos sentem-se presos a esses determinados limites, oriundos de uma estrutura composta de regras, normas e critérios básicos para a construção em um determinado espaço e tempo, atribuída a ela as concepções de sentido e de sonoridade.

Dessa estrutura, surgem as relações sintagmáticas e paradigmáticas. As relações sintagmáticas são resultados das possibilidades combinatórias de unidades que, ao associar a partir de determinados esquemas no nível segmental, constituem umas o contexto da outra, pode-se dizer que pertence à fala e, não se limitam ao nível lexical ou gramatical do signo, mas também abrangem o nível fonológico [‘mala] e [‘fala]. Enquanto as relações paradigmáticas reagrupam essas mesmas unidades segundo o grau de compatibilidade, pertencente ao campo da escrita.

Borba (1979, p. 55) apresenta três orientações mais amplas da Sintaxe Estrutural:

1. Focaliza a oração como uma entidade material (fônica) e como uma estrutura analisável em componentes que se relacionam de algum modo. Existência de línguas em sintaxe, línguas cuja unidade de comunicação seja a palavra e não a oração. Expressa por meios extralinguísticos (gestos, entonação);
2. Todas as considerações sobre relações sintáticas serão feitas abstraindo-se o fator tempo. Análise sincrônica. O sincrônico é a língua em funcionamento e só a sintaxe é capaz de colocar o signo em atividade;
3. O ponto de partida é o sintagma, suas descrições de relações sintagmáticas.

Essas orientações norteiam o estudo da sintaxe na perspectiva de composição e/ou o estudo da estrutura da oração, sendo a palavra responsável em criar as relações sintagmáticas. Na análise sincrônica, procura-se determinar os esquemas que se repetem infinitamente nos textos, ou seja, concentra-se nos textos a análise dos elementos que estruturam a composição da oração.

Ao analisar um segmento da língua, os estruturalistas utilizam o método indutivo de acordo com os princípios de observação, análise e generalização para melhor compreender as estruturas sintagmáticas e paradigmáticas. No que diz respeito à análise sintática, a língua é segmentável, e os seus procedimentos de análise são: segmentação, diferenciação e agrupamento. Entende-se por segmentação a divisão de cadeias de unidades de um nível em subcadeias de unidades de um nível inferior. A diferenciação consiste na distinção de unidades superiores que têm a mesma representação num nível inferior. Enquanto o agrupamento, unidades de um nível inferior podem representar uma mesma unidade em nível superior.

A partir desses procedimentos, a Sintaxe apresenta uma dupla direção:

(1) Decomposição do enunciado em unidades sintaticamente irreduzíveis; definição dessas unidades; determinação de suas relações mútuas e classificação segundo suas propriedades.

(2) Descoberta das regras ou princípios que determinam as relações sintáticas em qualquer enunciado (BORBA, 1979, p. 58 e 59).

Esses postulados estruturam a análise do enunciado como um sistema capaz de compor outros enunciados. Para a realização dessa análise, pode-se utilizar o princípio da comutação, que consiste em isolar unidades sintáticas em diversos níveis. Confira os exemplos apresentados por Borba (1979, p. 59):

- O cachorro / late.
- O cachorro/ é fiel.
- O cachorro / está no quintal.
- O cachorro/ come carne.

A análise parte de um macrossegmento até chegar à oração mínima.

No que se diz respeito à função sintática, são as relações sintagmáticas que possibilitam desvendar as funções presentes na organização da oração. O que permite a identificação de uma palavra com uma função estabelecida é a sua presença em contraste com

outra também presente no enunciado. Atualmente, é compreendida a partir de seus constituintes imediatos no nível de sujeito e predicado, segundo ideia de Perini (1985).

Para Palmer (1975), a oração está estruturada em *ònoma* e *rhema*: função nominal e função verbal, o que permite entender que os constituintes da oração estarão ligados de formas dependentes à classe dos nomes e à classes dos verbos. Essas classes gramaticais estão divididas em: classes eponomáticas – agrupam-se em torno dos nomes: artigo, o adjetivo, o numeral; classes epirremáticas – próximas ao verbo: o advérbio.

A disposição das palavras na estrutura da frase em língua materna mantém uma certa liberdade. No entanto, é considerado um dos meios eficazes para identificar as funções que desempenham no interior das frases. Observe os exemplos retirados de Borba (1979, p. 81):

- O professor observa o aluno.
- O aluno observa o professor.

As funções de sujeito e objeto são determinadas e identificadas pela posições em relação ao núcleo do verbo, alternando o sentido da frase.

Borba (1979, p. 86) afirma que

a complexidade e variedade dos tipos oracionais ligam-se mais à variedade de estruturação dos constituintes do que propriamente às relações estruturais estabelecidas no enunciado. Podemos partir de dois tipos básicos de relações estruturais: o que combina um sintagma nominal com um sintagma verbal (SN +SV) e o que combina dois sintagmas nominais (SN+SN).

E ainda propõe as seguintes estruturas de comum uso na língua portuguesa:

- Oração intransitiva – SN + V
- Oração transitiva – SN + V + SN
- Oração reflexiva – SN + V + Se
- Oração Passiva – SN = V (aux + pp) Sprep
- Oração causativa – SN + M +V + SN
- Oração impessoal - \emptyset + V +_ SN
- Orações equiparativas – SN + SN (sequências nominais, sem presença de verbo)
- Orações equativas – com verbo de ligação (verbo copulativo) – SN + SN

Desse modo, há:

Relação estrutural

Valor(sentido) estrutural

a) SN + V

Receptivo

V + SN	Causativo
b) SN + V	Causativo
V + SN	Receptivo
c) SN + V	Instrumental
V + SN	Objetivo (gramática de casos)

Quando as estruturas frasais são semelhantes, recorre-se à semântica para realizar a diferença de sentidos.

Para a análise da sintaxe estrutural configuram-se dois modelos descritivos: o modelo europeu e o americano. O primeiro é considerado uma herança do estoicismo grego: descrever é conhecer algo pelos seus acidentes ou marcas, enquanto o segundo concebe a descrição como busca de princípios de regularidade subjacentes aos atos de fala.

Dentre os estudiosos desses modelos, destacam-se Martinet, o Círculo Linguístico de Praga, Tèsniere, Pike e Harris.

2.2.3 Sintaxe Transformacional

Atribuindo um papel de destaque à sintaxe, em que o falante desempenha um papel relevante no uso da língua, sobre a Sintaxe Transformacional, Borba (1979, p. 15) afirma que

tem por objetivo central construir uma *teoria da linguagem* que seja capaz de explicar todas as facetas do comportamento linguístico dos falantes nativos de uma língua. É evidente que, por intuição, o falante sabe muita coisa a respeito dos sons, da estrutura, da significação e dos modos de usar as orações, mas compete ao linguista fornecer uma exposição tão explícita quanto possível da complexidade desse conhecimento. Tal exposição, necessariamente ligada a uma teoria mais geral, deverá demonstrar como os falantes são capazes de *associar* uma significação a uma cadeia de sons. Descrever e explicar a natureza dessa associação constitui o objetivo essencial da teoria sintática. Como teoria, isto é, como conjunto de hipóteses a respeito do fenômeno sintático, seu grau de objetividade e de generalidade é o mais avançado possível. Daí sua natureza abstrata e seu método adequado, o método dedutivo.

Ao analisar o comportamento da realização do uso da língua através do sistema fônico capaz de gerar sentido a partir das orações, associando a competência do falante no momento da produção, a sintaxe transformacional apresenta seus pressupostos fundamentais: uma oração é uma sucessão linear de constituintes, cuja divisão é possível a partir de vários níveis de generalidade.

A gramática gerativa, de acordo com a visão de Chomsky, passa a explicar como são elaboradas as frases da língua. O pensamento assume o papel decisivo na formação do

conhecimento ao configurar a existência de uma gramática universal – oração – ideia complexa – portadora de significado. Não basta arrolar palavras, mas dá sentido, elaborando frases com sentido plano, mesmo que falte ao aluno o conhecimento para interpretá-la.

Embora os gerativistas e o estruturalismo mantenham relações próximas, o gerativismo apresenta, entre outros princípios que divergem dos estruturalistas, um conceito diferente para competência e desempenho. A competência do falante linguisticamente falando depende do seu próprio conhecimento, conhecimento atribuído ao uso da língua em que o mesmo é capaz de produzir um conjunto infinito de frases/sentenças. Enquanto, o desempenho está associado ao comportamento linguístico, determinado por fatores que não se restringem apenas ao conhecimento linguístico do falante, mas por uma multiplicidade de fatores associados a questões sociais, emocionais, dentre outros.

Dessa maneira, as gramáticas gerativas partem de um princípio fundamental: a capacidade cognitiva é inata. O estruturalismo – dados concretos e realizados; o gerativismo, fatos abstratos e realizáveis. O falante tem conhecimento da sintaxe bem como consegue avaliar a sua formação, organização.

Desse modo, os conceitos de gramaticalidade se prendem às regras de estruturação dos enunciados, o que abrange ordem, categorias e funções dos constituintes envolvidos.

- O menino comprou o livro. / Livro menino comprou o.

Competência do falante no momento da fala.

A teoria sintática deveria ligar-se à produtividade, ao conjunto de orações simples ou complexas que a língua comporta, orações gramaticais, mas não aceitas: O gato mia / a pedra geme.

Dessa maneira, o método dedutivo não consegue resolver a questão das ambiguidades, por conta da homonímia estrutural. Enquanto, o plano sintático é caracterizado como processo criativo; o semântico e fonológico como processo interpretativo, conduzindo ao estudo da estrutura profunda e da estrutura superficial, em que o aspecto formal da língua se reflete na sintaxe e que ela é autônoma com relação à semântica.

2.3 OUTROS TIPOS DE SINTAXE

Partindo dos tipos de sintaxe, apresentados aqui nesse trabalho, à luz da teoria defendida por Borba (1979), outros estudiosos corroboram com diversas abordagens, mediante o grau de complexidade em relação ao funcionamento da sintaxe numa dada língua.

Essas diferentes abordagens podem distanciar-se da ideia do que seria sintaxe e seu funcionamento ou completar-se, diminuindo, assim, os entraves entre as teorias vigentes. Conheçamos algumas dessas concepções e/ou métodos.

2.3.1 Sintaxe Minimalista

Seguindo as ideias da Sintaxe Gerativo-Transformacional, e não consistindo bem em uma teoria, mas sim em um método de pesquisa, em que a proposta era tornar a Gramática Gerativo-Transformacional mais explicativa, a Sintaxe Minimalista propõe um conjunto de diretrizes, modelos formais mais simples com menos instrumentos e menos premissas sobre como eles se relacionam. A partir do léxico, é representada por quatro níveis: estrutura profunda, estrutura superficial, forma lógica e forma fonética. Segundo a Sintaxe Minimalista, nas palavras de Guimarães (2015, p. 29) “qualquer teoria precisa, no mínimo, conceber, para cada sentença, uma estrutura legível pelos sistemas psicomotores que lidam com som, e outra legível pelos sistemas cognitivos que lidam com significado.” Isso implica em simplificar que há apenas dois mecanismos envolvidos no processo constitutivo da comunicação: capacidade de produzir sons e capacidade de decodificá-los, algo mental e algo gramatical.

2.3.2 Sintaxe Experimental

Com o objetivo de investigar os processos sintáticos dinâmicos que têm lugar em nossa mente, quando representamos, produzimos e compreendemos frases, a Sintaxe Experimental tem sua ligação com o Gerativismo, baseando-se nos critérios de gramatical ou agramatical.

Utiliza a técnica de julgamentos de frases, mas de forma criteriosa, segundo a metodologia experimental, aplicando análises estatísticas, que também são ensinadas no livro, não só a partir do julgamento de aceitabilidade/gramaticalidade, mas os efeitos das ilhas sintáticas, além dos princípios de valência, regularmente usadas na Psicolinguística.

Ao ponto que poderia oferecer instrumentos mais precisos e estáveis para comprovação de suas análises, a Sintaxe Experimental está comprometida por efeitos não controlados, como o da sociedade, e, portanto, as teorias baseadas em metodologias informais podem não ser confiáveis.

Maia (2015, p. 62) afirma que a Sintaxe Experimental apresenta um aspecto importante que consiste na busca de integrar o pensar teórico ao pensar experimental e, conclui que

pensar experimentalmente uma questão sintática, definindo explicitamente as hipóteses, as variáveis independentes e dependentes, procurando controlar as variáveis estranhas, estabelecendo com rigor os materiais, as tarefas experimentais e os grupos de sujeitos, adotando análises estatísticas, acaba produzindo um efeito extremamente benéfico para o próprio pensar teórico, que ganha, assim, em critério e rigor científico.

Dentre os temas mais analisados estão as construções envolvendo movimento de constituintes, ilhas sintáticas, categorias vazias de diferentes tipos, lacunas preenchidas e parasíticas bem com orações relativas de encaixe e à direita, interrogativas, negativas e comparativas.

2.3.3 Sintaxe Lexical

Essa perspectiva aponta que para entender como as orações são formadas, é preciso compreender os elementos que as constituem, no caso, os itens lexicais. As teorias lexicais estão centradas nas restrições. Amaral (2015, p.104) apresenta duas ideias centrais que ratificam esse princípio restritivo das teorias lexicais:

- Arquitetura como base em restrições. Para que uma construção (oração, sintagma etc.) seja considerada gramatical, ela tem que obedecer a uma série de restrições impostas a todas as construções linguísticas bem formadas.
- Sintaxe Lexical usa primordialmente a informação que vem do léxico para licenciar as construções sintáticas. As teorias das descrições lexicalistas vão colocar maior ênfase em uma formalização detalhada das descrições lexicais para descrever mecanismos que expliquem como os itens lexicais podem se combinar para formar estruturas sintáticas.

Isto é, a preocupação em estudar a natureza das estruturas linguísticas e descrever os signos linguísticos existentes em uma dada língua.

2.3.4 Sintaxe Computacional

Essa sintaxe tem como objetivo geral dotar as máquinas de uma inteligência linguística equivalente à dos humanos. Considerada como um campo de investigação, procura construir métodos e dados que permitam à máquina operar atividades linguísticas tais como as de ler textos em voz alta, transcrevê-los, corrigi-los, indexá-los, resumi-los, traduzi-los e simplificá-los. Normalmente, considerada mais afeita às Ciências da Computação do que à Linguística por ser um dispositivo mecânico e não um sujeito falante. Ocupa-se do processamento sintático das línguas humanas, ou seja, da elaboração, implementação e avaliação de modelos computacionais que permitam à máquina operar com fenômenos como as relações de distribuição (ordem e posição) e de dependência (concordância e regência) entre as palavras de uma sentença.

Mesmo sendo considerada ainda uma abordagem com fragilidades em evidência em relação a uma máquina realizar uma análise da linguagem sem entender, Martins (2015, p. 139) afirma que

o relativo sucesso desses sistemas – quando comparados, evidentemente, aos sistemas que procuram incorporar operadores metalinguísticos – parece reforçar a tese de que o domínio de uma língua não depende de uma metalinguagem técnica, ou de que o conhecimento linguístico corresponde, de fato, a competências cognitivas diferentes.

Ou seja, assim, como as pessoas não necessitam do conceito de fone ou fonema para produzir fones e fonemas, a máquina, quando instrumentalizada com os componentes necessários para a aprendizagem, não necessita utilizar o conceito de constituinte para a compreensão de que a análise sintática está envolvida.

2.3.5 Sintaxe Funcional

Uma vez que os estruturalistas e os gerativistas não conferiram o devido valor e importância aos sentidos e usos da língua, muitos linguistas realizaram estudos nos campos da semântica e da pragmática. Com essa premissa, o uso real da língua em situações de interação social passa a ser o objeto de estudo desse grupo de teóricos que relacionam Discurso e Sintaxe, chegando a concluir que a sintaxe das línguas humanas existe em razão das funções que a estrutura desempenha.

A Sintaxe manteria uma relação de dependência interna em prol do discurso e da pragmática, e não seria uma entidade autônoma como defendiam os estruturalistas e defendem os gerativistas até hoje. A Sintaxe Funcional, assim, considera a língua como um instrumento de interação social, isto é, a língua torna-se um objeto não autônomo, maleável, sujeito às pressões oriundas das diversas situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical, podendo ser compreendida de acordo com os fatores cognitivos, sociais e culturais, processamento mental, papel dos interlocutores, contextos discursivos, variação e mudança.

Para Rosário (2015, p.148), a análise funcional concretiza-se a partir de tendências de natureza sociocognitiva, partindo do contexto comunicativo para a caracterização dos fenômenos linguísticos, pois

a Sintaxe Funcional trabalha com *uso da língua*. Portanto, é necessário utilizar algum tipo de *corpus*. Deve-se destacar que as *intuições do analista* são também material de análise; entretanto, o *corpus* dá ao linguista um visão mais real dos usos efetivos da língua, na medida em que não só apresenta o que é utilizado de forma mais sistemática, mas, principalmente, indica as informações contextuais que motivam os usos dos elementos linguísticos.

Esse tipo de sintaxe procura novas formas de expressão para substituir por formas não mais usadas. Dentre, as possibilidades de estudo, temas relacionados à emergência e à regularização de padrões construcionais no nível morfossintático. As grandes linhas de investigação segundo estudo sistematizado por Cezario e Cunha (2013) são: variação e mudança linguística, gramaticalização e construcionalização, estrutura argumental e transitividade, universais e tipologia linguística, codificação de cláusulas, motivações competidoras e elementos organizadores do texto/discurso (informatividade, plano discursivo, cadeia tópica etc.

2.3.6 Sintaxe Descritiva

Segundo Perini (2015, p. 184), “a Sintaxe Descritiva não é uma teoria nem um modelo de análise: é uma posição metodológica, válida para qualquer linguista, trabalhando dentro de qualquer dos modelos teóricos do momento”, ou seja, procura estudar uma ação perante o estudo da linguagem em determinado nível. Tem como objetivos fornecer um retrato da estrutura da língua em determinado nível de análise, representando os fatos da língua da maneira mais clara e completa possível, como compromisso de representar

fielmente dados observados; e oferecer um instrumento para a testagem de teorias e análises mais aprofundadas.

Dessa forma, procura não ser imparcial em relação a outras teorias existentes, porém considerando-as como ponto de partida. Ocupa-se da descrição e da análise preliminar de grandes áreas da sintaxe da língua, sem selecionar ou interpretar os fatos em função de alguma teoria preconcebida, explicitando a relação que existe entre as formas sintáticas e os significados que elas transmitem, a partir da observação de dados da língua.

2.3.7 Sintaxe Normativa Tradicional

Ainda presente nas gramáticas, nas salas de aula, consiste no emprego “correto” de formas da linguagem falada e escrita.

Segundo Azeredo (2015, p. 198), essa sintaxe

promove uma intervenção no uso da língua; não se ocupa da totalidade dos recursos empregados na disposição e combinação das palavras na frase, mas de uma seleção desses recursos em nome de uma forma ideal – ou única considerada correta – de emprego da língua, ou seja, valoriza uma padronização, uma forma pronta, mas nem sempre ideal para a construção de frases.

Refere-se aos recursos formais sistemáticos que usamos para combinar e criar enunciados, focada na relação linguagem pensamento. Língua literária como expressão superior, a palavra é a expressão da ideia e a frase é a expressão do pensamento.

2. 4 TEORIA DOS GRAFOS

Com o intuito de melhorar a visualização das estruturas que compõem a frase, bem como as suas relações de dependência entre os constituintes imediatos da oração, a Teoria dos Grafos através, principalmente da caixa de Hockett e do diagrama arbóreo, constituem formas de facilitar o ensino de sintaxe e, conseqüentemente, aprendê-la.

Essa parte da pesquisa abordará a Teoria do Grafos desde a sua utilização em outras áreas do conhecimento até a sua aplicação nos estudos sintáticos da língua portuguesa, constituindo uma metodologia para o ensino de sintaxe.

Historicamente, a Teoria dos Grafos teve a sua primeira utilização ainda no século XVIII, quando o matemático Leonard Euler (1707-1783) explicou, através de um diagrama, como atravessar uma ponte que cortava a cidade de Königsberg, atual Kaliningrado, na

Rússia, situada nas margens e em duas ilhas do rio Preguel, sendo ligada por sete pontes. A discussão que ocorria nessa cidade consistia em como poderia uma pessoa atravessar pela cidade apenas uma vez por cada ponte.

Observe as seguintes imagens que ilustram o problema citado e o procedimento utilizado pelo matemático Euler para resolvê-lo.

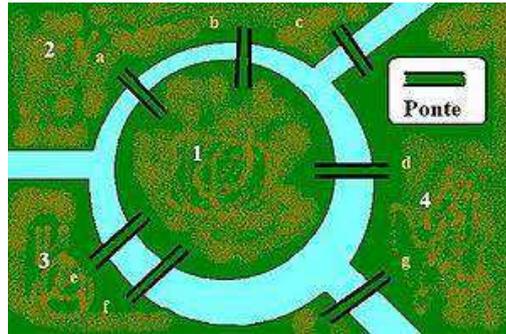


Figura 1 - Esquema de pontes¹

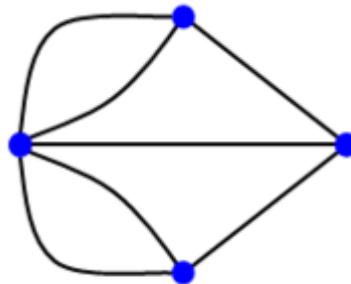


Figura 2 – Grafo das Pontes de Königsberg²

Euler provou que qualquer pessoa, ao percorrer o caminho, deve entrar e sair de cada um dos pontos a, b, c e d um número par de vezes. Logo, a pessoa, ao entrar e sair de cada um destes quatro pontos percorrendo arcos diferentes, deve utilizar todas as conexões entre os pontos para finalizar a tarefa, pois é necessário que exista um número par de arcos conectados em cada um dos pontos a, b, c e d. Os grafos, a partir de então, ganharam destaque e aplicabilidade em diversas áreas do conhecimento.

¹ Imagem retirada da página < https://pt.wikipedia.org/wiki/Sete_pontes_de_K%C3%B6nigsberg >. Acesso em: 18 nov. 2015

² Imagem retirada da página < https://pt.wikipedia.org/wiki/Sete_pontes_de_K%C3%B6nigsberg >. Acesso em: 18 nov. 2015.

Essa teoria advinda da Matemática, presente também em outras áreas do conhecimento como a Engenharia, a Física, a Informática, a Química, a Biologia, as Ciências Sociais e a Linguística, utiliza-se da simbologia de gráficos, retas, chaves, colchetes, parênteses, entre outros, para melhor visualizar as estruturas formadas a partir da composição da linguagem.

As palavras de Lucchesi (1979. p.1) ilustram essa ideia, uma vez que

muitas situações podem ser convenientemente descritas através de diagramas que constituem de um conjunto de pontos, juntamente com linhas que ligam alguns pares destes pontos. Por exemplo, os pontos podem representar pessoas, as linhas ligam pares de amigos; os pontos podem representar centros de comunicação, as linhas ligações entre os centros. A abstração matemática de situações desse tipo dá lugar ao conceito de grafos.

É essa capacidade de associar funções a determinados pontos e linhas que se cruzam, formando estruturas de diversas composições, que permitem explicar as relações matemáticas, construindo mecanismos de compreensão, através da resolução de situações-problemas elucidada pelo campo de visualização desenhado.

Muitas representações para a Teoria dos Grafos existem. Observe alguns exemplos de grafos³:

- Grafo regular

O grafo regular apresenta todos os seus vértices com o mesmo grau.

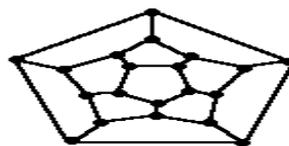


Figura 3

- Grafo completo

O grafo completo é assim denominado quando há uma aresta entre cada par de seus vértices. Estes grafos são designados por K_n , onde n é a ordem do grafo.

³ Os tipos de representação dos grafos foram retirados do site < <http://www.inf.ufsc.br/garfos/definicoes/definicao/html>. > Acesso em 18 nov. 2015.

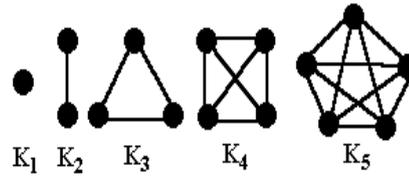


Figura 4

- Grafo bipartido

O grafo bipartido é formado por um conjunto de vértices quando puder ser particionado em dois subconjuntos, tais que toda aresta une um vértice a outro.

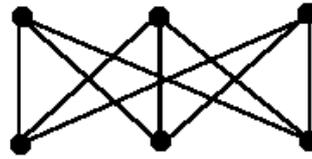


Figura 5

- Cadeia

Uma cadeia consiste na sequência qualquer de arestas adjacentes que ligam dois vértices. O conceito de cadeia vale também para grafos orientados, bastando que se ignore o sentido da orientação dos arcos.

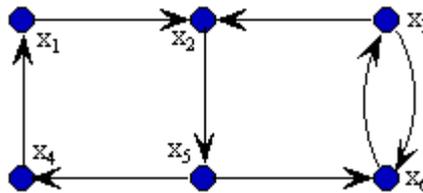


Figura 6

- Arborescência

A arborescência é uma árvore que possui uma raiz. Aplica-se, portanto, somente a grafos orientados.

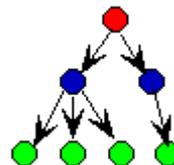


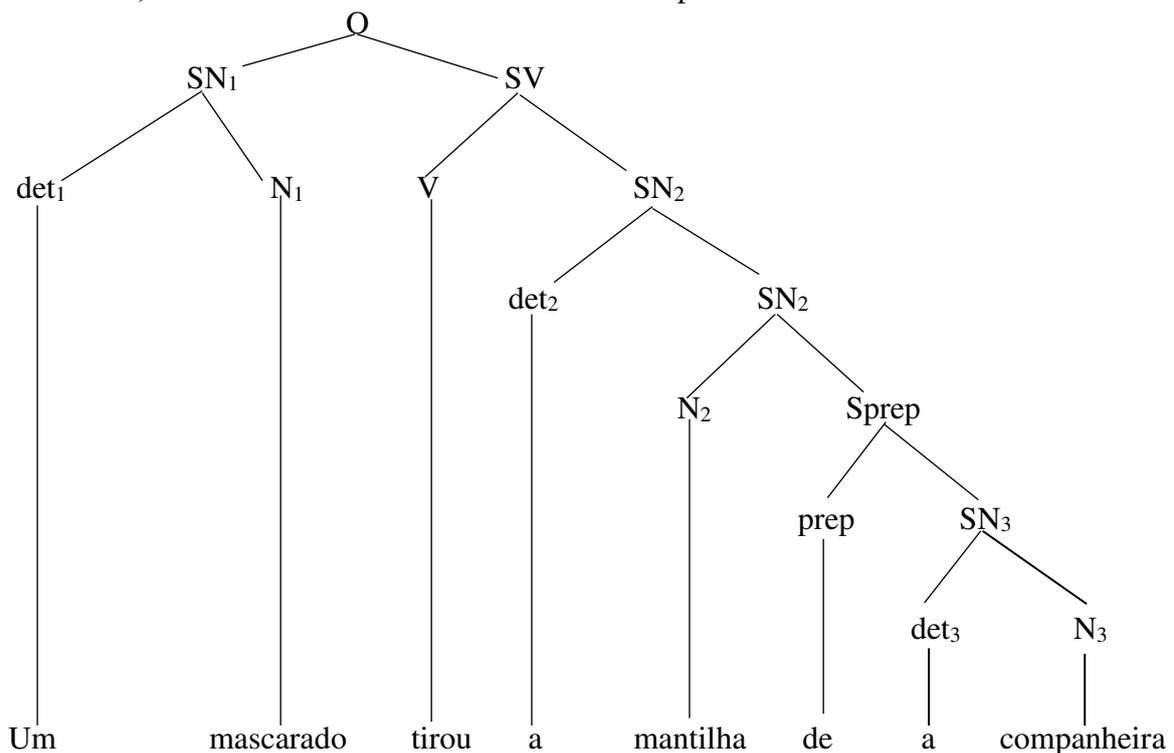
Figura 7

Quanto ao uso dos grafos na Linguística, muitos sintaticistas da Sintaxe Estrutural apresentaram análises das orações, permitindo visualizar os componentes constituintes bem como especificar as funções por eles desempenhadas. Após os estruturalistas, coube à Sintaxe Transformacional efetivar o uso dos grafos, principalmente, pelos estudos de Chomsky e seus diagramas arbóreos para a análise dos sintagmas constituintes da oração, sendo muito frequente o uso por partes de autores atuais, como Borba, Machado, entre outros.

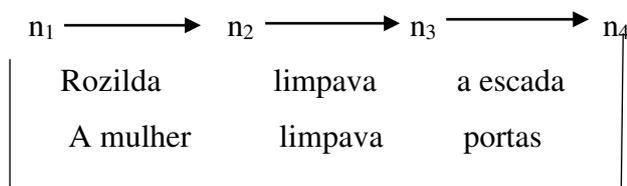
Os principais tipos de grafos usados para representar as estruturas linguísticas são: diagramas, colchetes ou parênteses, caixas (Hockett), grafos simplificados ou alterados (estemas, árvores e grafos interligados).

O modelo arbóreo foi amplamente usado pela Gramática Gerativo-Transformacional, por um dos idealizadores dessa corrente, Chomsky. Confira o uso da Teoria dos Grafos nos exemplos seguintes:

1) Um mascarado tirou a mantilha da companheira⁴.

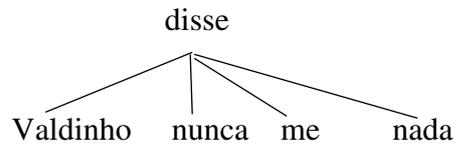


2) Rozilda lavava a escada



⁴ Os exemplos (1), (2), (3) e (4) de aplicação da Teoria dos Grafos na análise sintática foram retirados de Borba(1979), e o (5), de Machado (2000).

3) Valdinho nunca me disse nada.



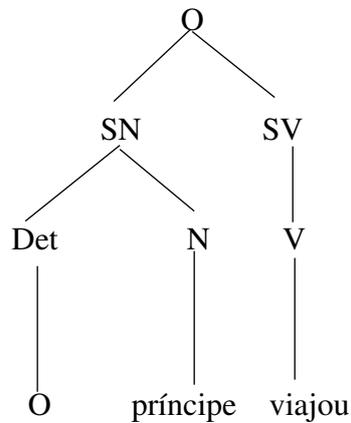
4) Romilda descansou a cabeça no peito do marido.

				o	marido
				do	Marido
			no peito	do	marido
		a cabeça	no peito	do	marido
	descansou	a cabeça	no peito	do	marido
Romilda	descansou	a cabeça	no peito	do	marido
Romilda	descansou	a cabeça	no peito	do	marido

Mesmo considerada por teóricos do estudo da língua, como, por exemplo, Borba (1979), a utilização da caixa de Hockett, em seu primeiro contato pode causar uma certa aversão quanto à sua construção e à disposição dos elementos constituintes da frase, no entanto é válido ressaltar que a visualização da estrutura frásica fica mais clara e evidencia todo o processo de combinação em que as palavras foram organizadas para constituir uma frase com sentido.

No caso dos exemplos aqui utilizados para ilustração da aplicação dos grafos na análise sintática, há a presença de duas teorias, a gerativa, representada pelo diagrama arbóreo, em que Chomsky se consagrou, e a outra é a descritiva, em que os termos utilizados para classificação dos sintagmas, são os constituintes imediatos defendidos por Perini, como pode ser visto além dos exemplos anteriores, o seguinte:

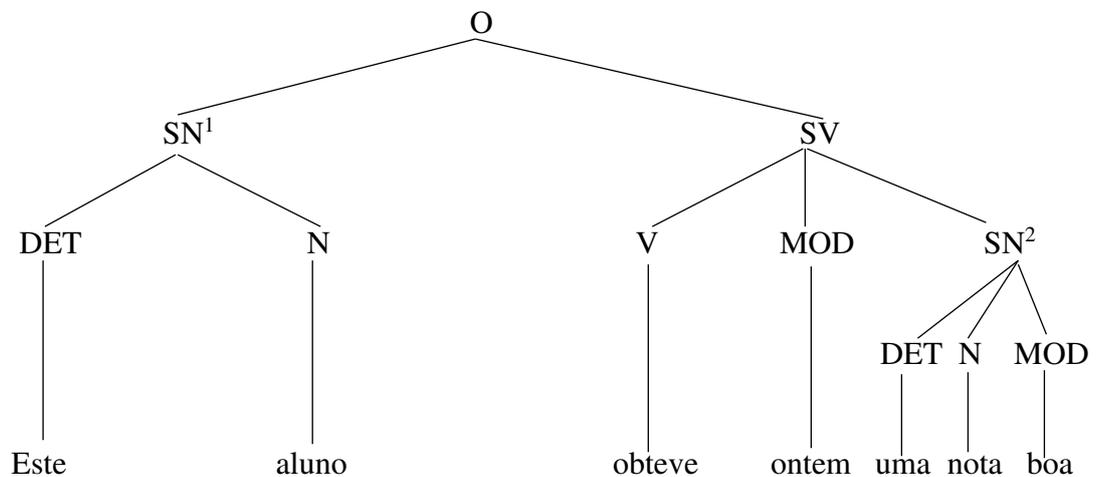
5) O príncipe viajou.



O grafo das palavras é definido assim: cada vértice é uma palavra da língua portuguesa e duas palavras são adjacentes e se diferem em exatamente uma posição.

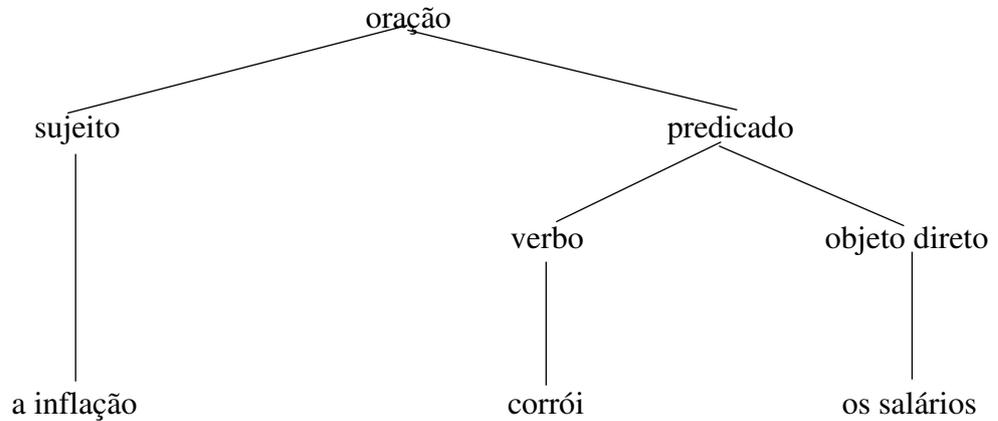
Segundo Feofiloff, Kohayakawa e Wakabayashi (2011) muitos dos problemas sobre grafos tornaram-se célebres porque são um interessante desafio intelectual e porque têm importantes aplicações práticas.

Observe, a seguir, um caso em que a TG foi utilizada para explicar a estrutura da oração a partir do sujeito e predicado, denominados, respectivamente, de sintagma nominal e sintagma verbal, no livro *Nova gramática do português contemporâneo*, de Cunha e Cintra, p. 138. Sobre esse livro, boa parte de suas explicações quanto ao estudo de sintaxe é feita por meio do diagrama arbóreo. Confira:

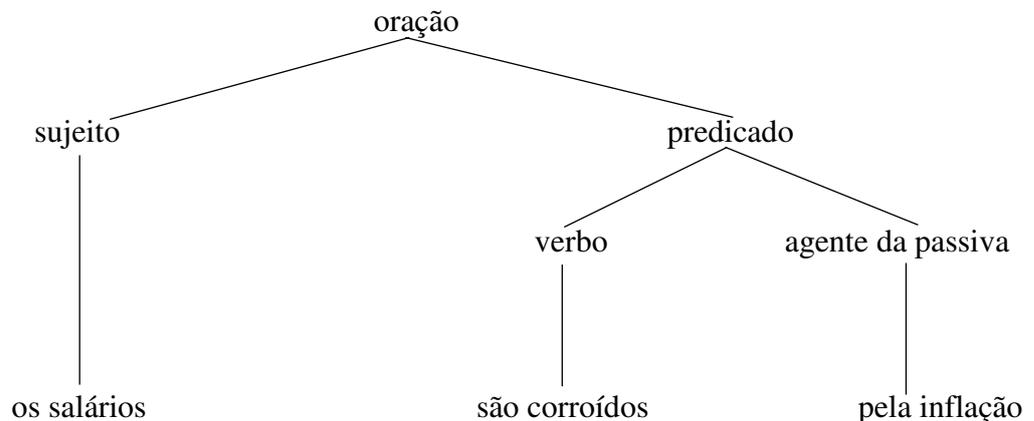


Esses mesmos autores, nas páginas 162-163 do mesmo livro, trabalham com o diagrama arbóreo a mudança de voz ativa para a voz passiva. Veja:

Voz ativa:



Transformando para a voz passiva:



O uso da TG para explicar essas transformações elucidam possíveis dúvidas quanto à mudança de funções que os termos da oração exercem. Mesmo seguindo as regras estabelecidas para realização desse processo, ao usar esse método passa a construir uma visualização do mesmo, favorecendo ao aluno realizar inferências sobre as funções que a palavra pode exercer dependendo da posição em que se encontra na frase.

A Teoria dos Grafos deve facilitar a aprendizagem de sintaxe no 8º ano do Ensino Fundamental, mesmo diante de suas limitações como qualquer outra teoria. Pois, o livro didático adotado pela escola limita a compreensão global da sintaxe, uma vez que segmenta o ensino, sendo que a função sintática de uma palavra em determinado contexto, não será mais trabalhada em outros momentos, nem retomados para possíveis explicações entre suas

semelhanças e diferenças. Dessa maneira, permite melhor visualizar a estrutura frasal, seus constituintes e suas relações de dependência ou não na construção da frase, a partir dos enunciados do livro didático, bem como nas próprias estruturas elaboradas pelo aluno que estão presentes em seus textos.

A limitação quanto ao uso da TG parte da própria formação do professor que, muitas vezes, não consegue enxergar a aplicabilidade desse método em sala de aula bem como a ausência nos livros didáticos, em especial, o livro adotado na escola em que a pesquisa foi desenvolvida.

3 PROPOSTA PARA ENSINO DE SINTAXE COM A TEORIA DOS GRAFOS

3.1 Da escolha do livro didático

O ensino de Língua Portuguesa, na maioria das escolas, restringe-se ao uso do livro didático. As limitações relativas a esse manual estão relacionadas, muitas vezes, ao deficiente processo de escolha e ao uso na sala de aula. Muitos professores optam por um livro que facilite o seu trabalho, sem a devida preocupação de como o aluno irá se comportar diante da sistematização dos conhecimentos apresentados no livro.

Com o intuito de realizar de forma democrática e participativa, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) tem como objetivo prover as escolas públicas de ensino fundamental e médio com livros didáticos e acervos de obras literárias, obras complementares e dicionários, através da elaboração de um edital especificando todos os critérios para a inscrição das obras. Os títulos inscritos pelas editoras passam por uma avaliação do MEC, que produz o Guia do Livro Didático com as resenhas de cada obra aprovada, sendo disponibilizada às escolas participantes pelo FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação). Esse Guia está disponível na *internet* no próprio site do FNDE e nos sites das editoras.

Dentre os critérios de avaliação do PNLD para a escolha do livro didático, pode-se destacar os manuais que ofereçam ao aluno textos diversificados e heterogêneos, de tal forma que a coletânea seja a mais representativa possível do mundo da escrita contemporânea.

É preciso salientar que, costumeiramente, a escola recebe, das editoras selecionadas pelo PNLD, exemplares de livros para que o professor tenha o acesso, um contato que vai

além do que é visto pela *internet*. Essa prática nem sempre é bem vista pelo MEC, pois algumas editoras podem influenciar a escolha ao presentear o professor com outras edições, livros, brindes.

Após a análise realizada pelos órgãos superiores, o processo de escolha chega às escolas, em que os professores passam a ter o papel decisivo para o resultado final. O estudo começa pelos autores, formação acadêmica, atividades profissionais. Em seguida, o olhar é direcionado para o livro, observando-se a disposição de conteúdos, as sequências que contribuem para a construção do conhecimento, tamanho da letra, disposição gráfica, uso de imagens, desenhos, presença dos gêneros textuais adequados aos níveis de cada série, interpretação de texto, a proposta de produção de texto bem como a sistemática de trabalho com a gramática.

Quanto ao ensino de gramática, analisa-se como foi realizada a divisão do conteúdo para cada série/ano, a sequência lógica entre os conteúdos, continuidade e progressão da temática, o grau de dificuldade dos assuntos, a partir da construção do conceito e de exemplos utilizados e, conseqüentemente, os exercícios propostos para que os alunos resolvam.

Entretanto, mesmo com esse espaço de discussão, provocado ao longo dos dias e, socializado em um encontro com a participação de todos os professores da rede escolar do município, por área de conhecimento, e seguindo as diretrizes acima estabelecidas para a efetivação da escolha do livro didático, ainda se percebe, nas falas dos professores, a preocupação constante com as questões linguísticas que, em algumas das obras indicadas perderam o espaço, procurando escolher aquelas que apresentam de forma mais tradicional tal componente gramatical, devido à própria formação do professor, à comodidade e à habilidade com o ensino, o que se pode ser considerado um descompasso para as mudanças propostas pelas teorias presentes no momento atual, que estão conquistando espaço no meio acadêmico, ao provocar uma reflexão e elencar propostas para as lacunas deixadas pela visão tradicional de fazer e ensinar gramática.

Sobre essa situação, Barbosa (2013, p. 32) aponta que

se o livro didático usado incluir as cantigas medievais, por exemplo, quantos aspectos têm de ser ensinados para que o aluno delas tire o melhor proveito? Quantas palavras já mudaram de sentido? Quanta informação sobre a sociedade portuguesa de oito séculos atrás é imprescindível para interpretar, com propriedade, essas cantigas? Que saborosas diferenças morfossintáticas podem se tornar dúvidas amargas, se não houver boa condução nos trabalhos dos mestres? Se os alunos não decodificarem os textos de épocas passadas, como poderão interpretá-las? Como poderão se apaixonar pela Literatura? Sem o trabalho do professor de Língua Portuguesa, aquele que ensina, também categorias gramaticais, esses alunos

vivenciariam maior dificuldade de ler e entender esses e outros escritos cuja referência de norma e estilo não participa de seu padrão vernáculo.

Evidentemente, para que a prática docente seja mais coerente com o ensino e voltada à realidade do aluno, diante dos problemas enfrentados pela escola com a questão da aprendizagem, o livro didático, ferramenta de apoio para a construção do conhecimento, deve estar em consonância às mudanças na sociedade, iniciada pela evolução da língua e suas formas de manifestação que influenciam no processo de comunicação, de interpretação do mundo e de participação nessas mudanças, a autonomia linguística tão defendida e preterida pelos estudiosos.

3.2 O livro didático escolhido

O livro didático adotado pela escola em que se propõe realizar a atividade de intervenção pedagógica é o Projeto Teláris - Português, 8º ano, cujas autoras são Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi, da Editora Ática, sendo que a utilização do mesmo corresponde ao triênio 2014, 2015 e 2016.

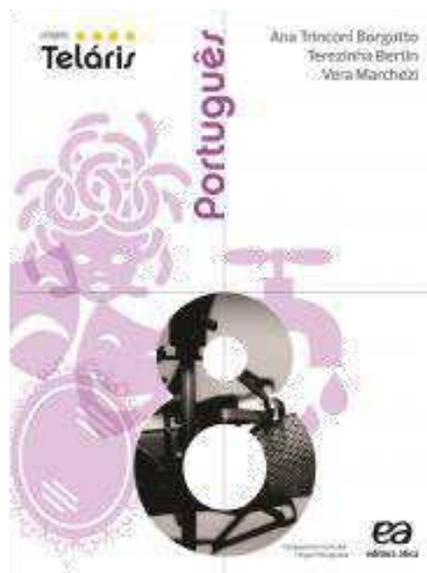


Foto 1⁵

Quanto à sistematização dos conteúdos em seus respectivos capítulos, o livro está dividido em 04 (quatro) unidades, cada unidade formada por 02 (dois) capítulos, num total de

⁵ Foto ilustrativa da capa do livro adotado pela escola. Disponível em: < http://images1.folha.com.br/livraria/images/8/3/1189750-250x250.png?_c=2012-12-14-182830 >. Acesso em: 04 ago. 2016.

08 (oito) capítulos para estudo durante todo o ano letivo. A estruturação dos capítulos seguem a seguinte ordem, dividida em seções: abertura (texto para ativação dos conhecimentos prévios), leituras principais em que se propõe a interpretação de texto, compreensão, análise da construção do texto, linguagem do texto e hora de organizar o que estudamos (realizado através de um mapa conceitual, que apenas remete à estrutura presente na teoria dos grafos, mas não cita, nem a utiliza).

Após esses momentos, direciona-se para a prática de oralidade (debate e outras práticas), em seguida a ampliação de leitura (outras linguagens e conexões).

Dando continuidade à estruturação dos capítulos, apresenta-se a seção língua, usos e reflexões, os estudos linguísticos e gramaticais em que se propõe estudar sobre escolhas linguísticas realizadas nos textos estudados e sobre usos e convenções dos modos de organização do sistema da língua portuguesa, bem como a sintetização do conhecimento linguístico a partir de uma mapa textual.

Em seguida, a proposta de produção de texto (orais, escritos, verbais e não verbais, individuais, coletivos), seguido outro(s) texto(s) do mesmo gênero proposto na apresentação do capítulo como da proposta de produção. Por fim, uma recapitulação de tudo o que foi trabalhado no capítulo.

O livro em si dá um enfoque maior aos gêneros textuais que ao estudo de sintaxe. Mesmo com inferências da área da linguística, quando se pretende explicar as relações da palavra na composição da oração, continua a propor explicações de forma linear, sem referências a funções sintáticas estudadas anteriormente, como se o que se aprendeu naquele capítulo não pudesse ser retomado no próximo, nem fosse necessário para a compreensão do sentido da frase.

Em relação às atividades propostas para o estudo de sintaxe, muitas têm como ponto de partida os textos de apoio, charges, tirinhas, poemas. Apesar de usar o mapa textual para ilustrar o assunto que foi estudado, não se utilizou para a análise sintática, nem incentivou o professor a trabalhar com outras formas de ensinar sintaxe, por isso a proposta de introduzir a Teoria dos Grafos como elemento facilitador para os estudos de sintaxe é relevante.

O próprio manual do livro do professor, as sugestões de como desenvolver as atividades quanto à compreensão dos recursos linguísticos encontram-se de maneira vaga, sem muitas contribuições para o que o professor possa inferir em suas aulas.

No tocante à organização do livro, percebe-se a repetição de conteúdos sem uma abordagem mais aprofundada. Os enunciados das atividades propostas são extensos,

provocando um desconforto para o aluno que reclama por muitas vezes em ter que copiá-los, sendo que a ideia da realização da atividade está resumida em uma frase.

Ainda há uma parte suplementar do componente gramatical muito resumida que se encontra no final do livro, para que o professor complemente as aulas em que o enfoque é estudo da língua. As atividades nessa parte complementar são insuficientes, para determinados conteúdos, nem proposta de atividade tem.

Recentemente, para a escolha do livro didático, foi realizada uma parceria entre as escolas municipais e estaduais, optou-se por outra coleção que já havia sido adotada anteriormente, *Português linguagens*, dos autores William Cereja e Thereza Cochar. Mesmo apresentando problemas semelhantes ao atual, foi eleito para o próximo triênio (2017, 2018 e 2019) pela forma de disposição de conteúdos que se completam, exemplos, sistemática de construir o conceito.

Diferentemente do Projeto Teláris – Português, o livro *Português linguagens* aborda conceitos básicos e tradicionais da gramática normativa, a partir de uma perspectiva diferente, centrada no texto e no discurso, fundamentando-se na contribuição e crítica da Linguística e da Análise do Discurso, o que os próprios autores caracterizam como uma gramática reflexiva. No primeiro livro, os aspectos normativos da língua são apontados com conceitos mais próximos da gramática descritiva, aspectos morfossintáticos que norteiam a organização das frases e dos textos. Na verdade, ambos caminham por entre vários tipos de gramática, porém prevalece a visão da normativa, não criando preconceitos, mas apresentando as normas consideradas de maior prestígio social.

Português linguagens apresenta seções essenciais como estudo do texto, produção do texto, para escrever com adequação/coerência/coesão/expressividade, a língua em foco, e de olho na escrita.

Foto 2⁶

Quanto ao ensino de gramática, a seção *A língua em foco* está dividida em momentos como: *Construindo o conceito*, objetivando que o aluno possa construir o conceito gramatical; *Conceituando*, espaço para formulação, ampliação, a partir de exemplos, explicações complementares, observações; exercícios; *A categorial gramatical estudada na construção do texto*, observando o papel de determinada categoria gramatical na organização e na construção dos sentido de um texto. *Semântica e discurso*, o conteúdo gramatical passa a ter um enfoque na perspectiva semântica ou análise do discurso.

O que se percebe diante das opções para essa nova escolha, é que a gramática, principalmente a sintaxe, continua sendo trabalhada sem uma melhor visualização de seu processo estrutural, organizacional no quesito de selecionar e combinar palavras para construção do sentido.

Restringe-se a uma análise voltada à horizontalidade, com uso de setas, barras, mas que poderia abrir um campo maior para visualização das estruturas que compõem a frase, como também apresenta o estudo de sintaxe do período simples de forma não conclusiva, pois o ensino desse componente linguístico é iniciado no 7º ano, sendo concluído somente no 8º ano do Ensino Fundamental.

Quanto à organização dos conteúdos, há uma quebra na estrutura da obra, visto que o ensino de sintaxe do período simples é iniciado ainda no 6º ano, segmentado no 7º ano, sendo concluído apenas no 8º ano. Essa divisão pode acarretar uma complicação para a compreensão

⁶ Foto ilustrativa da capa do livro Português linguagens que será utilizado para o triênio 2017, 2018 e 2019, retirado do site < http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-768868886-livro-portugus-linguagens-8-ano-2015-em-pdf_JM >. Acesso em: 04 ago. 2016.

dos fenômenos sintáticos, pois distribuir os conteúdos dessa maneira fragmentada e ao longo de anos, faz com que o aluno não consiga relacionar as relações e diferenças entre os componentes sintáticos estudados. Nesse intervalo, uma parte da morfologia é trabalhada, sem muitas vezes manter uma relação com o ensino de sintaxe. No entanto, as questões são menos extensas, e dependendo da seção associam leitura, interpretação e reflexão sobre os componentes linguísticos, isto é, sua aplicação e funcionalidade na frase.

Em um estudo mais criterioso, as autoras Bezerra e Reinaldo (2013, p. 52-53), ao analisar os livros didáticos publicados no período de 2000 a 2010, destinados aos anos finais do Ensino Fundamental, dentre esses livros os adotados pela escola, afirmam que

três tendências relacionadas aos estudos das unidades da língua: a primeira conserva a perspectiva da gramática tradicional, tanto na denominação das seções quanto na abordagem do tema e na elaboração das atividades destinadas aos alunos; a segunda adota denominações relacionadas à análise linguística (influenciada pelas teorias da Linguística Moderna), mas ora aborda exclusivamente temas da tradição gramatical (nomenclatura e classificação da palavra e da frase), ora os explora acompanhados dos tópicos da linguística de texto (critérios de textualidade) e/ou de estudos de sentido (envolvendo argumentação, interação, aspectos sociopragmáticos da língua, entre outros) e, conseqüentemente, elaboração de atividades correspondentes aos temas que foram abordados; e a terceira tendência também adota denominações relacionadas à análise linguística, mas sem abordagem sistematizada de temas, nem de atividades a eles correspondentes.

Essa pesquisa realizada pelas autoras citadas e, conseqüentemente, reflexão sobre as abordagens quanto ao ensino de gramática, especificamente, a sintaxe, permite compreender que mesmo com avanços em relação ao trabalho com a análise linguística, ainda há uma forte predominância pela segunda tendência destacada por Bezerra e Reinaldo (2013) quando concluem que

a segunda tendência, por nós denominada de conciliadora, apresenta denominações para o estudo da língua que refletem influências teóricas oriundas da linguística e da tradição gramatical. As seções recebem rótulos tais como “A língua em foco” (CEREJA e MAGALHÃES, 2009), “Estudo da língua” (SOUZA e CAVÉQUA, 2009), “Língua: usos e reflexão” (BORGATTO, BERTINI e MARCHEZI, 2006) [...] (BEZERRA e REINALDO, 2013, p. 55)

As autoras ratificam que os dois livros avançam em determinados aspectos como os do estudo da língua, ao ponto que apresentam atividades voltadas para a tradição gramatical, tentando conciliar propostas que parecem ser totalmente distintas, ou parcialmente complementares, e vice-versa. Tratam o ensino de sintaxe como um complemento aos tipos de gêneros textuais apresentado no início da unidade, trabalhando com um maior enfoque para as

estruturas textuais: leitura, interpretação, linguagem do texto, produção de texto, e por último, as reflexões sobre a língua e o seu uso.

3.3 Da proposta de intervenção

O público-alvo dessa proposta envolve, principalmente, os professores de Língua Portuguesa, da rede pública estadual de ensino, da cidade de Santo Antônio de Lisboa, Piauí, na Unidade Escolar Maria de Carvalho, 8º ano do Ensino Fundamental, jurisdicionada à 9ª Gerência Regional de Educação em Picos – PI. A referida unidade escolar, situada na sede, perímetro urbano, a 42 km (quarenta e dois quilômetros) da cidade de Picos, no Estado do Piauí, a 352 km (trezentos e cinquenta e dois quilômetros) da capital Teresina, oferta os níveis de Ensino Fundamental e Médio da Educação Básica.



Foto 3

A escola Maria de Carvalho conta com 284 (duzentos e oitenta e quatro) alunos regularmente matriculados, de acordo com os dados disponibilizados pelo Censo Escolar 2016, distribuídos nos três turnos (manhã, tarde e noite) de funcionamento da escola. Considerada referência no ensino de qualidade pela comunidade local e também a nível estadual devido a suas colocações nas avaliações externas de que participa, ainda existem problemas que vão desde a sua estrutura física bem como a falta de professores em determinadas áreas do conhecimento.

O que se propõe para melhorar as aulas de sintaxe é a utilização da Teoria dos Grafos como método facilitador para a compreensão da análise sintática do período simples, que está presente nos livros didáticos do 8º ano do ensino Fundamental. Uma vez que os livros não contemplam essa explicação de maneira mais efetiva, e o professor tende a seguir a mesma forma presente nos manuais, é preciso não só criar mecanismos que ajudem a compreensão dessa área da gramática, mas também utilizar os existentes, pois, para muitos alunos, é um assunto de difícil assimilação, mesmo necessário, sentem-se desestimulados a aprender, levando aos desvios e ao desconhecimento da estrutura frasal e da construção de seu sentido.

O professor deve estar ciente de seu papel como mediador entre o conhecimento e o aluno, sendo preciso ter uma formação que possibilite realizar essa mediação.

Kleiman e Sepulveda (2014, p. 37) defende que

para o próprio professor, o conhecimento gramatical é essencial para fazer intervenções didático-pedagógicas relevantes. Para conduzir a reflexão linguística em sala de aula, o domínio da gramática – enquanto corpo de conhecimentos sobre o sistema da língua – é indispensável. O conhecimento do funcionamento das regras da língua faz parte, ou deve fazer parte, do conjunto dos saberes específicos do professor de Língua Portuguesa sobre o conteúdo da sua matéria. (...) Pois levará o aluno a refletir sobre sua língua e a usá-la com eficiência, segundo suas intenções e seus objetivos, e as exigências das situações comunicativas.

São essas intervenções didático-pedagógicas relevantes, defendidas pelas autoras, que fazem a diferença na sala de aula, propiciando um espaço para análises e reflexões em que a participação do professor e do aluno são fundamentais para o conhecimento de como a língua funciona, mediante as situações de comunicação. Pois, os problemas em sala de aula são constantes, e quando se reflete sobre o ensino de gramática, dificuldades como a relação entre a morfologia e a sintaxe, que vão desde os conceitos, considerados falhos, até as análises presentes nos livros, possibilita direcionar melhor o caminho das aulas sobre a gramática.

Enquanto a gramática tradicional ocupa as aulas de língua portuguesa, prescrevendo formas, mas não explicando as grandes exceções que a língua oferece, conhecer outras propostas de estudo é permitir reconhecer a forma, saber a função que a palavra exerce na frase, levando em consideração o contexto e a sua posição na compilação da frase. Outro problema, no que diz respeito a essas teorias difundidas na academia, na formação do professor em capacitações continuadas, é que, muitas vezes, nem o professor tem esse conhecimento, ou domínio para a utilização desse conhecimento em prol da melhoria do ensino.

Partindo dessa preocupação, é necessário que o professor tenha acesso a outras teorias que explicam os mesmos fenômenos linguísticos, com uma visão pautada na observação e nos equívocos de análises, construindo objetos de estudo que reverenciam a língua como peça fundamental. Para isso, três teorias que estudam a sintaxe foram elencadas: a sintaxe tradicional, atual e presente nas salas de aula, vista como a responsável pela aquisição de uma comunicação prestigiada, valorizada socialmente; a sintaxe gerativa que apresenta essas novas possibilidades de análise como o sistema arbóreo e a caixa de Hockett e a sintaxe funcionalista que está associada à competência sociocognitiva do aluno em compreender os contextos que geram sentido à frase.

A partir desse ponto, a proposta é criar um manual didático, de apoio ao professor, de forma complementar ao livro didático e às aulas de língua portuguesa, para analisar sintaticamente a estrutura da frase, utilizando a Teoria dos Grafos, através do uso do diagrama arbóreo e da caixa de Hockett.

Franchi (1987, p.43) defendia uma relação harmoniosa entre criatividade e gramática quando afirmou que

ela (a criatividade) não pode limitar-se ao comportamento original, à inspiração e ao desvio. Há muita criatividade na loucura e na esquizofrenia, mas também se cria quando se seguem regras históricas e sociais com as regras da linguagem. Há criatividade nas manifestações individuais e divergentes, mas também no esforço coletivo, comunicado, no diálogo com os outros que garante o exercício significativo da linguagem.

Construir esse manual não significa a negação da utilização do livro didático adotado pela escola, ao contrário, o mesmo deve ser utilizado, e nas falhas detectadas providenciar formas que melhorem a compreensão do conteúdo para uma autonomia diante da construção das frases, organização do pensamento e principalmente desmistificar que estudar sintaxe é algo difícil e não acessível a todos.

O guia didático consiste em um suporte em que o professor poderá contar para suprir as lacunas presentes no livro didático. Dessa forma, exemplos e exercícios do livro adotado e de outros livros serão analisados para que o professor trabalhe com os alunos outras possibilidades de análises.

3.4. O guia didático

O guia didático consiste em um manual de apoio para desenvolver atividades propostas a fim de apresentar meios, técnicas que facilitem a compreensão de um determinado assunto, pertencente ao gênero instrucional.

As informações presentes no guia estarão relacionadas a reflexões sobre o ensino de sintaxe no período simples a partir da utilização da Teoria dos Grafos, apresentando além da forma como é trabalhada a análise sintática atualmente na sala de aula, uma proposta que, mesmo podendo haver uma discordância de seu uso em um primeiro momento, pode colaborar para minimizar a distância entre ensinar e aprender sintaxe no ensino fundamental.

Então, quais os parâmetros que nortearão a construção desse guia didático?

Iniciar-se-á com uma pequena apresentação, em que constará uma justificativa e um objetivo geral para tal produção. Logo em seguida, uma breve explicação sobre o que é Sintaxe e a Teoria dos Grafos bem como o benefício da utilização dessa para análises sintáticas em sala de aula, acompanhado de um breve paralelo entre as três sintaxes (tradicional, gerativista, e funcional), para depois, apresentar exemplos de atividades retirados dos livros de épocas distintas: Projeto Teláris: Português e Português linguagens.

A partir desses passos, para a elaboração do guia, espera-se que o professor possa estudá-lo e, assim, introduzi-lo em suas práticas pedagógicas. A proposta é que esse manual torne-se, a partir de seu uso, um elemento facilitador de compreensão de sintaxe entre os alunos, colaborando para um aprendizado mais dinâmico, reflexivo e prático, ajudando a melhorar a leitura, compreensão e produção dos usuários da língua materna.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS



PROFLETRAS
EPITÁCIO SILVA LOPES

TEORIA DOS GRAFOS
UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE SINTAXE DO PERÍODO SIMPLES

GUIA DIDÁTICO

GUIA DO PROFESSOR
ENSINO DE SINTAXE A PARTIR DO USO DA TEORIA DOS GRAFOS

Tem sido um lugar-comum entre professores, educadores e mesmo estudiosos da linguagem uma atitude negativa em relação à gramática, há razões para isso. Entre elas: a crítica correta à insuficiência das noções e procedimentos da gramática tradicional; a inadequação dos métodos de “ensino” da gramática; o fato de que essa gramática não é relacionada a um melhor entendimento dos processos de produção e compreensão de textos; o esquecimento da oralidade; o normativismo renitente etc. Essa crítica, porém, por mais perspicaz e correta que seja, não é acompanhada de uma reflexão amadurecida e bem informada: nem basta para instruir a substituição dos quadros teóricos que serviram à tradição gramatical, nem permite elaborar uma nova mediação entre a teoria linguística e a prática pedagógica. Não se renova, assim, a concepção de gramática. A consequência não pode deixar de ser ou a rejeição do estudo gramatical ou a incosequência de uma prática “envergonhada” dos mesmos exercícios antigos sob outras capas.

Carlos Franchi⁷

⁷ FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo “Gramática”?**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2013, p. 34-35.

Apresentação

Caro (a) professor (a),

Para Barros (2009), o guia didático consiste em um material de apoio tendo como referência os recursos metodológicos que definem de forma clara os conteúdos a serem aprendidos em sala de aula pelo trabalho do docente, uma composição de assuntos considerados relevantes para o desenvolvimento de um conteúdo específico.

Sendo considerado um recurso metodológico, em que aprecia os procedimentos pedagógicos pertinentes ao desenvolvimento de um ensino mais eficaz com a possibilidade de chegar aos resultados almejados pela escola: a aprendizagem. O presente Guia Didático tem como objetivo propor uma forma de trabalhar a sintaxe no período simples através da utilização da Teoria dos Grafos, no 8º ano do Ensino Fundamental, a partir dos exemplos e atividades que constam no livro didático adotado pela escola, constituindo um espaço para reflexão e melhoria das práticas pedagógicas quanto ao ensino de gramática.

Este material foi pensado devido às dificuldades ora encontradas pelos professores quando a aula tem como temática o ensino de sintaxe. As dificuldades estão relacionadas à didática empregada, ao uso restrito do livro didático, à postura do aluno diante do conteúdo apresentado e sua relação com as atividades em que o centro da atenção é a língua como uma estrutura capaz de produzir sentidos.

Em relação aos métodos utilizados em sala de aula para o ensino de língua, Riolfi (2008 et al, p. 4) questiona se “há uma necessidade de uma reelaboração metodológico-conceitual que atinja o aluno contemporâneo com as aulas de Língua Portuguesa, ou seria melhor os métodos consagrados e insistir para que os jovens se adaptem a eles?”

Esse guia, dessa forma, representa uma proposta complementar ao livro didático, para que as dificuldades encontradas pelo professor de língua materna, quanto ao ensino de sintaxe em sala de aula, sejam amenizadas pela apresentação de metodologias diferentes das já empregadas no âmbito escolar.

O intuito é de realizar uma mudança na aprendizagem dos alunos quando se recomenda estudar os aspectos linguísticos que contribuem para uma melhor compreensão da análise sintática do período simples, a partir da introdução da Teoria dos Grafos, como elemento facilitador para realização de tal análise.

Para mostrar que o trabalho com esse método é salutar para o ensinar sintaxe, optou-se por duas formas de grafos: o diagrama arbóreo e a caixa de Hockett.

Para elaboração desse material, foi feita uma revisão na literatura que discorre sobre o ensino de gramática e, especialmente, do ensino de sintaxe, permitindo uma reflexão, compreensão e uso da língua.

Apresentam-se a seguir, os objetivos que direcionam a confecção desse material, uma breve explicação sobre o ensino de gramática e o que é Sintaxe, sua abordagem na visão tradicional, gerativa e funcional, e a Teoria dos Grafos bem como o benefício da utilização dessa teoria para análises sintáticas em sala de aula. Por fim, exemplos e atividades retirados dos livros didáticos adotados pela escola (atual e futuro).

Este Guia foi construído com o intuito de apresentar ao professor outras formas de se trabalhar a sintaxe, fazendo com que o aluno possa interagir e até mesmo produzir sua própria maneira de compreender e realizar a análise sintática com o suporte metodológico a Teoria dos Grafos, constituindo um espaço inovador para outras possibilidades de aprendizagem.

Bom estudo!

O autor

SUMÁRIO

Objetivos	62
Objetivo Geral	62
Objetivos Específicos	62
Gramática, Sintaxe e Teoria dos Grafos	63
Gramática e Sintaxe	63
Teoria dos Grafos	67
Um olhar sobre a frase, a oração e o período	68
Principais funções sintáticas do período simples: olhares intercruzados	72
Trabalhando a Sintaxe com a Teoria dos Grafos	77
Dialogando	96
Referências	98

Objetivos

Objetivo Geral

- Utilizar a Teoria do Grafos, o diagrama arbóreo e a caixa de Hockett, na análise sintática do período simples como forma de melhor visualizar a estrutura da frase e os elementos que a constituem.

Objetivos Específicos

- Reconhecer a estrutura frasal;
- Visualizar a estrutura da frase;
- Reconhecer os termos da oração / constituintes imediatos.
- Trabalhar a análise sintática através da Teoria do Grafos;
- Manusear o diagrama arbóreo e a caixa de Hockett como ferramenta para a aprendizagem de sintaxe, através de exemplos e atividades presentes no livro didático adotado pela escola.

Gramática, Sintaxe e Teoria dos Grafos

Gramática e Sintaxe

Para nós, professores de Língua Portuguesa, a gramática, espaço de conhecimento das normas estabelecidas com o objetivo de organizar os vários aspectos ligados à língua, encontra-se em constante reflexão sobre o seu papel na escola, a sua presença nos livros didáticos, e a sua utilização e reconhecimento por parte do aluno.

Em algumas situações, nos próprios manuais, o ensino de gramática vem perdendo o espaço que por tempos ocupava, em razão de se construir uma ideia equivocada de que o estudante não necessita imediatamente desse conhecimento para poder reconhecer as estruturas que a língua oferece ao produzir textos com significado.

É necessário estudar gramática, é preciso conhecer as sintaxes que estruturam as frases e organizam o pensamento, desenvolvendo a competência comunicativa do aluno.

Franchi (2013, p. 88) afirma que:

é fundamental na descrição gramatical: estudar a variedade de recursos sintáticos expressivos, colocados à disposição do falante ou do escritor para a construção do sentido. Repetindo: gramática é o estudo das condições linguísticas de significação. É uma resposta sistemática e, quanto possível, explícita, à questão fundamental a que já nos referimos neste texto e no início do item: porque e como (e para quem e quando...) as expressões das línguas naturais significam tudo aquilo que significam!

Assim, a gramática é concebida como um passaporte para o (re)conhecimento de estruturas capazes de gerar sentido, e o aluno necessita desse instrumento para a construção dessa significação que os recursos da língua oferece. Dessa forma, a sintaxe constitui-se como uma combinação entre as palavras para construção de frases com sentidos, capazes de estabelecer comunicação entre os interlocutores.

Diante desse conhecimento necessário para construção e estruturação de frases e compreensão de seus sentidos, uma situação-problema vem se constituindo em sala de aula: sintaxe é difícil, sintaxe não se aprende, as aulas de sintaxe são cansativas.

Campos (2014, p. 108), além de conceituar Sintaxe, aponta uma questão importante que se refere à dificuldade de compreensão por parte do aluno em saber utilizar esse conhecimento gramatical, quando afirma que a sintaxe

diz respeito às combinações que se estabelecem entre as palavras nas frases e ao papel que elas desempenham ao se relacionarem. Podemos constatar que a

dificuldade de alguns alunos para lidar com noções e funções sintáticas provinha da ausência absoluta da habilidade de estabelecer relações entre as palavras e compreender noções e valores relacionais.

Ainda palavras da autora,

embora a compreensão de que as palavras na frase se relacionam possa parecer à primeira vista muito simples e óbvia, ela não o é para alunos acostumados a uma visão fragmentada da realidade e, portanto, tão pouco afeitos a perceber ligações entre os acontecimentos ou entre as coisas que estão a sua volta. Por essa razão, é importante que a habilidade de estabelecer relações seja trabalhada pelo professor em todos os anos do Ensino Fundamental, independentemente do assunto estudado, desde que observada, é claro, a adequação ao entendimento do aluno (CAMPOS, 2012, p. 109).

O que comprova a importância do ensino de sintaxe, bem como a participação do professor como mediador entre o conhecimento e o aluno, de forma prática e coerente para melhor assimilação por parte do aluno.

Para a realização do estudo de sintaxe, Ferrarezi Júnior (2012, p. 36) defende que quando se propõe estudar Sintaxe “vamos estudar as regras que são usadas para formar os trechos da língua que criamos quando falamos e quando escrevemos”, no caso, seguindo critérios, um padrão, uma referência para realizar a análise de algo, mesmo sabendo que não existe apenas um critério, um único modelo, há sempre possibilidades de realizar uma análise de acordo com os critérios antes estabelecidos.

Ainda o mesmo autor enumera recursos que a língua usa para combinar palavras e fazer, de fato, sintaxe. São eles:

- a. a língua faz com que algumas palavras sejam a base da estrutura e com que outras palavras se apoiem nela nas combinações;
- b. assim sendo, a língua determina que algumas palavras mandam na estrutura e outras devem obedecer a certas regras de combinação determinadas pelas características das palavras que mandam;
- c. em alguns casos, a língua faz com que as palavras mudem de formato para mostrar que estão combinando umas com as outras;
- d. quando não é possível guardar as palavras na forma de uma base e de outras palavras apoiadas, a língua usa os sentidos para relacionar as palavras entre si;
- e. em alguns casos, a língua estabelece uma ordem em que as palavras devem aparecer, para que as pessoas possam entender o que se fala ou o que se escreve;
- f. a língua também criou um conjunto de palavras especializadas em fazer ligações. Elas são muito utilizadas e apresentam diferentes funções e sentidos;
- g. finalmente, quando necessário, a língua utiliza até a maneira como falamos, a entonação da nossa voz, para que possamos definir como as palavras estão ligadas (FERRERAZI JÚNIOR, 2012, p. 71).

Esses recursos associados às características atribuídas à língua a partir do uso da palavra contribuem para um vasto campo de construção de sentidos que começa pela possibilidade de diferentes tipos de ligações, de combinações entre as palavras.

Dentre as diversas abordagens de sintaxe, três são elencadas como matérias de estudo nesse guia: tradicional, gerativa e funcional. A sintaxe tradicional defende que oração é uma unidade constituída de duas partes, o sujeito e predicado. Enquanto, a sintaxe gerativista constitui um sistema formalizado de regras correspondentes à competência linguística, propondo uma divisão em sintagmas (nominais e verbais), e a sintaxe funcional consiste em um conjunto de estratégias que o falante emprega com a finalidade de produzir comunicação coerente.

A divisão fica mais clara a partir da seguinte tabela:

Sintaxe Tradicional	Sintaxe Gerativa	Sintaxe Funcional
Fornecer o modelo de uso correto da “norma culta” (daí seu caráter normativo) e conceber a frase como uma sequência de palavras, autônoma de sentido; focalizar a frase, identificando as relações entre as palavras, unidades dispostas em ordem linear, e funções exercidas por elas (sujeito, predicado, etc.).	Conceber a língua como conhecimento construído a partir da faculdade da linguagem (propriedade da mente humana) e, portanto, uma atividade mental; nesse modelo, a sintaxe, componente central, congrega os mecanismos gramaticais subjacentes ao referido conhecimento (competência linguística), que o falante aciona ao reconhecer, construir e interpretar as frases da língua (desempenho linguístico); explicitar tais mecanismos é a preocupação da Sintaxe, que toma como objeto a competência e, também, trata da frase sob um enfoque que se abstém da preocupação com a contextualização social da produção das estruturas linguísticas.	Conceber a língua como instrumento de interação social, tendo como componentes centrais o discurso e a semântica; considerar as estruturas linguísticas e suas correlações, mas atentando para como a língua “representa as categorias sociais e cognitivas em sua estrutura gramatical”; buscar identificar os processos subjacentes às estruturas gramaticais tomando como objeto a competência comunicativa, ou seja, focalizando os usos linguísticos, entendidos como produção, socialmente contextualizada, das estruturas linguísticas.

Fonte: Glossário Ceale - Faculdade de Educação da UFMG⁸

⁸ Fonte: < <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/sintaxe> >. Acesso em: 04 ago. 2016.

Teoria dos Grafos

Observe a seguinte demonstração⁹:

Um grafo $G (V, A)$ é definido pelo par de conjuntos V e A , onde:

V – conjunto não vazio: os vértices ou nodo do grafo;

A – conjunto de pares ordenados $a = (v, w)$, v e $w \in V$: as arestas do grafo.

Seja, por exemplo, o grafo $G (V, A)$ dado por:

$V = \{ p / p \text{ é uma pessoa} \}$

$A = \{ (v, w) / < v \text{ é amigo de } w > \}$

Esta definição representa toda uma família de grafos. Um exemplo de elemento desta família é dado por:

$V = \{ \text{Maria, Pedro, Joana, Luiz} \}$

$A = \{ (\text{Maria, Pedro}), (\text{Pedro, Maria}), (\text{Joana, Maria}), (\text{Maria, Joana}), (\text{Pedro, Luiz}), (\text{Luiz, Pedro}), (\text{Joana, Pedro}), (\text{Pedro, Joana}) \}$

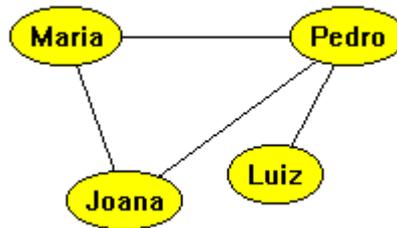


Figura 1

A Teoria dos Grafos, oriundo da Matemática, estuda as relações entre os objetos pertencentes a um determinado conjunto, é um método facilitador para visualizar as possíveis ligações e combinações que a linguagem em suas diferentes esferas estabelecem para explicar, esclarecer, interpretar as múltiplas possibilidades de estruturação do conhecimento.

Especificamente, no caso da Língua Portuguesa, a proposta é utilizá-la como um facilitador para a compreensão dos elementos que constituem uma frase, visualizando as relações de organização, combinação, classificação e função.

Para a sistemática desse guia, optou-se por dois tipos que pertencem à TG: o diagrama arbóreo e a caixa de Hockett.

O diagrama arbóreo, desenvolvido pelos estruturalistas, retomado pelo gerativistas, dividem a oração em constituintes imediatos, esses denominados sintagmas. O desenho

⁹ Fonte: < <http://www.inf.ufsc.br/grafos/definicoes/definicao.html> >. Acesso em: 05 ago. 2016.

relembra uma árvore com suas ramificações, em que cada parte desempenha um papel na frase.

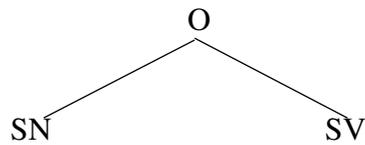


Figura 2

A caixa de Hockett, idealizada pelo linguísta americano Charles F. Hockett para o seu Curso de Linguística Moderna (1958), consiste em uma representação gráfica da estrutura de uma frase com seus respectivos constituintes imediatos.

		o	quarto
	limpou	o	quarto
Carlos	limpou	o	quarto
Carlos	limpou	o	quarto

Figura 3

As figuras (2) e (3) evidenciam a proposta em si, em que a divisão das partes de um todo, melhora o reconhecimento de seu processo construtivo e organizacional. Essa hierarquia sistematiza a seleção das palavras e a forma como elas se combinam.

Dentre as melhorias que a caixa de Hockett pode oferecer está a visualização de cada elemento constitutivo da oração, suas relações de dependência ou não, de concordância verbal e nominal nos níveis de sujeito e predicado.

Cada termo poderá ou não exigir a presença de um outro, de modo a suprir as exigências que a frase designa para a construção de seu sentido. São as relações sintáticas que passam a interferir na produção de sentido da frase.

Um olhar sobre a frase, a oração e o período

Professor (a), antes de iniciar, o trabalho de sintaxe com a Teoria dos Grafos, é preciso retomar alguns conceitos iniciais que estão constantemente evidenciados na análise sintática. Trata-se dos conceitos de frase, oração e período.

Presente nos livros didáticos e nas gramáticas, a distinção entre essas três denominações introduz as considerações sobre a sintaxe. Para Campos (2014, p.122), dois critérios são utilizados para diferenciar a frase da oração, “um semântico e outro formal: se a sequência constitui uma unidade de sentido completo na interação, chama-se frase; se é organizada centrada num verbo, chama-se oração.” Esses critérios permitem deduzir a participação do contexto, da situação comunicativa e da intencionalidade do discurso entre os interlocutores para o que venha ser considerado uma frase, enquanto a oração está voltada para o aspecto estrutural da língua, independentemente da situação comunicativa.

Nas palavras de Possenti (2011, p. 35), a oração

designa uma entidade de caráter basicamente formal, sintático. Sua característica fundamental é conter um verbo, ou melhor, organizar-se em torno do verbo. [...] A frase se caracteriza por ser uma unidade de sentido absolutamente completa, mas que não tem a estrutura da oração, ou seja, não se organiza necessariamente em torno do verbo. Assim, poder-se-ia dizer que as orações são frases (porque têm sentido), mas frases não são orações (por causa de sua organização sintática).

Observe os exemplos para elucidar a citação:

- 1) Choveu!
- 2) O quadro está pronto.
- 3) Ele bebeu água gelada.
- 4) Socorro!
- 5) Fogo!
- 6) Que barato!

Os exemplos (1), (2), (3), (4), (5) e (6) são frases, embora só serão orações (1), (2) e (3).

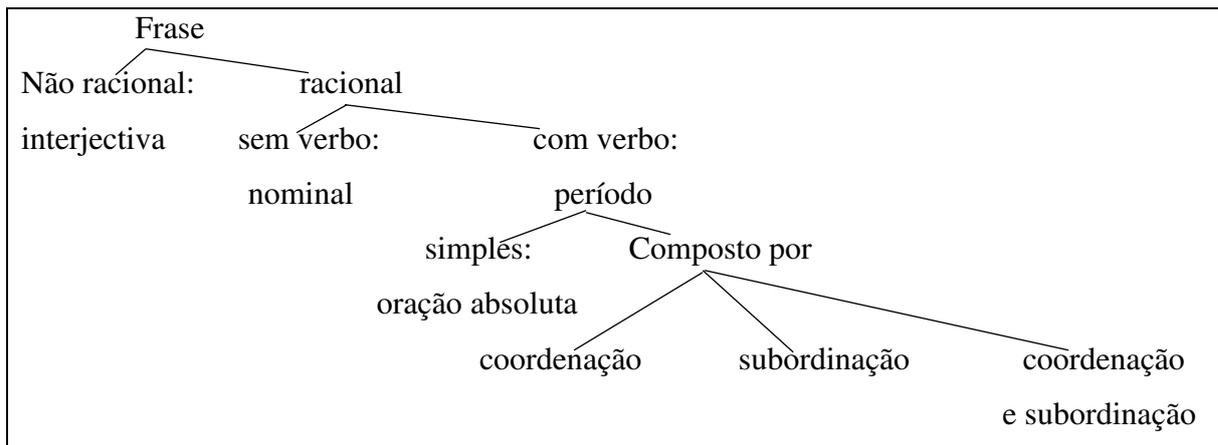
Vale ressaltar que não se pode afirmar que as frases não possuem uma organização sintática, pois ninguém diz nem escreve *Calor que!*, e sim, *Que calor!*.

Luft (2002, p. 29) acrescenta que é comum essa distinção dentro de nossa terminologia gramatical, afirmando que o “termo mais abrangente é frase – a menor unidade autônoma da comunicação. Autonomia no plano significativo – uma intenção comunicativa definida – e no plano significante – um linha completa de entoação.” Diferentemente dos outros autores, este introduz uma nova informação para o que se deve ser considerado frase: a entoação responsabiliza-se para a efetivação do sentido da frase.

Ainda para Luft (2002, p. 29-30),

se a frase tem pelo menos um verbo, e portanto uma oração, damos-lhe o nome de período. Todo período é uma frase, mas não vale o inverso: há frases sem verbo, portanto não períodos. [...] Oração é a unidade marcada por um verbo. Em geral, apresenta também (nome) substantivo, a que se refere e com o qual concorda o verbo, constituindo a estrutura binária [Sujeito + Predicado]. [...] A diferença entre oração e período é que este pode ser constituído de mais de uma oração. As duas entidades se confundem na frase de um só verbo: período simples = oração absoluta.

O mesmo autor propõe um diagrama classificatório, mostrando mais claramente a diferença entre frase, período e oração:



Fonte: Luft (2002, p. 30)

Luft (2002) propõe simplificar essa terminologia ao adotar um único termo: frase ou oração. O critério para a subclassificação seria o uso de adjetivos como verbal, nominal, verbo nominal, simples, composta, complexa. Ou seja, um “período composto por coordenação” é uma frase ou oração composta. Quanto às frases sem verbo, considera-se normalmente uma oração que sofreu transformação de supressão ou elipse.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

Após a explanação do conteúdo sobre frase, oração e período, em consonância com as informações aqui presentes no guia, para realizar uma pequena avaliação de como foi o recebimento dessa informação bem como a capacidade de armazenamento e compreensão por parte do aluno, sugere-se ao professor a seguinte atividade:

- Dividir a sala em três equipes e sugerir que cada uma escolha um membro para ser seu representante;
- Após esse momento, o professor entregará placas confeccionadas com os nomes: frase, oração e período;

- Essas placas servirão para as equipes utilizarem como resposta para os questionamentos realizados pelo professor, que deverão conter: perguntas sobre os conceitos estudados, a capacidade de utilizar esses conceitos para identificar as diferenças/semelhanças entre frase, oração e período aplicados em fragmentos de textos/enunciados;
- Logo em seguida, o professor apresenta a ideia de um quebra-cabeça como formação de frases, oração e período;
- Palavras isoladas, sinais de pontuação, confeccionadas em placas serão distribuídas novamente aos alunos, agora com o objetivo de criarem enunciados linguísticos com sentido;
- Durante cada momento de análise, os alunos com a ajuda do professor, devem observar: a escolha dos termos, os sinais de pontuação que podem ocupar uma determinada posição da construção frasal, relacionando com a intencionalidade do interlocutor;
- Cada equipe será responsável em identificar o que se constituiu como frase, oração e período;
- Essa metodologia pode levar uma a duas aulas, dependendo do envolvimento e participação dos alunos. Ao construir o conceito de forma lúdica, o aluno sente-se mais motivado para continuar as atividades propostas tanto pelo professor como as pelo livro didático. É fazer com que o aluno sinta que aquele conteúdo é relevante para seu conhecimento.

Principais funções sintáticas do período simples: olhares intercruzados

Nesta seção do guia, apresenta-se um quadro comparativo entre as definições dos termos sintáticos do período simples presentes nos dois livros didáticos em análise. Esse paradigma fomenta a importância de o professor vivenciar conceitos diferentes, uma vez que as nossas gramáticas sempre tendem a seguir uma corrente linguística distinta ou convergem para aquela de maior prestígio social.

Essa comparação, o próprio professor pode fazer com outros autores, pois é de suma importância conhecer perspectivas diferentes de autores que abordam um mesmo assunto para uma mesma etapa da educação básica.

Observe e reflita!

Projeto Teláris – Português, Borgatto, Bertin, Marchezi	Português Linguagens, Cereja e Cochar
<p>Sujeito: é o termo a que o verbo da oração se refere.</p> <p>Tipos de Sujeito:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sujeito simples – há apenas um núcleo; • Sujeito composto – tem dois núcleos; • Sujeito subentendido – esse sujeito não está presente na oração, mas pode ser identificado por meio do verbo; • Sujeito indeterminado – um sujeito ao qual o verbo se refere, mas nem o contexto nem a forma verbal permitem que ele seja identificado; • Oração sem sujeito – quando o predicado não pode ser atribuído a qualquer outro termo dessa oração. 	<p>Sujeito: é o termo da oração que informa de quem ou de que se fala; com o qual o verbo concorda geralmente.</p> <p>Tipos de sujeito:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sujeito simples – é o que apresenta um só núcleo; • Sujeito composto – é o que apresenta dois ou mais núcleos; • Sujeito desinencial – é o que está implícito na desinência do verbo; • Sujeito indeterminado – é aquele que não aparece expresso na oração nem pode ser identificado, ou porque não se quer ou por se desconhecer quem pratica a ação; • Oração sem sujeito – é aquela em que a declaração expressa pelo predicado não é atribuída a nenhum ser.
<p>Predicado: é tudo o que se refere ao sujeito da oração.</p> <p>Tipos de predicado:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Predicado nominal – quando a ideia principal expressa pelo predicado não está no verbo, mas na qualidade ou no estado do sujeito. (Formado 	<p>Predicado: é o termo da oração que geralmente apresenta um verbo; está em concordância com o sujeito; contém uma informação a respeito do sujeito.</p> <p>Tipos de predicado:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Predicado nominal – é aquele que apresenta como núcleo um

<p>por verbo de ligação e predicativo do sujeito.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Predicado verbal – quando indica uma ação do sujeito. • Predicado verbo-nominal – não consta no livro. 	<p>predicativo do sujeito, que se liga ao sujeito por meio de um verbo de ligação;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Predicado verbal – é aquele que apresenta como núcleo um verbo significativo (VI, VTD, VTI ou VTDI); • Predicado verbo-nominal – é aquele que apresenta dois núcleos: um verbo significativo e um predicativo (do sujeito ou do objeto).
<p>Predicação dos verbos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Verbo de ligação – é o elemento de ligação entre sujeito e predicativo do sujeito; • Verbo intransitivo – não necessita de complemento objeto para ter sentido completo; • Verbo transitivo – é assim chamado por se entender que a ação expressa <i>transita</i>, isto é, passa, estende seus efeitos para um complemento objeto. 	<p>Predicação dos verbos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Verbo de ligação – é o elemento que serve para unir o sujeito ao predicativo do sujeito; • Verbos significativos: Intransitivo – verbo que não exige complemento; Transitivo – verbo que exige complemento (direto / indireto/ direto e indireto).
<p>Complementos verbais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Objeto direto – complemento objeto vem ligado ao verbo transitivo direto, diretamente, sem preposição; • Objeto indireto – complemento objeto liga-se ao verbo transitivo indireto, indiretamente, ou seja, por meio de preposição. 	<p>Complementos verbais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Objeto direto – é o termo que se liga diretamente, isto é, sem preposição, a um verbo transitivo; • Objeto indireto – é o termo que se liga indiretamente, isto é, por meio de uma preposição, a verbo transitivo.
<p>Predicativo do sujeito: a qualidade ou estado do sujeito.</p>	<p>Predicativo do sujeito: indica características, qualidades ou estados que se atribuem ao sujeito.</p>

Predicativo do objeto: não consta no livro.	Predicativo do objeto: é o termo que modifica o objeto direto ou o objeto indireto, atribuindo-lhe certas características, como qualidade e estado.
Adjunto adnominal: palavra ou expressão que acompanha o substantivo especificando-o, modificando-o, caracterizando-o, ampliando a ideia.	Adjunto adnominal: é o termo da oração que qualifica, especifica, determina ou indetermina um substantivo, qualquer que seja sua função sintática.
Agente da passiva: não consta um conceito definido.	Agente da passiva: é o termo da oração que, na voz passiva, corresponde ao ser que realiza a ação recebida pelo sujeito.
Adjunto adverbial: expressão que modifica a ideia de um verbo, de um adjetivo ou de outro advérbio, acrescentando-lhes uma circunstância.	Adjunto adverbial: é o termo que indica as circunstâncias em que se dá a ação verbal.
Complemento nominal: é um termo que vem sempre associado a um nome (substantivo, adjetivo ou advérbio); complementa nomes com significação transitiva, isto é, que para terem sentido completo necessitam de um complemento sobre o qual recaia a ação contida no nome; sempre vem ligado ao nome a que se refere por meio de uma preposição.	Complemento nominal: é o termo sintático que complementa nomes, isto é, substantivos, adjetivos e advérbios.
Vocativo: é o nome que se dá ao termo da frase que contém um chamamento, uma invocação, um apelo.	Vocativo: é o termo da oração por meio do qual chamamos ou interpelamos nosso locutor, real ou imaginário.
Aposto: é um termo que se associa a um nome explicando, explicitando ou especificando seu sentido. Geralmente vem separado do nome por sinal de pontuação: vírgula, travessão ou dois-pontos.	Aposto: é o termo da oração que se junta a um substantivo, a um pronome ou a uma oração para explicá-los, resumi-los ou identificá-los.

Fazendo um paralelo entre os respectivos conceitos aqui apresentados, percebe-se que há uma semelhança bastante significativa. No entanto, os conceitos de sujeito e predicado, do livro Projeto Teláris – Português, expõem problemas que autores já questionaram em ocasiões oportunas. Se o predicado consiste a tudo o que se refere ao sujeito da oração, o que dizer dos predicados do sujeito indeterminado e da oração sem sujeito? Serão também predicados, uma vez que o primeiro não está explícito a quem se refere e o segundo, nem sujeito existe?

Em Português Linguagens, a denominação de sujeito também encontra-se equivocada, ao conceituar que é o termo do qual se fala ou de quem se fala, mas aponta uma ideia mais inovadora, a de que o verbo geralmente concorda com ele.

Comum é encontrar em manuais didáticos a expressão que trata o sujeito como um termo essencial à frase, porém se ele fosse, de fato, necessário para a compreensão do sentido geral da oração, não haveria essas duas classificações de sujeito indeterminado e oração sem sujeito.

Entende-se que o professor, principalmente de Educação Básica, tem que ter o acesso às informações para que possa construir ou melhorar os conceitos que o livro didático oferece sem tanta eficiência.

Vale ressaltar que trabalhar com definições, da forma em que estão colocadas no quadro acima, pode ser de difícil entendimento por parte do aluno, uma vez que parte de uma abstração, do campo das ideias. O professor deve criar situações de como apresentar esses conceitos de forma que o estudante seja instigado a refletir sobre a utilização desses termos sintáticos e assim moldar um conceito mais eficaz. Seria bom sempre iniciar a apresentação de um conteúdo com indagações, de algo prático, conduzindo a conclusões mais coerentes.

Ainda sobre essas acepções, muitas aparecem com sentido vago, o que faz com que tanto o professor quanto o aluno questionem a sua veracidade. Exemplos disso, é o caso do complemento nominal que em seu conceito diz que complementa o sentido de nomes (substantivo, adjetivo e advérbio). Nas análises existentes, o substantivo e o adjetivo são palavras nominais com suas respectivas marcas de gênero, realizando entre si concordâncias nominais. No caso do advérbio, ele não se comporta como um nome, pois não se flexiona em gênero, sendo considerada uma palavra invariável, o que ocasiona uma falha nas denominações.

O que dizer da função do adjunto adnominal e do aposto? Ambos exercem a mesma função em relação a um substantivo.

Para lidar com os conceitos, com esse número extenso de funções sintáticas que a nossa língua apresenta, sabendo que cada função desempenhada pela palavra tem um papel inerente à frase, que possibilitam a construção do seu sentido, de seu significado, assiste ao professor procurar sempre por mais informações a fim de facilitar os recursos sintáticos no seu uso e em seu reconhecimento como função oferecendo ao aluno visões que estão além do livro didático.

SUGESTÃO DE LEITURA:

Para aprofundar sobre essas questões, sugestão de leitura:

- Iniciação à sintaxe do português, de José Carlos de Azeredo;
- Sintaxe para a educação básica, de Celso Ferrarezi Junior;
- Mas o que é “Gramática”?, de Carlos Franchi.

Trabalhando a Sintaxe com a Teoria dos Grafos

O desafio é este: utilizar a Teoria dos Grafos no ensino de sintaxe. Para que o trabalho com sintaxe do período simples aconteça de forma consciente e coerente em prol da construção do conhecimento sintático e de sua utilização para uma melhor organização da estrutura da frase, bem como para realização de análise sintática e produção de texto, o professor deve preparar o ambiente, a sala de aula, favorecendo um espaço para discussões e reflexões sobre o papel que esse componente gramatical tem no Ensino Fundamental.

Esse espaço expande-se, quando é formado por momentos que fazem o aluno sentir-se participante e capaz de inferir questões sobre a língua e realizar as atividades de sintaxe mediadas pelo professor, a partir do uso do livro didático. O processo de interação entre professor – livro didático – aluno permite um direcionamento para uma aprendizagem dinâmica e eficaz, possibilitando a utilização de metodologias não tão comuns nas salas de aula do ensino a nível fundamental, mas conhecidas por professores e difundidas por autores em manuais didáticos.

É com esse intuito que, antes de chegar a um estudo da estrutura profunda da frase, como as combinações, relações entre os termos da oração e/ou constituintes oracionais, o professor, inicialmente, deve realizar as seguintes atividades:

- Confeccionar material, por exemplo, fichas em cartolina, com palavras, e entregar aos alunos, de maneira aleatória, para que, em grupo, possam debater, organizar e estruturar as palavras recebidas em frases, discutindo as possibilidades de construção para que o interlocutor possa entender o sentido da mesma. É capaz que o aluno estruture frases diferentes daquelas pensadas pelo professor, e este deve aceitar desde que siga os critérios necessários como gramaticalidade, aceitabilidade, informatividade, entre outros;
- Após a combinação das palavras, que deverá ser fixada à parede ou ao quadro, instigar através de perguntas o porquê da escolha daquela estrutura, como chegaram à frase agora constituída, antes fragmentada pelo professor, se teria outra maneira de organizá-la além da proposta. Uma questão importante, que poderia ser explorada, seria a ordem direta e indireta dos termos na frase. Pode-se debater também o significado, e o que a frase traz de informação.

A partir desses dois tópicos, é necessário, nesse momento, que se proponha a realização de análise morfossintática, pois a mesma torna-se imprescindível, uma vez que fortalece a compreensão da sintaxe, relacionando-se à forma e à função ao identificar determinadas palavras que podem exercer várias ou específicas funções na frase.

Logo em seguida, apresenta-se ao aluno a proposta de ensino do livro didático, o método adotado pelo livro. Caso o professor perceba a necessidade de melhorar a forma de ensinar sintaxe, cabe ao mesmo apresentar maneiras de como fazê-la, pois é sabido que as aulas de língua materna, principalmente quando se trata desse componente gramatical é considerada pelos alunos como monótona, cansativa e difícil de compreender.

Para evitar esse julgamento por parte dos alunos, como até mesmo de alguns professores, que compartilham desse mesmo pensamento, propõe-se dar continuidade ao estudo da estrutura sintática da frase com a ideia de:

- Estruturar a frase/oração construída a partir de um grafo: uma sugestão para o trabalho, o diagrama arbóreo e a caixa de Hockett, ou até mesmo, sugerir a criação de uma nova representação para analisar a frase/oração em estudo. O professor e os alunos devem elaborar um grafo próprio, a partir das experiências com outros grafos existentes.

No caso específico desse guia didático, a demonstração para o trabalho de sintaxe com a Teoria dos Grafos, optou-se pelo diagrama arbóreo e a caixa de Hockett, que podem parecer, no início, algo de difícil compreensão tanto para o professor quanto para o aluno, mas

muito difundido entre os teóricos como um elemento facilitador para o entendimento da organização e estruturação da frase.

Dessa maneira, através da visualização e, posteriormente, da classificação das palavras quanto à forma, refletir sobre quais palavras podem exercer a função sintática de sujeito e objeto, e, assim, sucessivamente, de acordo com o aspecto linguístico que for apresentado (palavras centrais, núcleos).

Após o estudo sugerido pelo livro didático adotado pela escola, de acordo com a abordagem teórica do mesmo, mais um passo:

- Apresentar os exemplos do livro bem como as atividades propostas ao aluno com o uso de grafos e, à medida que for apresentado mais um componente sintático, acrescenta-se esse elemento à análise, representando as relações entre ele e o todo.

Para assegurar a continuidade desse processo, o professor passaria a trabalhar juntamente com o aluno outros textos como poemas, narrativas, propagandas com fins de análise da estrutura da frase.

Mediante as ações desenvolvidas, a avaliação dos passos realizados e as atividades já resolvidas, permitem que o aluno passe a utilizar no estudo de sintaxe, além da forma preconizada pelos manuais didáticos, os grafos como um método facilitador para a compreensão das relações sintáticas entre os termos da oração e/ou constituintes oracionais.

Professor, segue adiante uma demonstração de como trabalhar a sintaxe com uso da Teoria dos Grafos à luz das perspectivas tradicional, gerativa e funcional.

As análises das frases, nesse guia, foram realizadas contemplando todos os constituintes da oração, mesmo sabendo que os manuais didáticos apresentam de forma fragmentada, compreendendo que os casos aqui analisados, de fato, não significam deduzir que o aluno já tenham o domínio pleno de análise sintática. Os exemplos permitem ao professor realizar suas próprias modificações ao passo que o aluno, uma vez munido do conhecimento necessário, possa também inferir seus posicionamentos acerca do componente sintático.

Para isso, o estudo da sintaxe das frases inicia-se por dois exemplos retirados do livro *Teláris português*, autoras Ana Trinconi Borgatto, Terezinha Bertin e Vera Marchezi, Editora Ática, 8º ano do Ensino Fundamental, 2012.

Observe a frase:

- 1) O planeta enfrenta uma grande crise invisível¹⁰.

¹⁰ Exemplo retirado do livro *Projeto Teláris: Português* (2012, p. 140)

Na perspectiva tradicional, a análise sintática dá-se principalmente com a separação entre o sujeito e o predicado, da seguinte maneira:

- Sujeito simples: O planeta
- Núcleo do sujeito: planeta
- Adjunto adnominal do sujeito: o
- Predicado verbal: enfrenta uma grande crise invisível.
- Núcleo do predicado: enfrenta
- Verbo transitivo direto: enfrenta
- Objeto direto: uma grande crise invisível
- Adjuntos adnominais do objeto: uma, grande, invisível

Essa análise não permite que o aluno possa visualizar as relações em que as palavras possuem entre si, tornando-se difícil identificar a relação entre as palavras, uma vez que a ideia é apenas reconhecer e classificar a função na frase, valorizando os termos denominados pelos gramáticos de essenciais como os mais importantes.

Diante dessa proposta de análise da frase a partir do componente sintático, Duarte (2013, p.185) explica que

uma das dificuldades enfrentadas pelos que buscam entender a estrutura da oração com base nas gramáticas tradicionais é a forma pela qual se distribuem os chamados “termos da oração”. A clássica tripartição desses termos em ‘essenciais’, “integrantes” e “acessórios” não contribui para uma visão das relações entre os constituintes da oração, além de induzir o aluno a pensar que os chamados termos “essenciais” são mais importantes que os demais.

Quanto a esses enquadramentos, Perini (1985) faz uma crítica às definições das gramáticas tradicionais, que misturam critérios semânticos e sintáticos, sendo necessário um cuidado ao trabalhar com essas nomenclaturas, quando ainda existem muitas lacunas e muitos estudos que propõem novas perspectivas para o trabalho em sala de aula nessa área de conhecimento. O que uma visão gramatical não consegue explicar, ou explica de forma não consistente, uma outra perspectiva apresenta uma proposta que contemple essa ausência de coerência entre o que se diz e o que se faz.

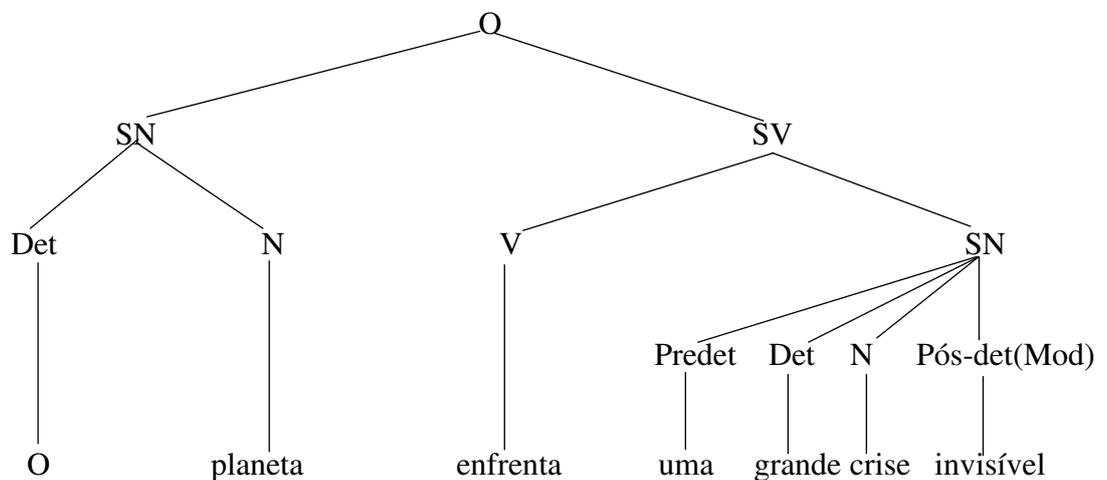
É bom salientar que esse material não nega nem desvaloriza a importância desse estudo gramatical. Essa proposta de análise encontra-se presente e fervorosamente nas aulas de língua portuguesa das nossas escolas, muitas vezes, constituindo obstáculos para a

possibilidade de apresentar outras formas de realizar a análise sintática, sendo aceita como a única maneira de aprender sintaxe.

No entanto, há outras maneiras de se trabalhar com a sintaxe que podem melhorar os métodos já utilizados, como uma forma de aperfeiçoá-los, a fim de conduzir a uma compreensão satisfatória do componente sintático. Nesse caso, optou-se por trabalhar com o diagrama arbóreo, com a abordagem dos sintagmas que constituem a oração, permitindo visualizar as relações entre os seus constituintes.

Apresentam-se a seguir, outras possibilidades de analisar a estrutura da mesma frase, como a sua disposição na folha.

1) O planeta enfrenta uma grande crise invisível.



Ao trabalhar com essa perspectiva, difundida entre os estruturalistas e explorada pelos gerativistas, dentre eles, um dos maiores expoentes da teoria gerativa, o norte americano Noam Chomsky, as orações são constituídas como uma operação matemática: $O = SN + SV$, em que envolve a competência linguística do seu produtor. Suas relações são sintagmáticas, com o foco nelas mesmas, dividindo toda a frase, ou seja, hierarquiza os termos oracionais, observando os elementos que a compõe.

Nessas relações sintagmáticas, a classificação se dá como sintagma nominal, que pode exercer a função sintática, principalmente, de sujeito e objeto (direto), sintagma verbal, representado pelo verbo e, conseqüentemente, pelo predicado, sintagma adjetival, sintagma adverbial, e sintagma preposicional. Castilho (2012), em sua Gramática do português brasileiro, estrutura cada um dos sintagmas da seguinte forma:

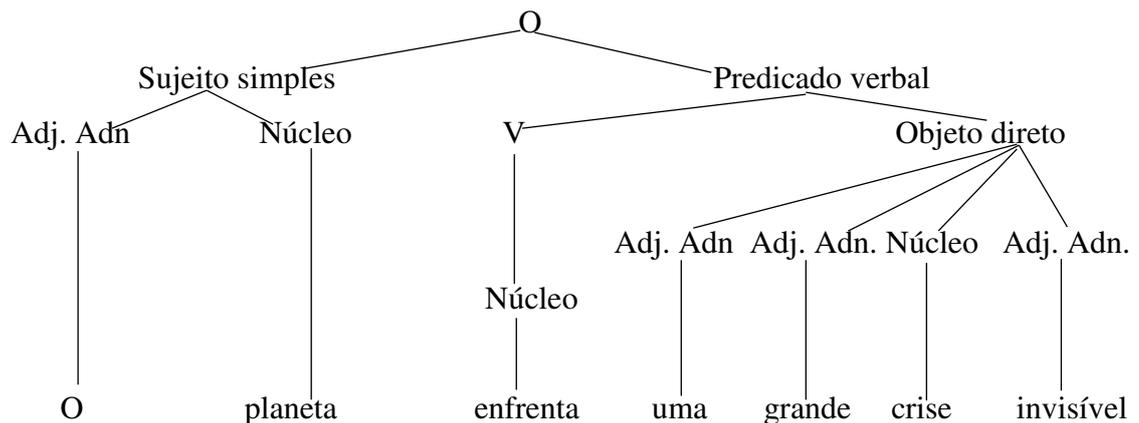
- SV: (Especificadores) + Verbo + (Complementadores);
- SN: (Especificadores) + Núcleo + (Complementadores);
- SAdj: (Especificador) + Adj + (Complementador);

- SAdv: (Especificador) + Núcleo + (Complementador);
- SP: (Especificadores) + Núcleo + (Complementadores).

Os especificadores constituem os determinantes, predeterminantes, quantificadores, modificadores (pós-determinantes) (artigos, possessivos, demonstrativos, numeral), enquanto o núcleo é representado por nomes (substantivos) e pronomes pessoais, e os complementadores, principalmente, são representados por sintagmas adjetivais e preposicionais.

Na frase em análise, pode-se visualizar todo o processo da estrutura profunda, suas ligações e os elementos que passam a interferir na construção do sentido, os determinantes, predeterminantes e pós-determinantes. Mesmo não querendo seguir essa sistematização, o professor pode usar o diagrama arbóreo com a sistemática de análise que o livro didático utiliza.

Veja:



Essas estruturas demonstram a hierarquia dos constituintes de uma oração. Sendo uma hierarquia, alguns termos passam a exercer influências sob outros, por exemplo, o sujeito exige do verbo a concordância em número e pessoa, e os determinantes devem acompanhar a flexão de gênero e número dos nomes a que se referem.

Observa-se também que a classe gramatical substantivo, ocupa a função de sujeito e objeto da frase, enquanto os outros termos, com exceção do verbo, agregam-se ao substantivo colaborando para o seu sentido ou mudança de sentido.

Ao propor o trabalho com a Teoria dos Grafos, o aluno passa a perceber várias formas de analisar a estrutura da frase, como as palavras que foram selecionadas e combinadas entre si, estabelecendo relações de dependência ou não. Dessa forma, constitui um estudo menos cansativo e enfadonho, como Duarte (2013, p. 201) aponta

o trabalho com os termos da oração em sala de aula não deveria, em princípio, limitar-se à mera identificação, sob pena de se tornar enfadonho e sem finalidade. Reconhecer e identificar os constituintes da sentença é importante para que o aluno entenda, por exemplo, a concordância entre o verbo e argumento externo (sujeito) e, sobretudo, por que existe dificuldade maior em realizar tal concordância quando o “sujeito” sintático se comporta como um argumento interno.

Cabe, então, ao professor conduzir essas atividades cada vez que o aluno necessitar de maior aprofundamento nas análises ocorridas no momento da explanação do conteúdo assim como dos exercícios propostos pelo livro didático e outros que o professor pode realizar em sala de aula.

No que diz respeito à perspectiva funcional, a partir da posição do falante, descobrir a função de cada elemento no contexto da frase, torna-se importante. Assim, ainda analisando a frase (1):

1) O planeta enfrenta uma grande crise invisível.

Quando se identifica a subdivisão dos elementos que forma a frase em sujeito e predicado, deve-se observar todos os componentes que sustentam a construção de sentido.

No caso do sujeito, O planeta, o determinante *o*, classificado como artigo, determina, especificando o nome, *planeta*, substantivo masculino, singular, comum, concreto, o qual exerce sobre o artigo as mesmas especificações. Esse sujeito, mesmo sendo precedido de um verbo que indique ação, é um *sujeito paciente*, e não *agente*, como em outras análises ocorrem, evidenciando o aspecto semântico. O verbo *enfrenta*, nesse contexto de uso, exige um complemento para o sentido da frase, o que o classificaria como *transitivo* nesse contexto comunicativo. O complemento veio formado por quatro palavras que sustentam a relação como a forma de o sujeito ver a situação do planeta, denominado como *objeto direto*. O predicado em si, apresenta uma informação sobre o sujeito, com a devida concordância verbal.

Ainda sobre o verbo *enfrentar*, este expressa a ideia de sofrer e poderia ser substituído pelo próprio verbo *sofrer*, classificado nas gramáticas tradicionais costumeiramente como *intransitivo*, mas dependendo do contexto, e nesse caso (O planeta sofre uma grande crise invisível) tem a sua classificação como transitivo.

Quanto ao núcleo do objeto direto, *crise* é um substantivo feminino, singular, comum, abstrato, seguido do uso de *uma*, artigo indefinido que indetermina que crise é essa, *grande*, um adjetivo uniforme, singular, dá uma sugestão do tamanho da crise que o planeta enfrenta, e *invisível* mantém uma relação com o artigo *uma*, não se sabe ao certo que crise é,

não se pode deduzir de que se trata (crise política, econômica, ambiental), a não ser que esteja diante do texto em que se foi retirado essa frase.

Logo, os elementos constituintes da frase foram dois substantivos (planeta, crise), dois artigos, um definido (o), outro indefinido (uma), um verbo (enfrenta) que exige a presença de um complemento sem a presença de preposição e dois adjetivos uniformes (grande e invisível).

Uma análise mais sucinta, quanto à perspectiva funcional, seguindo a seguinte estrutura: Há um sujeito seguido de um verbo que exige complemento sem a presença de preposição: S + V + CV, exercendo a função informativa ou referencial. Quanto à análise sintática, à semântica e à pragmática, respectivamente, poderia estabelecer a seguinte conclusão:

- O planeta (sujeito) / enfrenta uma grande crise invisível (predicado);
- O planeta (paciente)/ enfrenta (processual) uma grande crise invisível;
- O planeta (tema – informação dada) / enfrenta uma grande crise (rema – informação nova).

O aluno tendo o conhecimento das palavras que podem desempenhar funções na frase, possibilita reconhecer o funcionamento da língua, uma habilidade que a escola tem que desenvolver. Essa habilidade a ser desenvolvida pela escola, deve partir de uma constante reflexão sobre os métodos utilizados para a apropriação do conhecimento necessário que o aluno deve ter da língua com o intuito de melhorar o seu uso, em realizações de textos escritos e orais.

Observe outro método de se fazer a análise sintática, dessa vez, através da caixa de Hockett:

			uma	grande	crise	invisível
			uma	grande	crise	invisível
		enfrenta	uma	grande	crise	invisível
		enfrenta	uma	grande	crise	invisível
O	planeta	enfrenta	uma	grande	crise	invisível
O	planeta	enfrenta	uma	grande	crise	invisível
O	planeta	enfrenta	uma	grande	crise	invisível

Ou esta mais detalhada

		uma	grande	crise	invisível	
		uma	grande	crise	invisível	
	enfrenta	uma	grande	crise	invisível	
	enfrenta	uma	grande	crise	invisível	
O	planeta	enfrenta	uma	grande	crise	invisível
O	planeta	enfrenta	uma	grande	crise	invisível
O	planeta	enfrenta	uma	grande	crise	invisível
Artigo	Substantivo	Verbo	Artigo	Adjetivo	Substantivo	Adjetivo
Sintagma nominal		Sintagma verbal				
Sujeito		Predicado Verbal				
Frases						

Nessa construção, cada compartimento mostra um componente da língua e a hierarquia frasal é visualizada em sentido vertical de baixo para cima ou vice-versa. Mesmo sendo considerada do ponto de vista prático um pouco mais extensa e complexa, a caixa de Hockett pode ser introduzida nas aulas de sintaxe por também contribuir para melhor estruturação dos constituintes da frase a partir da subdivisão de suas categorias e suas consequentes relações de dependência ou não. De fato, o uso desse modelo de análise esclarece para o aluno toda a organização em que a frase foi concebida, as palavras selecionadas, a combinação entre elas. Ou seja, o contato visual com a caixa de Hockett favorece um melhor entendimento da estrutura sintática da frase, o que facilita a realização da análise sintática.

Partindo das propostas de análise realizada anteriormente, apresenta-se outro exemplo retirado do mesmo livro didático para efeitos de paradigma para outras situações encontradas na sala de aula. Observe:

2) Carlos adoeceu¹¹.

Essa frase apresenta uma estrutura considerada simples pela sintaxe tradicional, sendo formada pelo seguintes termos da oração de acordo a sua nomenclatura específica:

¹¹ Exemplo retirado do livro didático Projeto Teláris: Português (2012, p.142).

- Sujeito simples: Carlos
- Núcleo do sujeito: Carlos
- Predicado verbal: adoeceu
- Núcleo do predicado: adoeceu
- Verbo intransitivo: adoeceu

Novamente, percebe-se o substantivo *Carlos* exercendo a função sintática de sujeito, ratificar o papel importante dessa classe gramatical como constituinte do sujeito bem como da função nuclear que exerce na frase. Quanto ao estudo da transitividade verbal, Perini (1998) em seu prestigiado livro *Gramática descritiva do português*, apresenta uma forma de classificação dos verbos diferente da proposta tradicional.

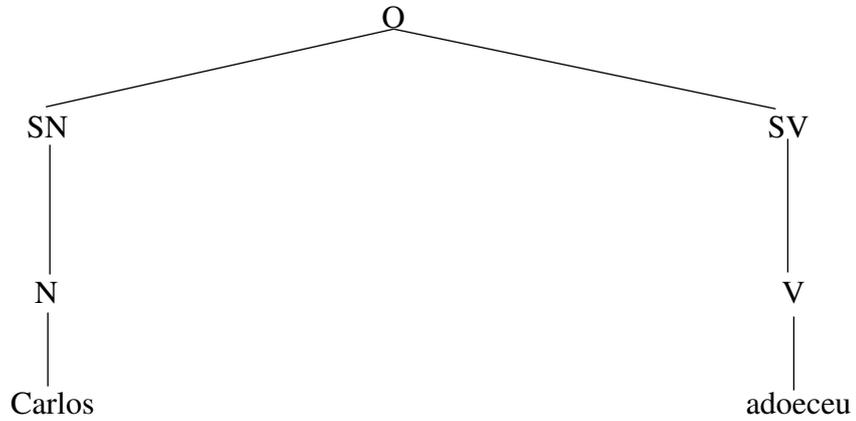
Enquanto a visão tradicional divide a transitividade dos verbos em transitivos e intransitivos, destituídos de seu emprego em um determinado contexto, o autor ressalta o papel do contexto que implica na mudança de classificação do verbo quanto à necessidade de complemento ou não. Ao invés de continuar naquela classificação de transitivo direto, transitivo indireto, transitivo direto e indireto e intransitivo, passaria a enquadrar os verbos em três grandes classes, observando o a sua ocorrência em situações comunicativas diferentes: aceitação livre, recusa ou exigência de complemento.

Somando a essa análise, muitos termos denominados pela sintaxe tradicional como adjunto adverbial, passam a ser classificados como complementos adverbiais diante de verbos intransitivos. No caso, se acrescentasse à frase (2) o adjunto adverbial *de fome*, para o aluno poderia causar uma dificuldade de reconhecimento de qual função esse termo desempenha na frase, ou objeto indireto ou adjunto adverbial de causa, pois a gramática tradicional sugere que faça pergunta ao verbo para saber se de fato a uma necessidade de seu sentido ser complementado pela presença de outro termo acompanhado de preposição.

Para alguns teóricos da língua, a expressão *de fome* não seria um objeto indireto, nem o verbo *adoeceu* passaria a ser enquadrado como transitivo indireto, mas sim, o verbo continuaria sendo *intransitivo*, e o termo que apareceu logo em seguida, um *complemento circunstancial*. Dessa forma, teria duas formas de complemento: o verbal (objeto direto e objeto indireto) e o circunstancial (adjunto adverbial), o que propicia muitas análises e reflexões sobre as lacunas da língua quando se fala em análise sintática, isto é, um desafio para ser implantado nas aulas de língua materna.

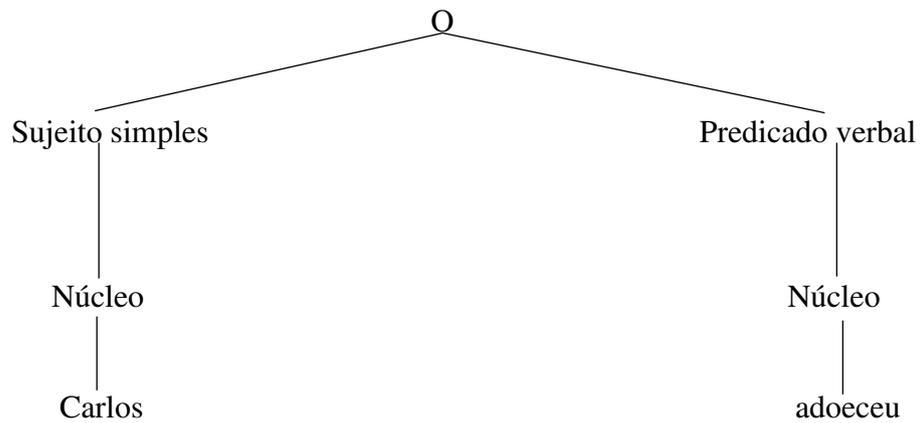
Para a mesma frase (2), na proposta da sintaxe gerativa, com o uso do diagrama arbóreo, a análise sintática é realizada.

Veja:



O poder de visualização que a proposta acima produz, faz com que o aluno demarque as estruturas necessárias para composição da frase, constituindo a seguinte operação: $O = SN + SV$.

Com o uso do diagrama arbóreo, em complemento à nomenclatura que o livro aborda:



Na caixa de Hockett, fica bem simples a visualização:

	adoeceu
Carlos	adoeceu
Carlos	adoeceu

Ou

Carlos	Adoeceu
	adoeceu
Carlos	adoeceu
Substantivo	Verbo
Sujeito verbal	Predicado
Sintagma nominal	Sintagma verbal
Frases	

A partir da perspectiva funcionalista, análise sintática apresenta um substantivo próprio, concreto, simples, *Carlos*, desempenhando a função sintática de sujeito, nesse caso, paciente, recebe toda ação proposta pelo verbo *adoeceu*. Para a constituição dessa frase, utilizaram-se apenas duas classes de palavras para designar a função do sujeito (o tema) e do predicado (o rema), seguindo a seguinte estrutura S + V, identificando no nível estrutural da gramática a função sintática de sujeito (*Carlos*) e de predicado (*adoeceu*), cuja função predominante dessa frase é a de informar um fato para o interlocutor participante da situação comunicativa.

Ainda sobre a transitividade do verbo, cabe então ao professor apresentar aos alunos que há verbos que têm uma maior ocorrência de transitividade em relação a outros, isso quer dizer que há predicados com maior quantidade de informação, e outros com uma informação muito reduzida, como a da frase (2), pois quanto menor a informação, menor a quantidade de forma.

Continuando com a análise das frases, em relação ao livro didático Português linguagens, recém-adotado pela escola para o uso no triênio 2017, 2018 e 2019, de William Cereja e Thereza Cochar, Editora Saraiva, 2015, p. 48-154, tem-se o seguinte exemplo:

3) Trovejou o dia inteiro. (p. 48)

Na perspectiva tradicional, presente na sala de aula, a análise sintática é feita da seguinte maneira:

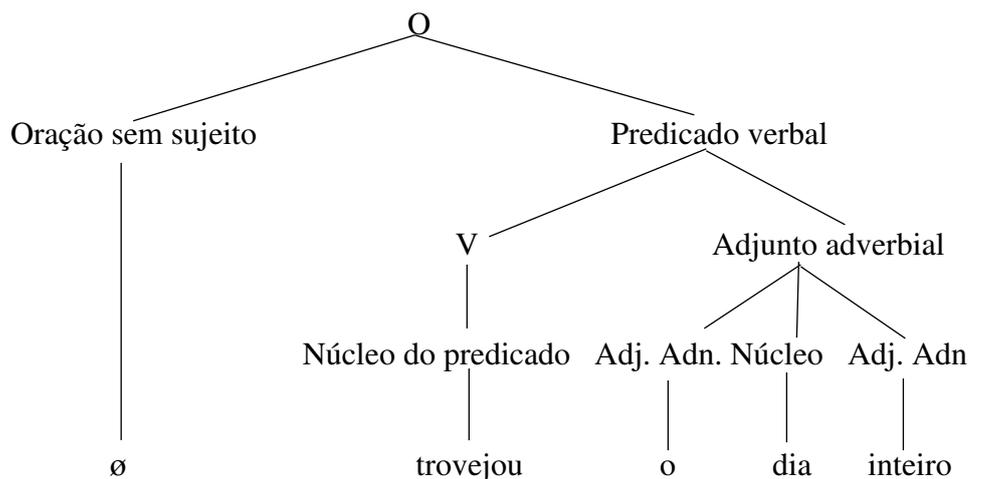
- Sujeito: oração sem sujeito/sujeito inexistente

- Núcleo do sujeito: \emptyset
- Predicado verbal: trovejou o dia inteiro
- Núcleo do predicado: trovejou
- Verbo intransitivo: trovejou
- Adjunto adverbial de tempo: o dia inteiro
- Adjuntos adnominais: o, inteiro

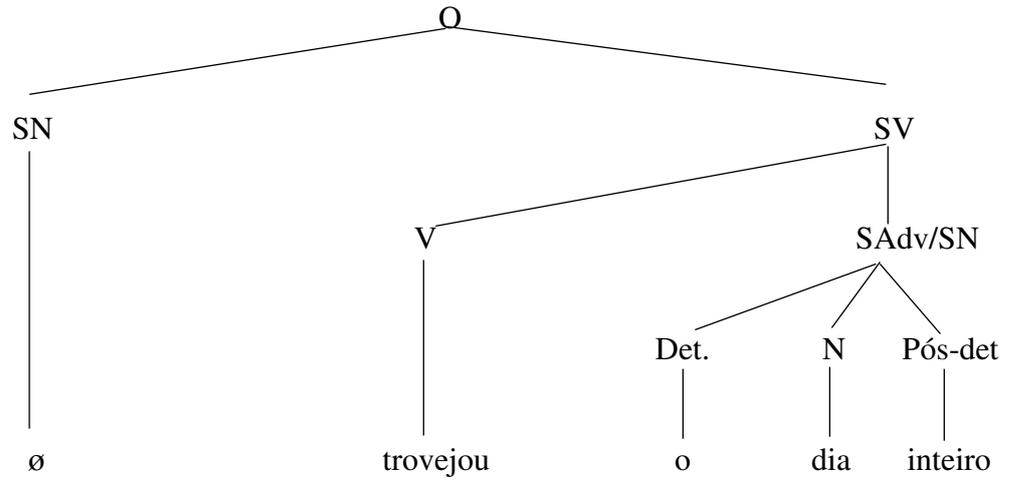
Essa análise leva a um questionamento sobre considerar o sujeito um termo essencial, classificação constante nos manuais didáticos utilizados nas escolas e defendida por autores consagrados, acaba por perder a sua validade, pois é muito comum o uso de uma oração sem a presença de um determinado sujeito, o que não causa prejuízo ao entendimento da frase.

É preciso ter o cuidado de que, quando se propõe estudar a língua, a mesma não pode ser analisada como algo estático, e desconstituída de construções que passam a exercer funções diferentes na frase. No caso da expressão *o dia inteiro*, mesmo sendo construída totalmente com expressões nominais, isto é, uma expressão substantiva, equivale a *durante o dia*, com função do adjunto adverbial. Logo, a razão de ser analisada dessa forma. Diante disso, o verbo trovejou é *intransitivo* seguido de um indicador de tempo.

Utilizando a Teoria dos Grafos para a realização da análise sintática, observa-se a estrutura com nomenclatura estudada no âmbito escolar:



Na perspectiva gerativa, com o uso dos sintagmas, a estrutura dá-se $O = \emptyset + SV + SN$, sendo gramaticalmente aceita.



Através da caixa de Hockett, tem-se o seguinte modelo:

		o	dia	inteiro
		o	dia	inteiro
	trovejou	o	dia	inteiro
∅	trovejou	o	dia	inteiro
∅	trovejou	o	dia	inteiro

Ou

		o	dia	inteiro
		o	dia	inteiro
	trovejou	o	dia	inteiro
∅	trovejou	o	dia	inteiro
∅	trovejou	o	dia	inteiro
	Verbo	Artigo	Substantivo	Adjetivo
	Predicado verbal			
	Sintagma verbal			
	Frase			

Para a sintaxe funcionalista, a objetividade da frase é dada a partir da ausência do sujeito, construída através do uso do verbo impessoal *trovejou* empregado em seu sentido

habitual, denotativo, fenômeno meteorológico, na 3ª pessoa do singular. Classificado como intransitivo, há uma circunstância da regularidade da ocorrência desse fenômeno. A frase tem a estrutura: $\emptyset + V + N/Adv$.

Não há um tema explícito, mas a informação dada permite compreender a informação apresentada pelo predicado direcionado a um contexto de comunicação. A função dessa frase está centrada no aspecto informativo, com um nível de informatividade considerado mediano.

Na expressão *o dia inteiro*, ocorreu um fenômeno linguístico denominado de gramaticalização que consiste na mudança de função de um termo da oração: *o dia inteiro*, expressão substantiva, passa a ser um adjunto adverbial de tempo. Logo, o predicado passa a ser o constituinte obrigatório da oração.

Em seguida, outro caso para o estudo da sintaxe:

4) Nicolau tem interesse por leitura¹².

Tradicionalmente, o procedimento de análise acontece de forma isolada, como pode ser comprovado a seguir:

- Sujeito simples: Nicolau
- Núcleo do sujeito: Nicolau
- Predicado verbal: tem interesse por leitura
- Núcleo do predicado verbal: tem
- Verbo transitivo direto: tem
- Objeto direto: interesse por leitura
- Complemento nominal: por leitura

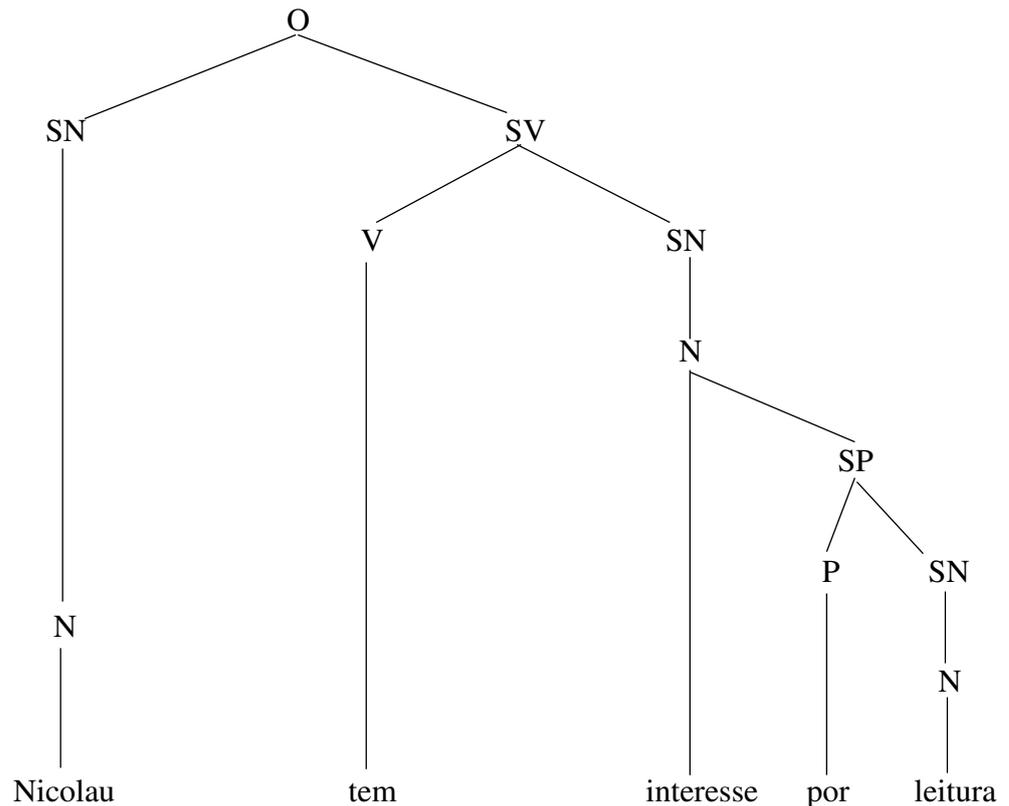
Nesse exemplo, constituindo a estrutura S + P, o substantivo próprio *Nicolau* desempenha a função de sujeito, sendo também a palavra central, ou seja, o núcleo do sujeito.

Quanto ao predicado, a sua formação foi feita com um verbo transitivo direto *tem*, que exige a presença de um complemento sem auxílio de preposição. Esse complemento verbal, *interesse por leitura*, trata-se de um objeto direto seguido por um complemento nominal. O núcleo do objeto direto, *interesse*, substantivo abstrato, não é o suficiente para atribuir sentido à frase, dessa forma justifica a presença do complemento nominal *por leitura*, tornando-se de conhecimento do interlocutor o interesse do sujeito.

¹² Exemplo retirado do livro Português linguagens (2015), p. 152.

É válido ressaltar na ordem direta dos termos oracionais no exemplo (4), seguindo a estrutura de sujeito + verbo + complemento, porém é bom apresentar ao aluno que esta mesma frase bem como outras podem seguir uma estrutura diferente sem alterar o seu sentido.

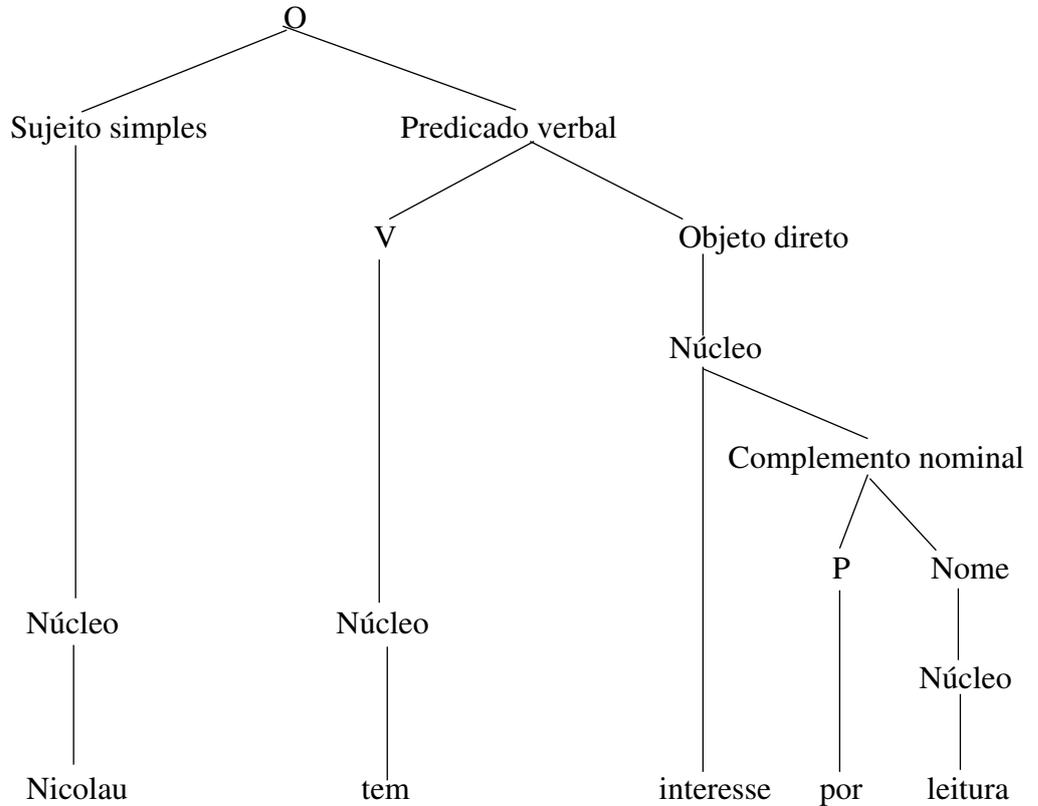
Na sintaxe gerativa, com o uso da Teoria dos Grafos, especificamente o diagrama arbóreo a mesma frase apresenta uma estrutura SN + SV + SN + SPrep (P + SN):



Adaptando as nomenclaturas para utilizar em sala de aula, os sintagmas recebem o nome das funções atribuídas às palavras na frase, visualizando a ligação entre os termos que se relacionam para a construção do sentido.

Esse sentido é garantido pelas relações sintáticas existentes entre os termos que constituem a oração, sem precisamente analisar as questões semânticas e pragmáticas que também estão presentes em todo contexto de comunicação verbal.

Confira:



Com a caixa de Hockett:

			por	leitura
		interesse	por	leitura
		interesse	por	leitura
	tem	interesse	por	leitura
Nicolau	tem	interesse	por	leitura
Nicolau	tem	interesse	por	leitura

A construção da caixa pode ser feita de acordo com a necessidade de acrescentar à análise elementos que permitem aprofundar o estudo do componente sintático. No caso acima, tem-se um grafo mais simples, sem nomear os elementos que foram utilizados para a construção da frase. À medida que o aluno for desenvolvendo essa habilidade em compreender a estrutura frasal, o professor pode apresentar novos termos para esse grafo. O exemplo a seguir traz uma caixa de Hockett bem mais completa em relação aos elementos presentes na frase.

Nesta caixa, além dos termos já estruturados, apresenta uma análise morfofossintática, classificação geral da oração em sujeito e predicado, sintagma nominal e sintagma verbal e, conseqüentemente, a ideia de frase.

Nicolau			por	leitura
		interesse	por	leitura
		interesse	por	leitura
	tem	interesse	por	leitura
	tem	interesse	por	leitura
Nicolau	tem	interesse	por	leitura
Substantivo	Verbo	Substantivo	Preposição	Substantivo
Sujeito	Predicado Verbal			
Sintagma Nominal	Sintagma Verbal			
Frase				

No contexto da análise funcional, encontra-se um sujeito agente, *Nicolau*, que detém sob a informação a ele atribuída o poder de ação. Ocupa uma baixa transitividade, pois só apresenta os traços de modalidade (*realis*) e de polaridade afirmativa. A função da frase é informativa, centrado no receptor da mensagem.

Professor, a próxima frase a ser analisada difere da construção das outras até o momento trabalhadas nessa parte do guia. Confira:

5) Paulo andou doente.¹³

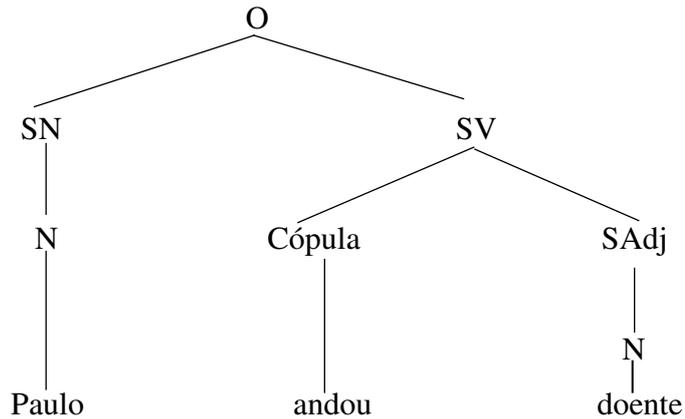
Tem-se em sua estrutura a seguinte composição:

- Sujeito simples: Paulo
- Núcleo do sujeito: Paulo
- Predicado nominal: andou doente
- Núcleo do predicado nominal: doente
- Verbo de ligação: andou
- Predicativo do sujeito: doente
- Núcleo do predicativo do sujeito: doente

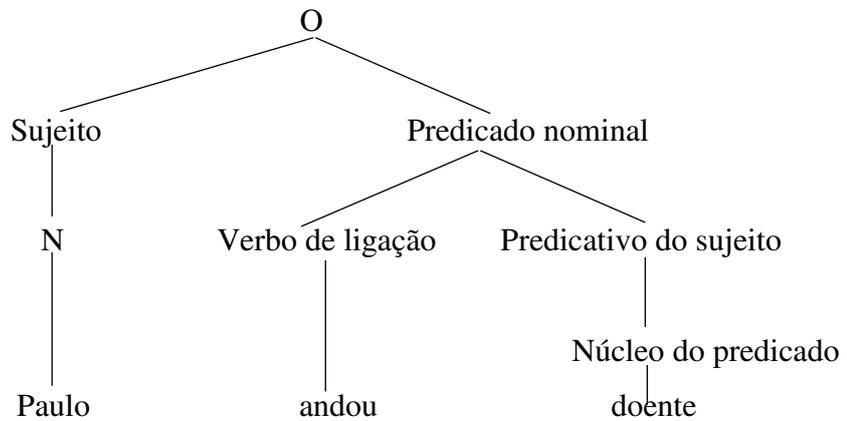
¹³ Exemplo retirado do livro Projeto Teláris – Português, p.112.

Nesse exemplo, é bom frisar o contexto em que o verbo **andar** aparece, pois costumeiramente é classificado como *intransitivo*, e o aluno tende a analisá-lo sempre com essa predicação. Esse fenômeno não só acontece com esse verbo, o contexto e o seu sentido determinam a sua classificação quanto à predicação.

Utilizando o diagrama arbóreo para realizar a análise, tem-se a estrutura O = SN + SV + SAdj:



Com a nomenclatura adotada pelo livro didático:



Com a caixa de Hockett:

		doente
	andou	doente
Paulo	andou	doente
Paulo	andou	doente

Com o uso desse grafo, fica evidente, nesse tipo de frase, os dois sintagmas nominais (Paulo, doente) como núcleos dessa estrutura. A informação indica um período em que o

sintagma *Paulo esteve doente* em um tempo passado, e hoje goza de saúde, o que caracteriza a formação do predicado nominal por indicar um estado momentâneo em que se encontrava o sujeito.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE:

1) Professor, inicialmente, apresente aos alunos exemplos básicos de análise sintática em que só evidencie a separação entre sujeito e predicado/ sintagma nominal e sintagma verbal.

Quanto às nomenclaturas utilizadas fica ao seu critério, caso queira usar a adotada pelo livro didático, não haverá problemas. A ideia é usar a Teoria dos Grafos como ferramenta para a aprendizagem de sintaxe.

2) A cada componente sintático estudado, é bom que no grafo, ele passe a ter um destaque.

3) Elabore exercícios em que peça ao aluno para realizar a análise sintática com o uso do diagrama arbóreo.

4) Sugira em outro exercício a utilização da caixa de Hockett como forma de reconhecer os elementos que constituem uma frase.

5) Proponha aos alunos que elaborem um grafo próprio para explicar a estrutura da frase, bem como os termos sintáticos presentes nela.

6) Utilize os exercícios do livro didático em que a análise sintática acontece de forma linear e horizontalmente, para que os alunos façam a análise com a Teoria dos Grafos: o diagrama arbóreo ou a caixa de Hockett.

7) Ao estudar todas as funções sintáticas referentes ao período simples,

8) Faça uma avaliação com os alunos sobre a utilização desse método em sala de aula, elencando as dificuldades encontradas para o seu uso, e os benefícios que contribuíram para uma melhor aprendizagem dos conteúdos ensinados.

Dialogando...

Estimado (a) professora(a), ensinar sintaxe, mesmo sendo considerado um desafio para nós professores em sala de aula, não pode se tornar um obstáculo para os alunos quando se tem como objetivo o contato com a língua e o seu manuseio.

Esse guia apresenta de forma sistemática possibilidades de complementar o ensino de sintaxe, a partir do livro adotado pela escola, proporcionando o trabalho com a Teoria dos Grafos, com aprofundamentos nas teorias tradicional, gerativa e funcional, uma vez que os manuais didáticos não exploram essa teoria.

Aperfeiçoar a nossa didática, melhorar a nossa relação com a língua, o modo de compreendê-la e, conseqüentemente, utilizá-la, faz-nos eternos aprendizes. O que se pode tornar um desafio, ao incluir em nossas práticas pedagógicas a Teoria dos Grafos, pode-se chegar a resultados muito significativos quanto à aprendizagem de sintaxe.

Essa proposta de trabalho aponta para um desprendimento das metodologias que não estão permitindo o aluno a avançar nos desafios que a língua propõe. É dinamizar nossas aulas de sintaxe, apresentando outras formas de ensiná-la.

Sabe-se que o livro didático é o nosso guia na sala de aula para a sistematização do ensino de língua materna, mas é sabido também que se reinventar diante dos problemas, ora presentes no próprio livro, permite a nós professores pesquisar e encontrar possíveis respostas para essas situações.

É fazer da sala de aula um espaço prazeroso para construção de novas ideias.

Espera-se, então, com a Teoria dos Grafos, que os professores possam:

- Trabalhar com a interdisciplinaridade, pois esse método está presente em outras áreas do conhecimento;
- Fazer com que o aluno perceba as relações entre as palavras que se relacionam entre si, para construção de novas outras frases, reconhecendo a estrutura da frase;
- Visualizar melhor a estrutura da frase;
- Analisar sintaticamente uma frase com outras possibilidades de demonstração;
- Dinamizar as aulas de sintaxe, desmitificando a ideia de que aprender esse componente da língua é complexo, restringindo a capacidade de compreensão para poucos;
- Instrumentalizar o aluno para o uso do diagrama arbóreo e da caixa de Hockett quando se propuser a realizar a análise sintática;

- Aprender sintaxe para que o aluno possa elaborar seus próprios texto orais e escritos;
- Desenvolver a competência comunicativa do aluno;
- Perceber que a nossa língua é uma estrutura viva, portadora de significação.

Dessa forma, munidos dessa vontade de transformar, reinventemos, com intuito sempre de melhorar, e comecemos a fazer essa mudança.

Como professores de língua, refletir sobre a língua, ensinar gramática, vivenciar a sintaxe, usar a Teoria dos Grafos, é o que nos move, é o que nos recicla, é o que nos potencializa, em prol da autonomia linguística e da competência comunicativa do aluno.

Bom estudo, um ótimo trabalho!

Epitácio

Referências

- AZEREDO, José Carlos de. **Iniciação à sintaxe do português**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- BARROS, D. M. V i e i r a, **guia didático sobre as tecnologias da comunicação e informação para o trabalho educativo na formação docente**, [em línea] disponível em <http://www.vieiralent.com.br/guia%20didatico%20primeiro%20cap%C3%ADtulo.pdf>, Acesso em: 02 de ago. 2016.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. **Análise linguística: afinal, a que se refere?** São Paulo: Cortez, 2013.
- BORBA, Francisco da Silva. **Teoria Sintática**. São Paulo: EDUSC, 1979.
- BORGATTO, Ana Maria Trinconi; BERTIN, Terezinha Costa Hashimoto; MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho. **Projeto Teláris: Português**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2012. (8º ano).
- CAIXA de Hockett. Disponível em: < https://gl.wikipedia.org/wiki/Caixa_de_Hockett >. Acesso em: 07 ago. 2016.
- CAMPOS, Elísia Paixão de. **Por um novo ensino de gramática: orientações didáticas e sugestões de atividades**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2014.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Theresa Cochar. **Português linguagens**. 9 ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2015 (8º ano).
- COSTA, Polyanna Possani da. **Teoria de Grafos e suas Aplicações**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, São Paulo, 2011.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da. OLIVEIRA, Mariangela Rios de. MARTELOTTA Mário Eduardo.(Orgs). **Linguística funcional: teoria e prática**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- _____. SOUSA, Maria Medianeira de. **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo: Cortez, 2011.
- DUARTE, Maria Eugênia. Termos da oração. In. VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. (Orgs). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG. **Glossário Ceale**. Disponível em: < <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/sintaxe> >. Acesso em: 04 ago. 2016.
- FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Sintaxe para educação básica**. São Paulo: Contexto, 2012.
- FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo “Gramática”?**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2013.

GONÇALVES, Rodrigo T. **Chomsky e o aspecto criativo da linguagem**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. V. 5, n. 8, março de 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

LUFT, Celso Pedro. **Gramática resumida**: explicação da nomenclatura gramatical brasileira. 9. ed. Porto Alegre: Globo, 1987.

_____. **Moderna gramática brasileira**. 2 ed. São Paulo: Globo, 2002.

LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional/EDUSP, 1979. Trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva & Hélio Pimentel.

NEVES, M. H. M. **A Gramática Funcional**. S. Paulo: Martins Fontes, 1997.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é linguística?** 2. ed. São Paulo: Brasiliene, 2009 (Coleção primeiros passos).

PERINI, M. A. **Gramática Descritiva do Português**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. **Princípios da linguística descritiva**: introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Prábola Editorial, 2006.

_____. **Para uma nova gramática do português**. São Paulo: Ática, 1985.

POSSENTI, Sírio. **Questões de linguagem**: passeio gramatical dirigido. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

ROCHA LIMA, Carlos Eduardo da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 35. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

RIOLFI, Cláudia. (et al.). **Ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo: Thomson Learning, 2008. (Coleção ideais em ação).

SACCONI, Luiz Antônio. **Nossa Gramática**. Teoria e prática. 25 ed. São Paulo: Atual, 1999.

TEORIA dos Grafos. Disponível em: < <http://www.inf.ufsc.br/grafos/definicoes/definicao.html> >. Acesso em: 05 ago. 2016.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das teorias aqui expostas, defendidas e compartilhadas, ratifica-se a necessidade de o professor procurar sempre no conhecimento uma forma de melhorar a sua prática pedagógica, mesmo sabendo que a procura pela informação constitui, em determinados momentos e circunstâncias, um desafio que não depende apenas do docente. Quando surge uma oportunidade para realização de um determinado curso, faltam: tempo, disponibilidade, muitas vezes recursos financeiros e até mesmo o apoio por parte da instituição onde trabalha.

Mesmo diante dessa realidade preocupante em que vive o professor, é certo que a participação em cursos de especialização, a busca por aperfeiçoamento profissional produz mudanças significativas em qualquer ambiente de trabalho. O acesso a essa constante procura pela formação, instigada pela sociedade, pelo ambiente de trabalho ou por uma inquietação própria e individual, faz a diferença, quando se trata de educação, no ensino e na aprendizagem.

A partir desse contexto, fundamenta-se a importância do Profletras na vida do professor de língua portuguesa. O contato com a teoria permite aprofundar a informação necessária sobre determinada temática, fazendo desse conhecimento adquirido uma ferramenta para fundamentar as intervenções pedagógicas na prática docente, pois o campo das ideias acarreta mudanças na concretização da prática do professor, desmitificando teorias e metodologias de outrora ao fomentar um anseio por um ensino mais dinâmico, reflexivo e participativo.

Sobre a atuação do profissional em formação e/ou formado em Letras, as aulas do Profletras instigam a reflexões intrínsecas e, conseqüentemente, a necessidade de externá-las. Foi através desse curso que as aspirações de uma vida, reavivaram o hoje, para pensar o agora, e melhorar o amanhã, propondo uma ponte entre a teoria e a prática, pontos indissociáveis, mas cada qual com o seu devido valor, ao sustentar ações pertinentes e coerentes para assegurar um ensino de melhor qualidade.

Muitos dos problemas enfrentados em sala de aula, precisamente nas aulas de língua portuguesa, incidiram intervenções pedagógicas com o intuito de minimizar as dificuldades de ensino-aprendizagem, vivenciadas pelos dois participantes mais efetivos desse processo: o professor e o aluno. Ao encarar as profundas mudanças impulsionadas pela tecnologia,

economia, política e cultura na sociedade atual, e que agem diretamente na forma da língua/linguagem no âmbito escolar, o professor e o aluno devem compartilhar suas experiências para o fortalecimento da escola que produz conhecimentos, descobre talentos.

Infer-se, então, que a escola é ativa, renova-se, e o conhecimento de língua deve ser visto como algo dinâmico e necessário, pois transcende as barreiras do tempo, as paredes da escola e se constitui como uma competência a ser desenvolvida no/pelo aluno. Aluno que, muitas vezes, encontra-se desmotivado por julgar importante ou não, determinado conteúdo para sua vida, ou mesmo reconhecendo o valor de um assunto, não se sente capaz de aprender.

Dessa forma, com a finalidade de desenvolver um trabalho que vinculasse a teoria à prática, preferiu-se o ensino de gramática, especificamente, a sintaxe, admirada por uns e criticada por outros, a partir de sua abordagem nos livros didáticos, responsáveis pelo contato direto do aluno com o estudo de língua, no entanto com distâncias consideráveis entre o que se ensina e o que se aprende.

Nas palavras de Castilho (2012, p. 105), há uma evidência para toda essa problemática, pois

para assegurar o envolvimento dos alunos na reflexão linguística, precisamos substituir nossos *cursos* por *percursos*. E para isso formou-se a convicção de que é necessário buscar um conhecimento minucioso do português brasileiro, previamente às decisões sobre como ensiná-lo. Enquanto não conhecemos em profundidade nossa língua, continuaremos a repetir lições que refletem usos já desaparecidos, provenientes de outros momentos históricos da sociedade brasileira.

É preciso repensar práticas e introduzir novas formas de trabalhar, para induzir novos apontamentos. Possivelmente, os professores não estejam atentos a essas profundas mudanças no sistema de ensino, ou mesmo atentos, percebem, mas continuam a vivenciar práticas que serviram no passado, ou impostas nesse tempo, e que tende a persistir na atualidade. Mudar é ser audacioso, mudar causa medo, porém arriscar com responsabilidade é coragem, é acreditar que o conhecimento é responsável por uma transformação coerente na realidade em que se vive.

Se o conceito de Sintaxe, revisitado nessa pesquisa, em que autores como Borba, Luft, Azeredo, Castilho, entre outros, defendem o seu papel na construção de uma comunicação real e ideal, a proposta desse trabalho não surgiu de algo desconhecido, mas de uma ciência difundida entre os teóricos da língua, e esquecida pelos manuais didáticos da educação básica e pelos professores. No que diz respeito ao ensinar sintaxe, a Teoria dos Grafos funciona como forma de facilitar a compreensão da organização estrutural da frase.

Ao considerar a sintaxe a responsável pela organização da estrutura da frase, suas relações de dependência que iniciam a partir da seleção e, posteriormente, a combinação de palavras, possibilita a concretização de que o seu estudo, sempre é importante e será válido para o conhecimento de língua. A língua que individualiza e, ao mesmo tempo socializa. A língua que em sua maestria transforma palavras em grandes enredos, grandes histórias e grandes poesias.

Para o estudo de sintaxe nas escolas, o suporte dado ao aluno é feito através do uso do livro didático que, mesmo enfrentando falhas em seu processo de escolha para uso na escola, expõe problemas na composição e organização, como, principalmente, a fragmentação dos conteúdos. Outro fator preponderante, é considerá-lo como se fosse a única fonte de verdade prestigiada socialmente, ficando preso a seus modelos e metodologias que nem sempre são eficazes para aprendizagem do aluno. Tendo em vista as lacunas existentes nos livros didáticos para o ensino de sintaxe, cabe ao professor procurar outras fontes para minimizar as distâncias entre o ensinar e o aprender, trazer para a sala de aula outros olhares sobre o mesmo conteúdo trabalhado. Novamente, não há uma defesa de abandonar o livro didático adotado pela escola, mas complementá-lo naquilo que não ficou claro para o aluno.

Os problemas mais frequentes nos livros didáticos, em especial os analisados nesse trabalho, estão desde a sistematização dos conteúdos aos exercícios que exploram respostas curtas e simples, sem esquematizar como se chegou àquela ideia, conceitos vagos, sendo que o componente sintático sempre está deixado para as últimas seções do manual.

Pensando assim, há a necessidade de preencher as lacunas do livro e da aula, como intervenção pedagógica. O uso da Teoria dos Grafos, difundida entre as áreas de conhecimento, inicialmente utilizada pelos estruturalistas, ganhou destaque entre os gerativistas, ao constituir um método para realizar a análise sintática, uma melhor visualização das relações entre os termos oracionais em prol da construção do sentido da frase, ao ponto que o aluno não se sinta um refém da língua, mas um usuário consciente dela.

Para que isso aconteça, o ponto máximo do trabalho é a elaboração do Guia Didático. Com ele o professor pode introduzir nas aulas de análise sintática outras formas de realizar esse estudo. No caso, a proposta de trabalhar a análise do componente sintático, através do diagrama arbóreo e da caixa de Hockett, constitui um desafio para o professor e, ao mesmo tempo, deve dinamizar as aulas de língua, facilitar a compreensão da estrutura da frase, colaborar com a visualização dos termos utilizados para construção frasal, e ainda permite reconhecer que palavras ocupam com maior frequência a função desses termos na frase.

O aluno sendo capaz de utilizar esse método, passa a ter uma autonomia não só na análise sintática, mas também na construção de frase, usando a criatividade no momento de conduzir as aulas de língua portuguesa, de estudar a sintaxe e de utilizá-la. É desenvolver o saber do aluno ao direcioná-lo para o uso de outras formas de analisar uma frase. Com o diagrama arbóreo e suas relações entre os sintagmas e a caixa de Hockett com a sua segmentação dos constituintes da oração, diminui esse distanciamento em saber fazer e aplicar o que sabe.

Logo, a defesa pelo ensino e aprendizagem de sintaxe no período simples, ao longo desse trabalho, parte da necessidade de complementação do livro didático adotado pela escola no Ensino Fundamental, a partir do 8º ano, através da utilização da Teoria dos Grafos. É um produto inquestionável quanto à sua validade para melhoria do ensino de sintaxe, uma contribuição necessária para a escola, um guia instrumental para a pesquisa do professor e uma abertura para que os alunos possam também criar, juntamente com o professor, outras formas de analisar sintaticamente uma frase, a partir de grafos produzidos pelos próprios estudantes, promovendo novos questionamentos, e outras contribuições para o ensino.

Ao garantir uma melhor aprendizagem desse componente linguístico, ao servir para provocar outras inquietações a fim de uma reflexão para melhores propostas de ensinar sintaxe, a TG torna-se uma fórmula poderosa nas mãos do professor e do aluno que desejam minimizar os problemas de saber gramática, compreender e fazer sintaxe. E o Guia Didático, aqui produzido, é o instrumento para o início dessa nova escola, temerosa em aprender, mas com sede em ser, seres plurais.

E que, definitivamente, este produto seja útil ao professor, para que o mesmo possa reconduzir suas práticas e fazer da sala de aula um local para a introdução de boas ideias, novas ideias, e que a formação do aluno seja a preocupação constante, e no quesito aprender língua, faça de cada momento de reflexão e de ensinamento um direcionamento para o desenvolvimento da competência comunicativa do falante, necessária para a vida pessoal, pois a comunicação interliga, socializa pessoas, globaliza o mundo.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Luiz. Sintaxe Lexical. In: OTHERO, Gabriel de Ávila; KENNEDY, Eduardo.(Orgs). **Sintaxe, sintaxes: uma introdução**.São Paulo: Contexto, 2015. p. 103 – 121.
- ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- AZEREDO, José Carlos de. **Iniciação à sintaxe do português**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- _____. Sintaxe Normativa Tradicional. In: OTHERO, Gabriel de Ávila; KENNEDY, Eduardo.(Orgs). **Sintaxe, sintaxes: uma introdução**.São Paulo: Contexto, 2015. p. 197 – 216
- BARBOSA, Saberes gramaticais na escola. In. VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. (Orgs). **Ensino de gramática**: descrição e uso. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- BARROS, D. M. V i e i r a, **guia didático sobre as tecnologias da comunicação e informação para o trabalho educativo na formação docente**, [em línea] disponível em <http://www.vieiralent.com.br/guia%20didatico%20primeiro%20cap%C3%ADtulo.pdf>, Acesso em: 02 de ago. 2016.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2009.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. **Análise linguística**: afinal, a que se refere? São Paulo: Cortez, 2013.
- BORBA, Francisco da Silva. **Teoria Sintática**. São Paulo: EDUSC, 1979.
- BORGATTO, Ana Maria Trinconi; BERTIN, Terezinha Costa Hashimoto; MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho. **Projeto Teláris: Português**. 1 ed. São Paulo: Ática, 2012. (8º ano).
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto.**Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. 2 ed. Brasília: MEC/ SEF, 1997.
- _____. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAIXA de Hockett. Disponível em: < https://gl.wikipedia.org/wiki/Caixa_de_Hockett >. Acesso em: 07 ago. 2016.
- CAMPOS, Elísia Paixão de. **Por um novo ensino de gramática**: orientações didáticas e sugestões de atividades. Goiânia: Câne Editorial, 2014.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**.1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Theresa Cochar. **Português linguagens**. 9 ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2015 (8º ano).

- COSTA, Polyanna Possani da. **Teoria de Grafos e suas Aplicações**. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, São Paulo, 2011.
- CUNHA, Celso. CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora digital, 2007.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da. OLIVEIRA, Mariangela Rios de. MARTELOTTA Mário Eduardo.(Orgs). **Linguística funcional: teoria e prática**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- _____. SOUSA, Maria Medianeira de. **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo: Cortez, 2011.
- DUARTE, Maria Eugênia. Termos da oração. In. VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. (Orgs). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG. **Glossário Ceale**. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/sintaxe>>. Acesso em: 04 ago. 2016.
- FEOFILOFF, P; KOHAYAKAWA Y; WAKABAYASHI. **Uma Introdução Sucinta à Teoria dos Grafos**. Disponível em <<http://www.ime.usp.br/~pf/teoriadosgrafos/>>. Acesso em: 06 out. de 2015.
- FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Sintaxe para educação básica**. São Paulo: Contexto, 2012.
- FOLTRAN, M. J. Ensino de sintaxe: atando as pontas. In: MARTINS, M.A.(Org). **Gramática e ensino**. Coleção Ciências e Linguagem Aplicadas ao Ensino, volume I. Natal: EDUFRN, 2013. p. 163-184.
- FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo “Gramática”?**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2013.
- GARDINER, A. (Sir). **The theory of speech and language**. 2. ed. Oxford: Clarendon Press, 1963.
- GONÇALVES, Rodrigo T. **Chomsky e o aspecto criativo da linguagem**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. V. 5, n. 8, março de 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].
- GUIMARÃES, Maximiliano. Sintaxe Minimalista. In: OTHERO, Gabriel de Ávila; KENNEDY, Eduardo.(Orgs). **Sintaxe, sintaxes: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 27 – 49.
- KLEIMAN, Angela B; SEPULVEDA, Cida. **Oficina de gramática: metalinguagem para principiantes**. Campinas-SP: Pontes Editora, 2014.

LUCCHESI, Cláudio Leonardo. **Introdução à Teoria dos Grafos**. Disponível em: <http://www.impa.br/opencms/pt/biblioteca/cbm/12CBM/12_CBM_79_05.pdf>. Acesso em 16 dez. 2015

LUFT, Celso Pedro. **Gramática resumida**: explicação da nomenclatura gramatical brasileira. 9. ed. Porto Alegre: Globo, 1987.

_____. **Moderna gramática brasileira**. 2 ed. São Paulo: Globo, 2002.

LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional/EDUSP, 1979. Trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva & Hélio Pimentel.

MACHADO, Maria da Conceição. **Fundamentos de Sintaxe**. (In. Linguística e Ensino de Língua Portuguesa: Sensibilidade Cultural e Interação Didática-Pedagógica). Teresina: EDUFPI, 2000.

MILANEZ, Wânia. **Pedagogia do oral: condições e perspectivas para sua aplicação no português**. Campinas, São Paulo: Sama, 1993.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth. **Novo manual de sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

NEVES, M. H. M. **A Gramática Funcional**. S. Paulo: Martins Fontes, 1997.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é linguística?** 2. ed. São Paulo: Brasiliene, 2009 (Coleção primeiros passos).

OTHERO, Gabriel de Ávila; KENNEDY, Eduardo.(Orgs). **Sintaxe, sintaxes: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. **A gramática da frase em português**: algumas reflexões para a formalização da estrutura frasal em português. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

PALMER, L.R. **Introducción crítica a la lingüística descriptiva y comparada**. Madri: Gredos, 1975.

PEREIRA, José Reis. **Sintaxe estrutural**. Teresina: EDUFPI, 2000.

PERINI, M. A. **Gramática Descritiva do Português**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. Sintaxe Descritiva. In: OTHERO, Gabriel de Ávila; KENNEDY, Eduardo.(Orgs). **Sintaxe, sintaxes: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2015. p.185 – 195.

_____. **Princípios da linguística descritiva**: introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. **Para uma nova gramática do português**. São Paulo: Ática, 1985.

POSSENTI, Sírio. **Questões de linguagem**: passeio gramatical dirigido. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PROENÇA FILHO, Domício. **Noções de gramática em tom de conversa: língua portuguesa.** São Paulo: Editora do Brasil, 2003.

ROCHA LIMA, Carlos Eduardo da. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 35. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

RIOLFI, Claudia. (et al.). **Ensino de Língua Portuguesa.** São Paulo: Thomson Learning, 2008. (Coleção ideais em ação).

SACCONI, Luiz Antônio. **Nossa Gramática.** Teoria e prática. 25 ed. São Paulo: Atual, 1999.

SANTOS, Márcia Angélica dos. **Aprenda análise sintática.** 6 ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

SOUZA e SILVA, Maria Cecília P. de; KOCH, Ingedore Villaça. **Linguística aplicada ao português: sintaxe.** 8 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

TEORIA dos Grafos: banco de dados: Disponível em < <http://www.ime.usp.br/~pf/teoriadosgrafos/texto/TeoriaDosGrafos.pdf> >. Acesso em: 18 nov. 2015.

_____ : banco de dados: Disponível em: < www.hardeman-it.com.br/mestrado/arquivos?Cap07-TeoriaDosGrafos.pdf >. Acesso em: 22 fev. 2016,

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática.** 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

